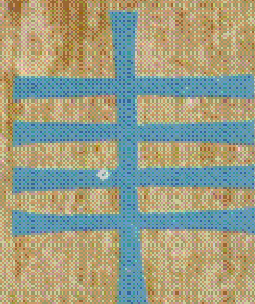


RALPH M. LEWIS, F.R.C.

O SANTUÁRIO DO EU

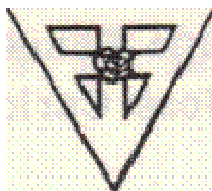


BIBLIOTECA ROSACRUZ

III

RALPH M. LEWIS, F.R.C.
Imperator da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C.

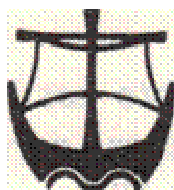
O SANTUÁRIO DO EU



COORDENAÇÃO
Maria A. Moura, F.R.C.

Segunda Edição

Biblioteca Rosacruz
Volume III



EDITORA RENES
Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA



A

KENDAL BROWER

Cujos companheirismo e amizade sincera são uma
Lembrança tão terna quanto foram uma possessão
Inestimável durante os anos da nossa íntima
Associação em interesses mútuos

R.M.L.

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Índice

INTRODUÇÃO	5
PRIMEIRA PARTE: OS MISTÉRIOS	9
Capítulo I: A VIDA MÍSTICA.....	9
Capítulo II: O CONCEITO DE DEUS	18
Capítulo III: O EU E A ALMA.....	28
Capítulo IV : AMOR E DESEJO	38
Capítulo V: A VIDA PLENA	47
Capítulo VI: LUZ E ILUMINAÇÃO	54
Capítulo VII: MORTE – A LEI DA MUDANÇA.....	58
Capítulo VIII: CAUSALIDADE E CARMA	61
Capítulo IX: Carma em efeito	72
Segunda parte: A TÉCNICA.....	79
Capítulo X: PENETRANDO O SILÊNCIO	79
Capítulo XI: MEDITAÇÃO	83
Capítulo XII: A NATUREZA DA ORAÇÃO.....	92
Capítulo XIII: AFIRMAÇÕES – SEU USO E ABUSO	99
Capítulo XIV: A PALAVRA PERDIDA.....	107
Capítulo XV: A TÉCNICA DA INICIAÇÃO	114
TERCEIRA PARTE: AS ARMADILHAS	129
Capítulo XVI: OCULTISMO, HERMETISMO E ESOTERISMO.....	129
Capítulo XVII: ILUSÕES DO ESPÍRITO.....	144
Capítulo XVIII: SUPERSTIÇÃO.....	155
Capítulo XIX: A NATUREZA DOS SONHOS	162
Capítulo XX: PREDIÇÃO.....	167
QUARTA PARTE: REALIZAÇÃO	176
Capítulo XXI: MAESTRIA E PERFEIÇÃO	176
Capítulo XXII: ESPIRITUALIDADE	185
Capítulo XXIII: CONSCIÊNCIA CÓSMICA.....	189

INTRODUÇÃO

Esta obra não procura um sistema de filosofia mística; esforça-se, contudo, em dar ênfase àqueles princípios que são necessários ao verdadeiro misticismo. Todas as filosofias místicas tradicionais têm certos objetivos comuns. E, assim, podemos dizer que são estes fins que constituem o verdadeiro misticismo. No estudo desses sistemas, verificamos certos princípios que persistem, e são, na realidade, a estrutura de todo o pensamento. Sua continuidade, ou ordem de progressão, nem sempre é a mesma, nem tampouco a maneira da sua apresentação. Os sistemas divergem uns dos outros, principalmente pela disseminação de dogmas contrários.

Arrisco dizer que o joio do misticismo é, justamente, este dogma. Ele é, muitas vezes, o resultado de algum intérprete ardoroso da filosofia mística que tenha tentado **discorrer longamente** sobre as verdades místicas básicas, que foram lentamente elaboradas. Já que uma atitude de reverência se assentou como majestoso manto sobre algumas das filosofias místicas mais antigas, muitas vezes considera-se sacrilégio eliminar o dogma ultrapassado. Este dogma permanece, não só para atormentar o estudioso com confusão e sujeitar sua paciência a duras provas, mas também coloca o misticismo, para o público, sob uma luz desfavorável.

Grande parte da crítica adversa ao misticismo, especialmente nos tempos modernos, tem sido inspirada pelo sectarismo religioso. As fraquezas da natureza humana - inveja, ciúme e ódio - se têm refletido até mesmo no que passa por ser nobre esforço humano, tal como a divulgação da religião. Portanto, os mal orientados fanáticos religiosos acreditam ser seu dever atacar e esmagar qualquer

pensamento que se desvie do seu. O misticismo há muito é o seu alvo. E continuará a sê-lo, por mais prístinas que sejam suas percepções.

Há, contudo, os que não nutrem preconceitos contra o misticismo, que estão, na verdade, em busca do que ele oferece. Entretanto, são desencorajados pelo joio existente em muitos dos sistemas místicos. Se esta obra puder fazer com que, aquele cuja consciência está pronta para abraçar o misticismo, reconheça os verdadeiros preceitos místicos em meio ao joio, então este livro terá cumprido a sua finalidade.

O autor não é tão presunçoso a ponto de sugerir que o que aqui está contido constitui todas as concepções místicas básicas. Como oficial da Ordem Rosacruz - A.M.O.R.C., há mais de duas décadas tem estado em contato com milhares de estudiosos do misticismo no mundo inteiro. Em sua opinião, o êxito que os estudiosos têm tido, ou não, muitas vezes depende do grau da sua compreensão dos preceitos místicos apresentados nestas páginas. Unicamente por esta razão estes preceitos foram escolhidos.

Notar-se-á que alguns dos capítulos são dedicados a assuntos sem conteúdo místico. Para se alcançar qualquer objetivo, saber **o que não fazer** é muitas vezes tão importante quanto **o que fazer**. Por conseguinte, as armadilhas do misticismo são igualmente delineadas. Para cumprir esta finalidade, o livro é dividido em quatro partes.

A Primeira Parte diz respeito aos **Mistérios**. Por **Mistérios** referimo-nos àquelas experiências capitais da vida que ao primeiro contato, parecem inexplicáveis. O fato de elas nos comoverem tão poderosamente e muitas vezes parecerem tão desorientadoras resulta em um de dois cursos de ação. Ou o indivíduo tenta escapar de tais realidades e, desse modo, se dissocia do âmbito da

vida normal, ou as combate com superstições - crenças que o transformam num escravo de medos. Portanto, a Primeira Parte deste livro é de orientação; é um fitar honesto no espelho da vida que reflete a nós mesmos e nossa relação com a existência.

A Segunda Parte poderia ser chamada: a **Técnica**. Conforme relatado, consiste daquelas práticas principais pelas quais se poderia alcançar o estado místico.

A Terceira Parte é o aspecto negativo; contém uma advertência sobre o que não fazer, e o que não pensar. Como todo estudioso diligente sabe, freqüentemente se tem permitido que os limites do misticismo, ocultismo, hermetismo e metafísica se sobreponham. Somente quando um estudioso já foi muito longe numa direção é que, às vezes, descobre que deveria ter dobrado à direita ou à esquerda muito tempo antes, para encontrar o que realmente procura. Esta Terceira Parte intenta definir os limites entre estes vários assuntos e, também, tenta delinear os obstáculos, as armadilhas que se acredita que o estudioso possa encontrar. Falamos do joio em meio ao trigo da verdade mística. Esta parte do livro refere-se às qualidades prejudiciais deste joio e de como elas podem ser combatidas.

A Quarta Parte procura avaliar a vida mística, enumerando o que o aspirante bem sucedido alcançará como resultado dos seus esforços. Ela não os exhibe apenas como finalidades, mas tenta uma definição do que é quase indescritível. Os que atingem esses objetivos talvez não concordem com o conteúdo positivo que o autor lhes atribuiu, porque, afinal de contas, eles são uma experiência pessoal. Entretanto, acredito que o leitor concordará com o autor sobre o que estas finalidades do misticismo **não** deveriam consistir.

As definições foram oferecidas para impedir que o aspirante místico se desiluda, por imaginar ter atingido um ponto tal que o fizesse crer não necessitar de progresso adicional. Muitos têm abandonado os estudos místicos só porque acharam, a meio-caminho, que aquilo que julgavam ser a verdadeira jóia da realização, havia perdido seu brilho. O que é verdadeiro tem de ser distinguido do falso. O estado místico real é sempre reconhecido como tal. Portanto, se o falso não é previamente reconhecido por si mesmo, pode vir a interromper a expansão da consciência, até que se perceba a sua qualidade prejudicial.

RALPH M. LEWIS

1.º de maio de 1947

PRIMEIRA PARTE: OS MISTÉRIOS

Capítulo I: A VIDA MÍSTICA

No mundo das máquinas, diz-se que a eficiência implica na coordenação de todas as partes de uma máquina para alguma finalidade válida. Uma máquina complexa e eficiente, consistindo de engrenagens, eixos, êmbolos e rodas motrizes, tem de ter cada uma destas peças não só para funcionar ou estar em movimento, como também elas têm de concorrer para a finalidade para a qual a máquina foi criada. A eficiência desta consiste em cada parte contribuir para o todo, fazer algo para que a máquina cumpra sua finalidade; do contrário, se a máquina simplesmente funciona, se, apenas, opera e nada realiza, torna-se fruto do desperdício da energia da mente do projetista e de todas as mentes que contribuíram para a sua construção. E, também, desperdício de material valioso do qual se compõe.

Pois bem, se isto é válido no mundo das máquinas, o é muito mais em nossa vida individual. Portanto, na vida, a eficiência consiste da aplicação de nossa existência a algum propósito Cósmico que a justifique. Presumindo que cada um de nós é uma máquina, não basta que sejamos máquinas saudáveis ou que organicamente nossa função seja correta, ou que tenhamos e mantenhamos bastante energia e vitalidade (ou vigor, como se diz normalmente), mas que todas estas coisas sejam usadas para uma missão, para a finalidade para a qual fomos individualmente criados.

Por conseguinte, um aspecto da vida, e que é ignorado pela maioria das pessoas, é a vida mística. A vida mística proporciona a razão **por que** vivemos. A vida mística determina a causa da nossa existência individual e o uso que

deveríamos dar ao nosso corpo e à nossa vitalidade e magnetismo animais. A vida mística, como a vida física, requer certo preparo. Se temos de estudar as regras da alimentação, se temos de estudar higiene, se temos de saber os rudimentos da boa saúde para sermos saudáveis e fisicamente normais, por certo, também, deveríamos dar alguma atenção e consideração ao lado místico de nossa existência. Também temos de nos preparar para ele de um modo inteligente.

Talvez o primeiro requisito no preparo para a vida mística seja abandonar todas as concepções populares sobre o que um místico deveria ser. O místico não é uma pessoa que se enquadre num padrão objetivo. Ele não tem um tipo determinado; isto é, não tem uma figura característica, como Papai Noel. O místico é aquele que adota determinada atitude mental. Como todo aquele que tem um ideal nobre, ele nem sempre o indica em si.

O místico é um homem — isto é, pertence à espécie **Homo sapiens** — como todos nós. Por conseguinte, é muitíssimo mortal, sujeito, às vezes, a todas as fraquezas e tentações de um ser humano. Tem, naturalmente, todas as variações físicas encontradas em qualquer ser, em meio à multidão que passa. Além disso, a vida mística não tem raízes raciais. O sangue asiático não pode produzir místicos maiores do que o pode o sangue que corre nas veias de um ocidental. É igualmente uma ilusão imaginar que a localização geográfica estimula a atitude mística da mente. Não existe atmosfera especial no Tibete, no Egito, na China ou na Índia, capaz de impregnar de atributos místicos todos os que simplesmente lá residem.

Como o ouro, os elementos do misticismo estão onde quer que os encontremos — isto é, onde quer que os sintamos.

É bom acrescentar que os atributos do misticismo não são necessariamente herdados. As qualidades fundamentais estão latentes em todo

indivíduo — em algumas pessoas elas podem produzir um fanático ortodoxo, insensível, na realidade, às doutrinas do misticismo. A compreensão um tanto singular da vida, que se diz que um místico tem, não é um dom Cósmico.

Em linguagem simples, a atitude mística da mente (que é mostrada) não é uma concepção Divina. O místico é uma pessoa que evoluiu; ele deve usar as faculdades que possui, despertando suas qualidades latentes, e dirigi-las para o canal que constitui a atitude mística da mente. A interpretação mística da vida não é um manto misterioso que baixa sobre um indivíduo e o distingue, propositadamente, dos outros homens.

Portanto, ao abraçarmos voluntariamente a vida mística, primeiro é necessário livrar nossa mente de todos os preconceitos e predisposições, das opiniões que formamos, das conclusões a que chegamos arbitrariamente, e especialmente do que ouvimos dizer. Temos de nos despir mentalmente, livrarmos com firmeza do manto no qual nos envolvemos inconscientemente, por força do hábito, a cada ano que passa. Temos de libertar nossa mente de todos esses empecilhos e estar preparados para aceitar somente aquelas coisas que, como disse o famoso filósofo Descartes, despertam dentro de nós a sua aceitação intuitiva, uma sensação de que são verdades e que constituem conhecimento real.

Francis Bacon, eminente filósofo e, poderíamos dizer, o pai do nosso atual método científico, adotava esse método para chegar a fatos científicos. Declarou, certa vez, que o homem deveria despojar sua mente de todos os ídolos; das coisas que construímos erroneamente em nossa mente pela imaginação, pela suposição; libertar-se dos ídolos da tradição, das coisas que aceitamos porque nos foram transmitidas, ou porque têm simplesmente a autoridade da idade para apoiá-las. Temos de abordar a vida como se saíssemos pela primeira vez de uma sala

escura para outra, iluminada, sem qualquer antecipação ou expectativa sobre o que iremos ver ou ouvir e, então, submeter cada experiência à nossa própria análise, sem colori-las com a análise alheia. Aquele que realmente deseja abordar a vida mística de um modo franco, na esperança de então ser capaz de governar-se adequadamente, não pode ser um covarde. Não deve temer a opinião pública; nem, tampouco, hesitar em combater ou desafiar a tradição.

Você já parou para pensar sobre o verdadeiro valor ou mérito da tradição? Quando se constitui um benefício para o homem e quando é para ele um estorvo? As tradições são como os degraus de uma escada. Representam a elevação do homem. Destinam-se a impedir que ele entre em decadência, mas não se destinam a detê-lo. Sempre que a tradição o mantém preso, de modo que o impeça de guindar-se ao degrau seguinte, transforma-se, então, num estorvo. Deveríamos encarar as tradições como sinais de encorajamento; deveríamos encontrar nelas uma satisfação devido ao progresso que o homem tem feito. Deveríamos tirar da tradição o melhor que ela tem a oferecer, e construir sobre ela. Por conseguinte, é necessário que cada um de nós tome as tradições da época e as submeta a um exame pessoal para verificar, no que nos diz respeito, por que é necessário que elas sejam mantidas. Se pudermos aperfeiçoar as tradições, deveremos fazê-lo. Se não pudermos, não devemos abandoná-las, a menos que se demonstre que elas não têm mais valor algum.

O ser humano é dotado de raciocínio, uma faculdade também encontrada em animais inferiores, e temos de empregar este poder. Não devemos ser como crianças e aceitar condições e circunstâncias, apenas, com base na fé; temos de ponderá-las. O homem ou a mulher que não emprega este poder da razão não progrediu além do nível da criança que foi. Na verdade, é seguro dizer que tais

peças não evoluíram mais que um chimpanzé, que reage instintivamente ao seu ambiente tal como uma criança o faz, sem saber por que o faz, ou sem sequer estar preocupado com a razão pela qual o faz.

Em nossas considerações da vida mística, temos de começar com o homem, simplesmente porque não existe nada mais familiar, nada com o qual estejamos mais estreitamente relacionados, nada que possamos sentir ou analisar tão intensamente, tão atentamente, quanto nós próprios. Por que começar com uma análise ou um exame do universo que o cerca? Com os planetas no alto, ou outros corpos cósmicos, com as leis universais, ou com a realidade em geral? Afinal de contas, todas as coisas fora de nós mesmos são medidas em termos do seu valor ou relação conosco. As coisas que você vê, ouve, sente, saboreia e cheira **podem** ter existência fora de você mesmo, mas a forma como elas são percebidas e a maneira como você reage a elas dependem da sua interpretação das mesmas e das suas qualidades sensoriais. Portanto, já que você mede essas coisas que estão fora de si, em termos pessoais, é melhor começar por você mesmo.

Ao começar com o homem, você deve compreender que não só o homem é Divino. De uma certa forma, é lamentável que quase todas as religiões e filosofias tenham criado, com tanto vigor, a impressão da natureza Divina do homem que, na mente de muita gente hoje em dia, se robusteceu a idéia de que todas as coisas que não sejam o que elas chamam de a **alma do homem** são declaradas vulgares, praticamente indignas da consideração, exceto na medida em que precisamos delas para nossa existência. Mas tal conceito é uma injustiça para com a Inteligência Infinita que a tudo concebeu. Em primeiro lugar, deve-se concluir e compreender que, a profusão de coisas que existem à parte do que é declarado como sendo a alma do homem, não é criação do homem, e não é o resultado do esforço da sua

mente. Por conseguinte, elas devem necessariamente ser originárias da mesma Fonte, aquela mesma Fonte Infinita de onde advêm todas as coisas. Portanto, tudo o que conhecemos vem, de acordo com este raciocínio, de uma **Fonte Divina**.

Também é lamentável que algumas pessoas se refiram aos atos dos animais e de alguns tipos de seres humanos, como sendo ímpios. Em cada coisa que existe foi instalada uma função, e, enquanto tenha esse tipo específico de existência em seu processo de desenvolvimento, aquela função lhe é natural e não é ímpia. Podemos censurar ou condenar um povo bárbaro ao esquecimento porque ele se comporta de acordo com a inteligência que lhe é própria? Deve ele ser considerado de natureza Divina porque não tem a capacidade de distinguir entre o certo e o errado que concebemos em virtude de uma inteligência maior e de um estado mais adiantado? Gostaríamos de ser considerados vulgares e ímpios por uma civilização daqui a mil anos, porque nossos atos de hoje estarão aquém das suas realizações? Não nos justificaríamos dizendo que agimos de acordo com o melhor do que se compunha a nossa natureza e do que constituía nossa inteligência anterior? Ser algum é ímpio, a menos que se possa mostrar que ele age erroneamente, tendo a capacidade de determinar a diferença entre o certo e o errado, portanto, cada classe de gente, hoje em dia, cada raça de pessoas, tem de ser medida pelo seu estado de adiantamento e ser considerada culpada somente com base nessa medição.

Um dos filósofos neoplatônicos (filósofos místicos medievais), anteriores ao Renascimento, declarou que o homem foi dotado de **vontade** somente para que pudesse escolher o curso certo de ação, para que pudesse seguir o que compreende ser certo e bom. O homem só é considerado culpado quando dirige aquela vontade em oposição à sua compreensão do que é bom e do que é errado.

Assim, quando abordamos a vida mística e começamos com o homem, encaramos todas as coisas como Divinas, porque elas emanam da mesma fonte, e nenhum ser é ímpio, a menos que estejamos numa posição de mostrar que ele dirigiu sua vontade em oposição àquilo que sabe ser melhor e correto.

De acordo com o misticismo islâmico, ou o misticismo dos maometanos — que, coincidentemente, é um sistema de instrução altamente organizado e inspirador — há três estágios de vida mística. Certos aspectos são velados no começo e no meio. No período inicial, as coisas externas, as coisas do mundo e os interesses temporais de tal forma ocupam a consciência, de acordo com o misticismo islâmico, que o sentido interior, ou Deus, é velado à consciência. O homem tem então pouco interesse pelos valores espirituais dos impulsos Divinos. Mais tarde, no período intermediário da existência, ocorre uma transição. O mundo torna-se velado porque o homem tem um despertar repentino. Passa a ter percepção da sua natureza espiritual, e tem tal prazer nisso que adapta todo o seu pensamento e sua vida de acordo com esse sentimento. Ele tende a descuidar-se da vida prática, da realidade do mundo cotidiano e, assim, o véu cai novamente diante de sua consciência. Este período intermediário da vida mística é chamado, pelos místicos islamitas, de período de **arrebatamento** ou de **embriaguez**. É um período de êxtases espirituais, de inspiração Divina, quando a consciência ganha asas e transcende todos os interesses mundanos, às vezes em detrimento do seu bem-estar.

Contudo, no estágio final da vida mística, as coisas criadas, as coisas do mundo, não mais ocultam Deus da consciência do místico. Ele está bastante cômico da natureza de Deus, mas também sua percepção de Deus não mais oculta sua consciência das coisas terrenas. Deus é visto como o criador, e o universo, como

coisa criada. Em outras palavras, no estágio final da vida do místico dá-se um **equilíbrio** e o homem tem igual apreciação da lei e da manifestação da lei. Este estado final da vida mística é adequadamente chamado de sobriedade pelos místicos islâmicos. É a sobriedade da compreensão, a temperança da compreensão. Não é nem a consciência objetiva extrema nem a Consciência Divina extrema.

O misticismo tradicional pode ser reduzido a estes princípios fundamentais: a alma é o eu espiritual do homem; a alma é parte de uma alma universal, uma alma que penetra todo o universo. Essa alma é Deus. O mundo material e o corpo físico são o lado negativo desta alma absoluta e positiva, ou Deus, que permeia o universo — uma espécie de imperfeição, um afastamento da bondade; e quando a alma está contida numa forma física ou corpo, o homem como uma unidade de alma e corpo não é perfeito. O corpo, o material, tem de ser harmonizado com a alma, o imaterial. O homem será confinado num corpo, em várias vidas, enquanto permitir que as tentações, os desejos e apetites dominem sua natureza. Deve, ao contrário, esforçar-se por superá-las, suprimi-las, dar-se inteiramente àqueles impulsos espirituais que existem em sua própria natureza; esses impulsos são os ditames da consciência que encontra sua expressão na conduta ética, moral e religiosa.

O misticismo moderno, que é baseado nestes velhos princípios fundamentais, não declara que o corpo material e o mundo físico e terreno não tenham* base ou existência, que sejam produtos da imaginação, não-seres, ou malignos. Declara, sim, que não são dignos de confiança e que não podemos perceber sua verdadeira natureza. Por mudarem constantemente, assim como os sentidos do homem, amanhã podem não ser como os percebemos hoje. Portanto, não se deve dar crédito às suas manifestações. Entretanto, o misticismo moderno os

reconhece como parte do plano universal, mas imperfeitos - isto é, menos amplos em contraste com a mente ou a inteligência de Deus, o Absoluto.

Recomenda-se um estudo e um exame deste mundo material e terreno, de modo que o homem possa tentar, dentro do seu poder limitado, regulá-lo, impedir que ele o controle ou domine. O misticismo recomenda estudo e aprendizado intensivos, de modo que o homem possa conhecer a relação desta fase terrena, material e imperfeita com o absoluto perfeito, ou Deus. Assim, o misticismo moderno declara que, na realidade, existe uma dualidade no universo, mas que, em essência, ele é UM. Todas as coisas são desse UM, embora existam diferentes estágios de perfeição. O mundo material e suas manifestações não são considerados tão perfeitos quanto o mundo espiritual, mas dele fazem parte. A dualidade entra na concepção, declarando, por um lado, que a alma, uma parte do todo absoluto, é boa, e que tudo o mais, em contraste, muito embora dele faça parte, é por graus escalonados, menos perfeito.

Portanto, cabe ao indivíduo, que se declara um estudioso do misticismo moderno e aspirante à vida mística, fazer análise muito meticulosa de termos e assuntos como: o absoluto, o espiritual, o ser, o reino material, o livre arbítrio, e a atitude científica do espírito. Estes fundamentos, e alguns mais como eles, são as pedras fundamentais da sua filosofia se pretender tornar-se filósofo místico. Aquele que tem um conhecimento profundo destes **fundamentos** não terá dificuldade em, de modo racional, agrupá-los e reagrupá-los num sistema que o ajudará a atingir seu objetivo. Supomos que esse objetivo seja aquela **satisfação íntima** e harmonização que os verdadeiros místicos declaram constituir "*um sentido de Deus*".

Capítulo II: O CONCEITO DE DEUS

A doutrina básica de toda teologia é a uniformidade do conceito da natureza Divina de todos os homens. Se todos os homens pudessem perceber, estar igualmente cômnicos dessa essência e, de igual modo, definir racionalmente, sua natureza e função, haveria uma unificação de todas as religiões. Infelizmente não é assim! Portanto, temos religiões, e cada religião tem seu Deus. Cada uma tem seus profetas que declaram estar divinamente inspirados e que legam aos seus seguidores um ideal de Deus obtido através de comunhão direta. Os ideais se chocam. Fanáticos combatem e denunciam os ideais uns dos outros.

É Deus um fator imperfeito? Está Ele avançando na direção de uma realização inevitável e perfeição final? Tal hipótese não seria aprovada pela teologia moderna, nem mesmo seria coerente com a concepção religiosa de um povo bárbaro. Ela depreciaria o reconhecimento da Sua supremacia e da Sua onipotência. Contudo, uma recapitulação da história da religião e um exame das doutrinas das seitas de hoje revelam uma semelhança espantosa com tal hipótese, devido à discrepância nas definições da natureza de Deus.

Verificamos que o esplendor atribuído a Deus pela teologia dos tempos atuais ultrapassa, em muitos aspectos, o de épocas passadas. Além disso, verificamos que Suas realizações de hoje são múltiplas em comparação com as que Lhe eram atribuídas em outras eras. Outrora, Ele possuía uma multiplicidade de formas, porém o homem agora o considera como uma única entidade e, mesmo, como uma inteligência impessoal que penetra tudo. Todavia, os credos e seitas modernas declaram ardorosamente que o Deus de ontem, de hoje e de amanhã é o mesmo. Asseguram, sim, que Ele é o único fator imutável num universo de

mudança. Se Ele é imutável, perfeito e a excelência suprema, como podem os devotos reconciliar isto com a óbvia diferença de natureza atribuída a Ele por todos os que O reconhecem? Evidentemente, nem todas as concepções podem estar certas. Algumas têm de estar erradas.

Se um grupo de mentes humanas não pode interpretar corretamente o impulso Divino em sua própria natureza, então é possível que todos os homens possam, da mesma forma, errar. Em defesa dos devotos pode-se dizer que alguns percebem mais intimamente que outros o Divino em sua natureza, e sua percepção participa mais estreitamente da realidade Divina. Mas quem são eles? Que critério existe para garantir a precisão da percepção de Deus pelo homem? Sinceridade de propósito não é o suficiente para julgar a precisão da concepção que alguém tem de Deus. O homem, em seus esforços sinceros para convencer seu semelhante de que só ele ou sua seita contemplou a Deus e é o veículo para a Sua palavra, recorre às mais estranhas práticas fanáticas — práticas que em si depreciam a sublimidade de Deus, a sublimidade que a pessoa **sente** mais do que sabe. O que é de maior valor para o homem, o ideal de Deus, do qual ele tem de se esforçar por aproximar-se, ou a expressão daquele ideal numa forma composta de palavras?

Com muita freqüência, o ideal espiritual do homem, como o código moral que ele indulgentemente aceita, é uma herança. O Deus de seu pai e o Deus do pai de seu pai torna-se o bendito guardião das virtudes de uma vida superior. Ele aceita igualmente grande parte da intolerância e fanatismo que podem cercar a fé de seus genitores. Ele se ofende quando põem em dúvida qualquer uma das doutrinas da sua fé, ou de sua interpretação do Deus que aceitou. Não porque veio a **conhecer** aquele Deus e, através desse contato inefável, percebeu aquilo em que anteriormente apenas acreditava, mas simplesmente porque abala seu orgulho, seu

ego humano, ter seu discernimento ou o discernimento dos seus correligionários desafiado.

O homem parece então tornar-se um membro presunçoso da religiosidade. Incontestavelmente, pode-se dizer que aceitou uma fé prescrita, que foi preparada para ele. Aceita um Deus, não como veio a conhecê-Lo, e sim como Ele foi preparado por outra pessoa para sua aceitação. Contenta-se em sentir-se satisfeito e garantido pela escolha justa da fé, mesmo quando seu vizinho possa dele divergir em toda doutrina de crença religiosa. Seu vizinho pode ser adepto de uma fé tão reconhecida e tradicional quanto a sua, mas tão diferente quanto o dia da noite. A incongruência não o aflige nem um pouco. Os reivindicantes insistentes das diferentes fés não o perturbam nem o fazem perceber que só pode haver UM DEUS e não os vários Deuses das múltiplas religiões.

Para tal indivíduo, Deus não é uma experiência pessoal, e sim um quadro ou ideal magnífico que foi transplantado para sua consciência. Ele não nasceu de um germe pessoal de pensamento, de uma percepção espiritual, ou da aspiração. Deus, para tal indivíduo, não é um guia ou Senhor Infinito, a quem se pode chamar de companheiro, mas apenas uma força estabilizadora. O conceito de Deus é apenas um meio de mantê-lo no caminho reto da sociedade. Ele pode mudá-lo quantas vezes queira. Enquanto este servir ao seu propósito, mostrar-se-á satisfeito em ir para a sepultura sem nenhum contato mais íntimo com esse Deus, que para si tomou.

Digo **tomou para si** porque certamente não desenvolveu esse Deus de dentro. Nenhum elogio cabe a esses homens ou mulheres, pois o tributo que eles prestam periodicamente ao participarem em numerosos ritos e ao apoiarem o ritual exotérico, não é fomentado primordialmente pela espiritualidade. A falta absoluta, na

maioria dos casos, de um **conhecimento** do seu Deus e a maneira metódica da sua devoção são indicadoras de um temor inerente mais do que de algo nascido da inspiração. Deus tornou-se, para eles, um defensor de um grande código ético e moral. Eles O aceitam porque Ele é parte integrante da sua fé. O único impulso que os associa ao seu Deus é um temor da Sua Onipotência, que não conseguem compreender. Infelizmente, eles não vêem necessidade nem mesmo de uma compreensão. Simplesmente seguem os ditames teológicos da sua fé com seus dogmas e credos. É difícil, para os que meramente assim adquiriram Deus, ver a necessidade Dele. Vivem sua vida cotidiana tão completamente carentes de qualquer compreensão real das Suas múltiplas obras e da Sua inteligência que a tudo permeia, que nada sabem da sua verdadeira relação com Ele; mas O temem.

O homem jamais pode conhecer a Deus de fora para dentro, por mais cativante e magnificante que possa ser a descrição que lhe fazem, se carece, no íntimo, de sensibilidade a um impulso espiritual. O homem não pode aceitar o Deus definido por outro se a descrição não evoca, dentro dele, uma apreciação compreensiva. Os olhos de um artista e os de um físico podem ver o mesmo amanhecer, mas a idéia criada na consciência de cada um é diferente. O físico compreende a mecânica do que vê, a lei física que explica os fenômenos; o artista sente a harmonia da cor, seu equilíbrio, sua proporção e a alegria da verdadeira beleza que estimula a sensibilidade da sua alma. Cada um poderia compreender a idéia do que o outro percebe, mas nenhum dos dois teria a mesma sensação **emocional** para com aquela idéia como teria pela sua própria.

Para todo homem que é um teísta, Deus é o **Summum Bonum**, e ele esforça-se instintivamente por moldar sua vida de acordo com este bem Divino que vê na vida e na conduta humana. Este é o maior dever da religião — a definição do

que constitui o bem na ação humana e em todas as coisas percebidas pelo homem. Devido a isto, a religião poderia ser facilmente unificada; mas quando ela tenta limitar Deus à forma, descrever Sua natureza, surge a confusão e, desse modo, também surgem os que se diz serem ateus.

A religião chamou a **primeira causa** de Deus, ou o equivalente em todas as línguas. Entretanto, como já dissemos, foram as diferentes características que a religião tem atribuído a Deus, em diferentes épocas, que causaram a confusão quanto à Sua natureza.

Vamos supor que a religião esteja certa, e que Deus é a primeira causa; neste caso, as coisas que procedem da primeira causa foram criadas intencionalmente ou por necessidade? Se a causa é intencional ou propositada, ela tem de ser da mente. A única comparação que temos para causas conscientes somos nós mesmos. Se Deus é uma causa intencional ou mente, Ele teria necessariamente certas características semelhantes às da mente humana. Ele teria a faculdade de percepção e, desse modo, perceberia a existência presente. Além disso, Ele teria de imaginar uma insuficiência que deveria ser superada, ou a necessidade de uma perfeição. Assim, esta primeira causa, se intencional, determinaria para si mesma certas finalidades a atingir, tal como o faz a mente humana.

Os devotos que assim raciocinam criaram para si próprios certos problemas ontológicos. Na verdade, estão dizendo, "*Deus é a substância primária, na qual se diz que todas as coisas têm sua existência e, entretanto, também se diz que essas coisas são o cumprimento do Seu propósito*". Logo, parece que, em determinado momento, as coisas que foi Sua intenção criar não eram da Sua substância. Evidentemente, algo que já é não teria necessidade de vir a ser. Será

que Deus percebeu que Seu ser era incompleto ou imperfeito, e de que Ele precisaria tornar-se um ser com um objetivo e conceber um plano para superar tais condições? Aceitar tal raciocínio significaria que os propósitos ou finalidades Divinos, que Deus procurou, eram mais perfeitos em determinado momento do que Seu próprio Ser. Além disso, se Deus concebeu a falta de algo, de onde este viria se já não estava na substância do próprio Deus? Responder dizendo que Deus desenvolveu as finalidades que Ele percebeu da Sua própria natureza equivale a dizer que Deus era imperfeito e vinha evoluindo para a perfeição. Quando a religião oferece tal raciocínio, que garantias têm os mortais de que Deus não está ainda simplesmente evoluindo para a perfeição, e que portanto o Divino é agora **imperfeito**?

Para fazer face a esses problemas ontológicos, a religião criou um dualismo. Deus é um aspecto deste dualismo. Ele é absoluto, perfeito e completo em Si mesmo. Como Ele é concedido como uma mente, Ele também é onisciente. O outro aspecto é o mundo, isto é, todos os outros seres exceto Deus. Deus, como mente, atua sobre esta massa. Desenvolve e cria nela aquilo que serve à Sua própria vontade. Por meio deste raciocínio, a religião não resolveu os problemas que confrontava; em vez disso, criou outra tremenda brecha em seus argumentos. "*Deus criou o ser*", diz a religião. Assim, Deus criou algo menos perfeito que Ele próprio; pois embora este ser seja oriundo de Deus, a religião não admitirá que a matéria e as coisas de que nossa existência consiste sejam substância Divina.

O místico não pode aceitar um Deus pessoal. Ele não pode conceder a Divindade como de um ou outro sexo, nem possuidora de uma forma que seja compreensível para o homem, nem igual a qualquer coisa de que o homem tenha conhecimento. Para o místico, para Deus ser antropomorfo — isto é, ser feito a

imagem do homem — equivale a dizer que a mente humana e finita é igual a uma realização que tudo abrange da natureza de Deus. Como é tão evidente que o homem ignora tantos dos aspectos do seu próprio ser, ele supor que tem o conhecimento completo da amplitude de Deus é, para o místico, um pensamento ímpio.

Além disso, raciocina o místico, pode Deus ser confinado pelos limites, pelas formas que a mente do homem é capaz de conceber? Para o místico, o universo e tudo o que existe tem de ser explicado ou como um fenômeno caprichoso e mecanicista, com uma ordem concebida pela mente do homem, ou como uma Inteligência Infinita, como causa originadora, com suas causas dependentes menores, que explica todas as coisas. Como o místico não é um agnóstico, aceita o princípio de uma causa inteligente, de uma Mente Divina, como força primária universal. Como supera ele as dificuldades que o devoto tem para explicar a relação entre uma **mente-causa** e o mundo físico?

Se Deus é mente, e portanto causativo, como se explica a matéria? Se a Mente Divina criou as substâncias grosseiras que os homens percebem e deram o nome de matéria, a partir de que esta mente as criou? Como, para o místico, a Mente Divina é um Ser Universal, ilimitado, que tudo abrange, não poderia haver nenhuma outra substância de onde ele pudesse criar propriedades físicas, matéria — e mesmo almas. Para o místico, uma crença de que o mundo físico, a substância material, foi gerada do nada, é incompatível com a natureza de Deus. Como Deus é tudo para o místico, não poderia haver qualquer condição ou estado negativo de **nada** em existência concomitantemente com Ele, ou além Dele. Se algo pode ser criado do nada, então o nada é **alguma coisa**. Se qualquer outra coisa existisse, então isso limitaria a natureza de Deus, pois pelo menos Deus não seria aquela

coisa. Os fenômenos que os homens reconhecem como matéria, e que a ciência demonstra como tendo existência, devem, portanto, ter advindo de Deus, da Mente Divina. Se ela adveio de Deus, nunca foi realmente criada, pois teria sempre existido. Se esta Mente Divina constitui todas as realidades do universo, inclui tudo, ela deve ter existido sempre. Não poderia ter havido qualquer começo para a Mente Divina, pois de onde teria ela vindo? Como a Mente Divina é eterna, então o que é da sua natureza, ou as substâncias que fluem dela — realidades físicas, por exemplo — são igualmente eternas.

Logo, para o místico, a Mente Divina não criou a Terra, os mundos além, e todos os particulares materiais de que temos conhecimento. Sua essência, as radiações e energias de que são compostos são da natureza desta Inteligência Divina e sempre foram. Eles mudam, sim, tal como a própria mente está sempre ativa na mudança da consciência. Portanto, o verdadeiro místico é, decididamente, um **panteísta**; quer dizer, para ele Deus está em tudo, e em toda parte. Para o místico, a pedra, a árvore, o relâmpago, bem como o próprio homem, são parte de Deus. Estas coisas não são criações de Deus, são da natureza de Deus — a Mente Divina. Para o místico, isto simplifica um dos maiores problemas teológicos e filosóficos dos séculos — reconciliar o espiritual com o temporal. Como todas as coisas são partes da Mente Divina, não existe dificuldade em demonstrar uma relação entre duas condições que de ordinário são concebidas como diametralmente opostas. Por analogia, as trevas não são um estado positivo, como a luz o é; são apenas uma manifestação menor da luz.

Quer isto dizer que o místico tem a mesma adoração por uma árvore e uma montanha, por exemplo, que o devoto ortodoxo teria pelo seu Deus? O místico responde a esta pergunta indagando: "*E onde está Deus?*" Como Deus ou a Mente

Divina, para o místico, é onipresente, a tudo permeia e está por toda parte, Deus, portanto, existe para ele em todas as coisas das quais ele tem consciência. Cada coisa que se manifesta o faz em virtude da inteligência de Deus, inteligência que constitui as propriedades da coisa que o homem percebe. O místico não vê um Deus remoto, numa região lendária, ou dentro dos limites de um templo ou de uma catedral ou num extremo do universo, mas, sim, em cada alento que aspira em seus pulmões, em cada pôr-do-sol e em cada ramo de flores.

Existe essa distinção — cada coisa que o místico percebe não é **toda** a Mente Divina, mas apenas uma das infinitas variedades de suas expressões. Por conseguinte, o místico não é aquele tipo de panteísta adorador da natureza. Como para o místico a Mente Divina tudo permeia, não há coisa única que represente toda a natureza Divina. Assim como a personalidade e as habilidades de um grande homem não podem ser conhecidas por qualquer uma das suas realizações isoladas, tampouco a Mente Divina pode ser concebida por um estudo de qualquer um dos seus múltiplos fenômenos. Como a Mente Divina **tudo abrange**, o místico compreende que sua devoção também tem de abranger tudo. Cada coisa da Natureza que o homem descobre é venerada pelo místico, como um membro, uma parte finita do infinito Ser Divino. Ele, portanto, não dedica seu amor espiritual a uma única coisa ou substância. Inversamente, nada, por piores que sejam seus efeitos sobre seu bem-estar, deve ser considerado inteiramente fora dos limites do Ser Divino.

Para os místicos de outrora, por duas razões Deus era considerado desconhecido. Primeira, a inteligência do homem era tão inferior que não lhe era possível compreender Deus em Sua inteireza ou realmente conhecer a Deus em qualquer sentido da palavra. Assim, o místico afirmava que o homem não deveria

tentar usar o cérebro que era do corpo mortal para ponderar quanto à natureza de Deus ou tentar defini-Lo e dizer o que Ele é ou o que Ele não é, porque isto presumiria que a consciência do homem é capaz de abranger a idéia de Deus. Segunda, afirmava-se que o homem deve transcender e, mesmo, erguer-se acima do intelecto, porque o intelecto é do corpo; que se o homem ousa mesmo dizer que existe um Deus, está a sugerir que, intelectualmente, tem algum conhecimento da Sua existência.

O místico afirmava que o homem deve abandonar inteiramente qualquer tentativa de conhecer a Deus através da razão ou do intelecto; que ele deve, isto sim, entrar num estado de contemplação e meditação no qual liberte sua mente de qualquer concepção quanto ao que Deus é ou não é, e se permita ser absorvido no absoluto; isto é, na própria natureza de Deus. Quando for absorvido na natureza de Deus, ele terá uma sensação de serenidade e paz, e somente esta é a única realidade divina pela qual virá a sentir Deus e aproximar-se Dele. Quando dizemos que o homem tem de entrar num estado de contemplação e permitir que o eu seja absorvido, somos confrontados com o problema deste eu. O que é o eu? Qual é a sua conexão com a alma? Temos agora de examinar estas proposições.

Capítulo III: O EU E A ALMA

Apesar do grande número de fenômenos que o ser humano percebe, para as finalidades que temos em vista eles podem ser classificados em duas divisões gerais: físicos e não-físicos.

A primeira classificação consiste daquelas realidades, objetos e acontecimentos, que o homem pode perceber por meio de seus órgãos sensoriais, ou seja, seus olhos, ouvidos etc. Evidentemente, tais realidades, no tocante à nossa consciência delas, têm uma dependência do nosso organismo físico, tal como nosso sistema nervoso e cérebro.

A segunda classificação consiste daquelas percepções ou sensações que são o resultado da consciência do eu. Elas são muito diferentes das experiências físicas. Você não existe para você mesmo, só porque vê seu corpo ou pode tocar seus membros. Na verdade, se fosse privado de todas as suas faculdades físicas receptoras, você ainda teria uma percepção de você mesmo. Diz-se comumente que sentimos o eu, mas isso é uma verossimilhança. O fato é que as sensações do eu não são iguais às que derivamos do tato de um objeto. Para o eu não há sensações de quente, frio, duro ou macio, tampouco sensações de dor ou prazer. Você percebe que você é você, inteiramente à parte dessas experiências. Portanto, esta consciência do eu é uma consciência da nossa consciência.

O ser humano é impregnado de uma força vital misteriosa. Concebemos que a inteligência é um atributo desta força vital, ou que ela, pelo menos, está integrada a seu funcionamento. Logo, evidentemente, esta inteligência inata também existe nos neurônios cerebrais, ou células cerebrais, onde prove uma sensibilidade para aqueles impulsos que nos chegam, através dos nossos órgãos sensoriais, do

mundo exterior. Em outras palavras, no cérebro, esta força vital e inteligência tornam possível nossas experiências físicas, equivalendo à nossa consciência objetiva. Além disso, o órgão altamente sensibilizado do cérebro pode tornar-se, e torna-se, cômico da sensibilidade desta força vital e inteligência que existem através de todo o ser do homem. É evidente que a origem destas últimas sensações é inteiramente imanente. Elas não estão, de modo algum, relacionadas com os órgãos sensoriais e o mundo exterior. A função é semelhante a um instrumento extremamente delicado, feito para captar movimentos exteriores, mas que, devido à sua sensibilidade, é igualmente capaz de discernir o movimento sutil do seu **próprio** mecanismo.

A consciência tem limiares. Por limiares referimo-nos aos pontos em que certos efeitos ou sensações começam a ocorrer no cérebro. Os limiares para os impulsos do som e visão, por exemplo, são consideravelmente mais baixos do que aqueles das vagas impressões do eu. Por conseguinte, é relativamente fácil perder a percepção do eu, se os impulsos mais grosseiros dos órgãos sensoriais dominarem a consciência do cérebro. Em outras palavras, se a consciência é exposta a um bombardeio de sons ou a uma excitação de impressões visuais, sabemos, pela nossa própria experiência, que perdemos momentaneamente a percepção do eu nessas percepções físicas da consciência objetiva. Somente quando os limiares dos sentidos receptores são parcialmente bloqueados ou **suprimidos**, e que nos tornamos plenamente cômicos daquelas impressões mais sutis que atingem os limiares mais altos da consciência cerebral, e que sentimos como eu.

É óbvio que, sem um órgão altamente desenvolvido, como o cérebro humano, o eu não existiria para cada um de nós. Isto não equivale a dizer que o cérebro é a causa do eu, nem que o eu depende daquele órgão. O cérebro, todavia, é o canal pelo qual chegamos a conhecer o eu. Ele é o instrumento através do qual

nossos impulsos variados são integrados naquela noção, naquele estado de consciência que definimos como eu. Por analogia, um grande telescópio não é a causa ou o criador de uma nebulosa situada a milhões de anos-luz de distância. Ele é, contudo, o meio pelo qual chegamos a discernir a **existência** das nebulosas.

Provou-se que, quando se remove o cérebro ou se inibe por completo o seu funcionamento, não se destruíram os elementos do eu que penetram o ser humano, mas apenas os meios pelos quais existimos para nós mesmos. Sem o cérebro, a função do eu no homem seria muito parecida com a simples consciência que existe numa folha de grama. A inteligência, associada à força vital em cada célula do nosso ser, funcionaria, mas não haveria nada no qual ele se refletisse. Assim como o cérebro reflete exterioridades e existências que estão fora de nós, ele igualmente reflete o mundo interior, isto é, o eu. A introversão dessa consciência do cérebro, sua resposta à sensibilidade interior, é o que comumente se chama de seu funcionamento subconsciente.

Para o místico, a consciência, o estado de percepção, é existência. Para o homem, aquilo de que ele está cômico é. Todos os poderes que o ser humano é capaz de exercer, sejam físicos, mentais ou psíquicos, só podem ser relacionados com aquilo de que ele tem conhecimento, aquilo que lhe é **real**. Por analogia, no tiro ao alvo, se existe mais de um alvo, pode-se fazer a escolha do alvo contra o qual se atirará. Se apenas um alvo pode ser percebido, aquele, portanto, torna-se o objeto dos esforços e de toda a atenção do participante. Todavia, o místico sabe que as realidades da sua consciência são duplas: aquelas coisas, ou particulares, que têm uma existência objetiva, como seu corpo e o mundo externo; e aquelas realidades da sua consciência que são percepções interiores, que surgem das profundezas de si mesmo, como emoções, estados de alma, inspirações. Estas últimas podem

transformar-se num ímpeto que o farão ter vivências objetivas, mas sua origem parece limitada à natureza etérea do seu ser.

Para o místico, a única separação que existe é esta dualidade da sua consciência, a inclinação para distinguir entre as realidades do **eu** e as do mundo objetivo. Na realidade, o místico entende que todas estas realidades são parte de **uma** grande ordem hierárquica, uma escala graduada. Essa gradação é acorde com a simplicidade ou complexidade da sua natureza. Quanto mais complexas as realidades, maior é a sua manifestação de uma inteligência universal — em outras palavras, mais elas representam toda a ordem hierárquica ou Cósmica.

As atividades do eu, as realidades de nosso ser interior são mais complexas neste sentido do que aquelas particularidades do mundo material ou cotidiano que percebemos. Se, por analogia, a ordem Cósmica ou Deus, como preferir, é a síntese de tudo, então, aquele Deus, evidentemente, é complexo — infinito em substância e variedade. Se nos tornamos cômicos do complexo, ou das maiores expansões ou manifestações da Sua natureza, maior a nossa intimidade com Ele, mais Nele viveremos.

Como as causas das sensações do eu são bastante impalpáveis, não são identificadas com substância, nem podem ser realmente localizadas no corpo humano, elas sempre foram muito misteriosas para o homem. Além disso, não é comum ter sensações independentemente do corpo. O corpo, entretanto, quando da morte, continua como substância, por tempo indeterminado, antes da desintegração, e, ao que parece, sem aqueles elementos do eu. Assim, os primeiros observadores foram levados a crer na dualidade da natureza do homem. O corpo pertencia à mesma categoria que toda outra realidade que pode ser fisicamente sentida como matéria. Então, como se deveriam identificar os elementos impalpáveis do nosso

eu? A conclusão era que eles deviam transcender o mundo, devido à impossibilidade de serem sentidos como pertencentes ao mundo. Esses elementos eram considerados de natureza Divina, devido à sua aparente infinidade e imaterialidade. A **alma**, portanto, tornou-se o repositório para todas essas qualidades indeterminadas do homem, sendo **psique** o vocábulo grego que o definiu.

Essa idéia de alma deu expressão à vida espiritual do homem. Quando passou a examinar as influências sutis da alma e, seu estranho efeito sobre ele, como sua natureza melhor, sua vida espiritual mudou como consequência. Tentou viver em harmonia com os sentimentos da alma e com sua compreensão do que julgava que ela fosse.

É impossível determinar quando surgiu a idéia da alma. Bastaria dizer que a arqueologia contemporânea remontou milhares de anos à origem deste conceito. Encontramos a alma descrita nos hieróglifos do antigo Egito e nos escritos cuneiformes. Encontramos referências a ela nos obeliscos no vale do Nilo, nos blocos de argila ao longo do Eufrates, nos monumentos de pedra no alto das montanhas, nas ruínas de antigos prédios, nas selvas dos trópicos e nos majestosos mastros totêmicos no gélido Norte.

Como, exatamente, o homem passou a compreender pela primeira vez ou se tornou cômico da alma é, naturalmente, um mistério que talvez nunca seja esclarecido. Contudo, outra teoria, que vem resistindo há várias décadas, nos oferece uma explicação plausível. Esta teoria psicológica a respeito da origem do conceito de alma é que ele surgiu na mente humana quando se notou a disparidade entre o **eu sensação** e o **eu** externo. Isto quer dizer que surgiu uma diferença entre

o **eu** interior do ego — o eu do eu interior — e o **eu** externo ou objetivo, o **eu** que representa o homem físico ou externo.

Os babilônios eram muito vagos na sua descrição da alma. O que podemos discernir, da decifração dos seus antigos textos, é que concebiam o homem como um ser dualístico, possuidor de um corpo físico e mortal, e também de um eu impalpável. Este eu impalpável não era exatamente um ser etéreo, uma energia ou meramente uma influência; era uma substância real, tal como o corpo físico, exceto que de composição mais fina, mais finamente pulverizado, se nos permitem usar este termo.

Acredita-se que os babilônios e os assírios imaginavam que a alma era como partículas de poeira em turbilhão. Na morte, a alma se separava do corpo e partia para a região dos mortos, para ali morar com outras almas. Parece que a alma, de acordo com o conceito babilônico, estava constantemente desejosa de retornar ao estado vivente, porque os babilônios consideravam que este era o modo normal e correto de existência do homem. E os babilônios temiam, constantemente, que as almas dos mortos se congregassem para conspirar contra os vivos. Evidentemente, se os vivos não tomassem precauções adequadas, seriam dominados pelos mortos; contudo, as almas dos mortos podiam ser parcialmente aplacadas se lhes dessem alimentos e água. Encontramos este costume babilônico descrito não só nos seus textos, como, também, em cenas encontradas nas paredes dos seus templos. Há cenas em que se borrifa água e se colocam vitualhas excelentes sobre as sepulturas dos mortos.

Após um lapso de uns dois mil anos, vamos encontrar larga passada à frente, nos conceitos de alma, de Deus e da vida futura da alma. Durante o Período Feudal e o Período Imperial do Egito, entre 1500 a 1300 a.C., aproximadamente,

encontramos os egípcios reconhecendo e crendo definitivamente na **imortalidade** da alma e, também, que a alma retorna ao corpo. Vemos os egípcios cortando e talhando passagens em sólidos rochedos e transformando-as em câmaras para conter túmulos. Encontramo-los esculpindo e fazendo sarcófagos elaborados, caixas ou caixões de múmias, nos quais o corpo do defunto era cuidadosamente colocado e preservado. A arte do embalsamamento atingiu elevado estado, pois o egípcio desejava conservar o corpo para que a alma pudesse retornar e dele tomar posse. Na câmara funerária ou sepulcral eram depositados os bens materiais do morto, particularmente seus pertences pessoais íntimos, seus artigos de tocador, suas cadeiras e armas favoritas, suas jóias, seus rolos de papiro ou livros escolhidos da sua biblioteca.

A maioria de nós deve estar bem familiarizada com o conceito cristão de alma. Naturalmente, a idéia cristã fundamental foi modificada pelas várias interpretações de diferentes seitas. De modo geral, o cristianismo considera que a alma possui uma contínua existência consciente. Em outras palavras, segundo a opinião cristã geral, a alma tem autoconsciência. O cristão reconhece a dualidade do homem: por um lado, o corpo físico e mortal e, por outro, a alma — a vida espiritual ou o ser do homem. Ele agora declara que ambos são de Deus, coisa que, incidentalmente, os primeiros cristãos não ensinavam. Além disso, o cristianismo salienta que a alma não é absorvida em Deus, mas conserva sua identidade separada, e que não se torna completamente absorvida no espírito universal ou essência de Deus, como as filosofias hindu e budista afirmam.

Além disso, o cristianismo não reconhece a perfeição da alma (o que pode ser um ponto controvertido, mas a controvérsia resulta apenas das diferenças

de interpretação). A alma do homem, para o cristão, é imperfeita até que tenha sido purificada, até que passe pelo processo de salvação.

A concepção Rosacruz de alma é verdadeiramente **mística**. O Rosacruz também começa com o reconhecimento da dualidade da natureza do homem — o corpo físico terreno composto do pó da terra, imbuído de energia espiritual, da mesma forma que todas as coisas animadas e inanimadas. Não se faz distinção alguma entre a natureza física do corpo do homem, no tocante às suas propriedades básicas, e a de qualquer outra substância física. Todas são consideradas terrenas. Logo, esta concepção Rosacruz reconhece a **alma** como uma essência espiritual e **divina**, residente dentro do corpo, durante o período da sua existência terrena. O Rosacruz também declara que a alma é informe; isto é, que a alma não tem nenhuma forma definida e concreta capaz de ser descritível ou comparável a qualquer outra coisa de natureza material. Considera a alma como uma espécie de energia, assim como o pensamento não tem forma física, mas pode dar origem, dentro da consciência, à idéia de forma.

O Rosacruz afirma que a alma no homem não é uma entidade separada, individual, distinta da alma de todos os outros seres, mas que é parte da energia da alma **universal** que flui por igual através de todos os homens. A alma no indivíduo mais degradado é tão pura e tão divina quanto a alma do ser altamente iluminado e espiritual. A diferença aparente que existe é uma questão de expressão. É uma reação pessoal à força da alma, tal como a energia elétrica que corre por um circuito elétrico pode, em algumas lâmpadas naquele circuito, produzir uma luz azul e, em outras, uma luz branca e pura, mas a qualidade da corrente elétrica é a mesma em todos os casos.

Portanto, a alma no homem é perfeita em todos os momentos e, por conseguinte, não pode ser aperfeiçoada. Afirmar que a alma pode ser aperfeiçoada, diz o rosacruz, é admitir a sua imperfeição. O rosacruz declara que, como a alma emana de uma fonte divina e é a única essência divina no homem, como podemos nós afirmar que essa divindade é imperfeita, ao dizer que a alma deveria ser aperfeiçoada?

A alma se manifesta diferentemente em cada um de nós, devido ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, isto é, à sua capacidade de reagir, como se disse acima, à força espiritual dentro dele. É o ego ou personalidade do indivíduo que tem de ser aperfeiçoado. À medida que desenvolvemos e aperfeiçoamos nosso ego e nossa personalidade interior, chegamos eventualmente a apreciar, compreender e perceber a força anímica dentro de nós. Corrigimos nosso pensamento, corrigimos nossos modos de vida e permitimos que a alma se expresse sem obstáculos. Assim, encontramos alguns indivíduos mais iluminados do que outros, mais espiritualistas em manifestação do que outros, mas, em essência, todos são espiritualmente iguais, afirmam os rosacruzes.

Concluindo, podemos comparar a consciência do homem a uma pirâmide. A ponta ou ápice da pirâmide representa a função objetiva da consciência, com sua dependência nos cinco limitados sentidos objetivos. O que o ápice dessa pirâmide pode acomodar é restringido pelos limites de sua área. De ambos os lados do ápice, caímos num nada aparente, ou naquilo que está além da percepção das faculdades dos sentidos objetivos. Contudo, à medida que descemos pelos lados da pirâmide, ela se torna mais ampla. Finalmente ao chegarmos a sua base, enraizada na terra, sobre a qual se apóia, verificamos que a terra, em contraste com a área limitada do ápice, contém manifestações infinitas. Per esta analogia queremos dizer que, se

introvertermos nossa consciência, voltando-a para dentro, para o eu, estaremos indo do ápice da pirâmide da consciência, das faculdades objetivas e limitadas e do que elas nos revelam, para a essência do nosso ser, que é ilimitada e nos familiariza com o infinito do universo. A base da pirâmide representa a consciência do eu, a ligação com a alma. Ela é nossa harmonização com esta vasta e infinita inteligência que permite que inspirações, na forma de impressões, cheguem até nós para serem interpretadas pela consciência cerebral, na forma de idéias brilhantes e reveladoras. Quanto mais nos dedicamos a esta base da pirâmide da consciência, ou melhor, meditamos e analisamos o eu, maior ela se nos torna.

Capítulo IV : AMOR E DESEJO

Para a Humanidade, o amor talvez seja a mais desconcertante de todas as experiências interiores, mas, paradoxalmente, todo indivíduo a tem até certo ponto. O amor não é um produto da mente. Não é uma intelectualização, mas sim manifestação psíquica e emocional vivida pelo eu. Em assim sendo, o amor foi idealizado por poetas e bardos e a tal ponto, que a maioria das pessoas acredita tratar-se de algo a ser deixado a cargo da sorte, ou a ser misteriosamente alcançado sem fórmula ou método.

Os amores são de vários tipos. No sufismo, o misticismo maometano, diz-se que o amor de Deus é expressado no amor do homem pelo Divino. Foi Deus, de acordo com o sufismo, que tornou possível ao homem amar o Divino; e assim, quando o homem expressa amor Divino, um amor de Deus, Deus está realmente amando a Si mesmo. Portanto, quando o homem se nega amor Divino, ele está restringindo a natureza de Deus, e o sufismo, portanto, afirma que o amor Divino é o mais exaltado.

Dhu Dum, místico muçulmano, perguntou o que é o amor puro, o amor que não se esgota, e respondeu à sua própria pergunta, para esclarecimento de seus discípulos. Sentenciou que é o amor de Deus, porque o amor de Deus é tão absorvente que nenhum outro amor pode competir com ele ou diminuí-lo. Acrescentou, ainda, que esse amor de Deus, amor puro, é **desinteressado**. Com isto, queria dizer que não é afetado por benefícios que dele possam advir. Em outras palavras, aquele que tem esse amor puro não amará mais a Deus pelas vantagens que esse amor lhe possa trazer, nem amará menos a Deus pelos sacrifícios que esse amor possa exigir.

Al-Ghazali, filósofo e místico muçulmano do século X, ensinava as doutrinas místicas islâmicas em Bagdá. Distinguia admiravelmente entre três tipos de amor. O primeiro é o amor a si mesmo, engendrado pelo instinto de autoconservação. Embora muitos místicos e filósofos tenham execrado este amor a si mesmo, ele afirmava que esse amor a si mesmo é muito essencial porque temos de amar nossa existência o suficiente para que nos afirmemos como ser, e, se assim não o fizermos, não poderemos viver nenhum dos outros amores.

O segundo é o amor ao próximo, pelos benefícios que ele nos concede. É um amor natural e, num sentido, é um tanto parecido com o primeiro, o amor a si mesmo, como pode ser nosso amor ao médico, por exemplo, devido à sua arte de curar, ou nosso amor ao mestre, devido à instrução que ele nos proporciona.

O terceiro amor, o amor mais elevado, segundo Al-Ghazali, é o amor por uma coisa por si mesmo, e não por quaisquer benefícios que dela possam ser obtidos. A coisa em si é a essência desse prazer. Ela é apreciada pela sua própria natureza, tal como a essência da beleza é o deleite que dela tiramos. Ele usa, como analogia, o amor pelas coisas verdes, o amor pela água corrente. Nem sempre amamos essas coisas pela razão de que coisas verdes possam ser comidas ou que a água corrente possa ser bebida; elas são amadas também pela simples percepção, pelo que são, pela beleza que dentro delas existe.

Al-Ghazali conclui: "*Onde existe beleza, é natural amar*". Se Deus é belo, certamente Ele será amado por todos aqueles a quem Ele se revela; e quanto mais bela uma coisa, mais ela é amada.

Plotino, o pai do neoplatonismo, que muito contribuiu para as doutrinas místicas do mundo, também declarou que existem diferentes amores; por exemplo, o amor pela criação, como o amor de um artesão pela sua obra; o amor de um

marceneiro pelo seu trabalho, ou o de um ourives pelos frutos da sua arte, ou o de um estudante pelos seus estudos. O amor mais alto, diz Plotino, é o amor Hierárquico. É o amor da Alma **Universal** em nós pelo Absoluto, pela unidade da qual ela é sempre parte.

Aceitemos, por enquanto, o ponto de vista místico, estético e oriental do amor, dado acima, isto é, que ele é uma força impulsionadora da natureza espiritual do homem para satisfazer os propósitos da alma. Encontramos na natureza complexa do homem outros paralelos ao amor? Em outras palavras, encontramos quaisquer outros impulsos para deleitar a natureza do homem? A natureza física do homem é um aspecto do seu ser trino, conceito geralmente aceito. Existem fatores que lhe são essenciais, tais como alimento, bebida, abrigo e sono. Para que a natureza física do homem perpetue sua espécie, existe também o fator da procriação. Portanto, estas coisas são finalidades, digamos, que o ser físico tem de alcançar para continuar sendo o que é. Quando elas são possuídas, goza-se, temporariamente, de uma harmonia ou estado de equilíbrio. Quando, entretanto, há uma deficiência delas, surge o desequilíbrio. A plenitude ou perfeição da natureza física do homem é seu estado normal. Essa normalidade é acompanhada pela sensação de satisfação, espécie de prazer que conhecemos como felicidade. Quando há uma deficiência, falta daquilo do que o ser físico do homem depende, tornamo-nos cômicos de uma irritabilidade ou de uma desarmonia. Essa desarmonia é que causa o **desejo**.

Felizmente, acompanhando esses desejos físicos, existem ideais, a percepção do que é necessário para satisfazê-los. Um animal percebe isso por meio de suas experiências — ou seja, pelo que ele vê e ouve, e sabe o que satisfará sua fome, sua sede ou suas paixões. Entre os animais inferiores, essa percepção parece

ser uma resposta inconsciente. O cheiro do alimento é subjetivamente associado ao desejo pelo alimento, e o animal pega sua presa. No homem, aquilo que satisfará o desejo físico é percebido **conscientemente**. Em outras palavras, sabemos o que queremos bem como que o queremos. Nossos desejos, portanto, não são tão gerais quanto os dos animais. Eles são mais específicos. Sabemos das coisas ou condições que temos certeza que removerão ou satisfarão nossos desejos. Aquilo que concebemos como benéfico para nossas necessidades é o bem. Ademais, buscamos aquelas coisas capazes de nos produzir sensações agradáveis, que se harmonizam com a natureza do nosso ser físico. Tais coisas ou experiências tornam-se nossos ideais.

Assim, cada um dos nossos sentidos objetivos ou receptores busca um ideal ou uma qualidade. Desejamos fragrância para o olfato, porque nos é agradável. Queremos doçura para o paladar, igualmente porque é agradável. Desejamos certa harmonia de sons, porque é agradável ao ouvido e ao sistema nervoso. As coisas que representam essas qualidades desejadas nos são atraentes. Dizemos que aquilo que é simétrico na forma, ou cujas cores são atraentes para nossa vista, é belo. Por belo referimo-nos às coisas de uma experiência visual que são agradáveis ao nosso sentido da visão. Fragrância para o sentido do olfato é, assim, uma espécie de beleza, pois representa o ideal de harmonia para aquele sentido. Da mesma forma, a doçura é uma espécie de beleza para o sentido do paladar. Beleza é, apenas, um nome para o que é agradável ao sentido da visão. Cada sentido tem sua correspondente qualidade ou beleza. Qualquer coisa que traz prazer ou satisfação a um sentido é, em outras palavras, bela para ele.

Portanto, o desejo é o impulso para encontrar o belo ou seu equivalente. É a busca da coisa ou condição que satisfará aquela natureza a que o desejo serve.

Ninguém jamais teve um desejo por aquilo que não é belo, isto é, por aquilo que não representa uma experiência agradável para a pessoa, de uma ou outra forma. Se um desejo não representasse aquilo que satisfaria o homem, este permaneceria insatisfeito e, fisicamente, se tornaria anormal e, por conseguinte, sofreria.

Desde que o homem começou a especular sobre seu próprio complexo ser, freqüentemente se tem considerado de três naturezas: física, intelectual ou mental e espiritual. Contudo, muitas vezes reuniu as duas primeiras em uma só. As três naturezas, portanto, constituem a hierarquia do ser humano. Todas as três se fundem umas nas outras mas, ainda assim, têm características distintas. Afinal de contas, se estas três naturezas estão de qualquer modo relacionadas, cada uma por sua vez, a partir da mais alta, tem necessidade de exercer alguma influência sobre a outra. Elas não poderiam ser absolutamente separadas. Logo, a mais inferior, ou física, tem seus ideais, assim como qualquer uma das outras. Os ideais do físico são aqueles que, como dissemos, os sentidos percebem como agradáveis e satisfazem os desejos do corpo. O corpo tem de unir-se aos seus ideais. Em outras palavras, o corpo tem de vincular-se àquilo que é belo, no sentido em que usamos a palavra beleza, para satisfazer os apetites e as paixões. Se não faz isto, o corpo torna-se deformado e imperfeito.

Os desejos do corpo são, assim, os **amores** do corpo. Praticar o auto-sacrifício, suprimir os amores do corpo, é corromper uma das naturezas do ser trino do homem. Esses amores são essenciais para o físico. Eles o ajudam a desposar o ideal que manterá a harmonia da sua essência.

Entretanto, o homem tem de compreender que a finalidade da vida não é simplesmente a satisfação dos desejos físicos. A busca desses amores físicos deixa insatisfeitos os desejos das outras naturezas. Ela mantém o homem continuamente

em aflição. Como disse Espinosa: *"As tristezas e os infortúnios têm sua fonte principal num amor excessivo por aquilo que é sujeito a muitas variações, e sobre o qual nunca podemos ter controle... tampouco a injustiça, infortúnio, inimizade etc., surgem fora do amor por coisas que ninguém pode realmente controlar"*. Na realidade, isto quer dizer que deveríamos conhecer os limites dos ideais do físico. Amá-los somente pelo que podem proporcionar e na medida em que servem o corpo e não buscá-los continuamente por si mesmos, pois eles não podem satisfazer toda a natureza do homem.

Existem, também, os amores intelectuais, os desejos da mente. A mente, a inteligência ativa, como sabemos, pode estabelecer finalidades, pode aspirar a propósitos. Estas aspirações são ideais mentais. A mente procura trazê-los à realidade, concretizá-los e realizá-los, tal como o escultor cria uma estátua para que possa viver objetivamente a idéia que tem em mente. O amor intelectual é muito maior que o corporal. Seus ideais são muito mais numerosos. Cada um desses ideais intelectuais, embora satisfaça em parte o amor intelectual, impele o amor a criar outros ainda maiores que dão satisfação intelectual crescente. Enquanto o amor físico, se favorecido com demasiada freqüência, pode ficar saciado, os amores intelectuais sempre aumentam o prazer que proporcionam à mente do homem. Os ideais da natureza intelectual do homem são o **conhecimento** e a **realização**. O intelecto deve unir-se a esses ideais se quiser alcançar sua normalidade, independente dos amores e satisfações que o homem possa ter fisicamente.

A seguir, examinemos a mais elevada natureza do homem — a espiritual — interpretando o conceito dessa natureza como desejarmos. Devemos imaginar o amor espiritual como se fosse, em essência, extremamente diferente dos outros amores, só porque parece mais impessoal, isto é, porque serve a um eu maior? Não

é o amor do homem por Deus, pelo Divino, igualmente um desejo — um desejo tendo uma finalidade mais elevada ou mais exaltada? É um desejo destinado a manter a natureza espiritual do homem satisfeita. Plotino, o grande filósofo neoplatônico e intérprete do misticismo, disse: "*O amor conduz todas as coisas à natureza do belo*".

Diferentes amores pertencem a diferentes graus na hierarquia da existência humana. O amor espiritual é a atividade da alma desejando o bem, disse um místico, ou seja, o amor espiritual é o desejo da alma pelo que é agradável ao seu exaltado sentido. "*O amor Divino contempla a beleza Divina*", é o adágio de um místico sufi. Pode-se interpretar esta asserção como tradução de que o mais alto desejo do homem, ou amor espiritual, é a necessidade íntima de experimentar a harmonia Cósmica, ou a beleza Divina da Natureza. Esse êxtase satisfaz a alma, assim como os amores somáticos trazem prazer ao corpo.

Portanto, nenhum amor de que o homem é capaz é indigno, ou deve ser suprimido. Cada amor — os do corpo, da mente e da alma — tem de ser unido à sua respectiva natureza. Tal é, misticamente, o casamento da trindade ou os casamentos da natureza trina do homem. Cada casamento ocorre dentro da sua própria casta ou classe. Só se experimenta dificuldade quando uma natureza ama o ideal de outra. Quando um homem dissipa seus amores espirituais ou intelectuais, despreza-os em troca dos do corpo, o resultado é degenerescência e infelicidade. Espinosa disse: "*O amor de Deus deveria ser um amor do imutável e do eterno... não maculado por qualquer defeito inerente ao amor comum... este amor de Deus pelo inalterável e eterno toma posse da nossa mente sem despertar emoções de medo, ansiedade, ódio etc.*". Em outras palavras, o amor de Deus é um amor do que jamais termina, que não tem natureza decrescente. É o amor de algo que não pode

ser roubado, de que ninguém pode ter inveja, de modo que é um amor livre das emoções que acompanham os amores do corpo. *"Este amor intelectual da mente por Deus é o próprio amor de Deus com o qual Deus ama a si mesmo... Esse amor intelectual da mente por Deus é uma parte do amor infinito com o qual Deus ama a si mesmo"*. Nisto, vemos que o amor de Deus é manifestado na alma do homem, como o desejo do homem de amar a Deus, de compreendê-Lo e de ser absorvido na Sua natureza. É como uma tira de borracha esticada entre dois pontos. Quanto mais se estica uma ponta, mais a outra procura retornar ao centro.

Um místico sufi, Hallaj, disse: *"Antes da criação, Deus se amava em absoluta unidade. Pelo amor, revelou-Se a Si sozinho. Então, desejando contemplar o amor — em unicidade — o amor sem dualidade e como um objeto externo, Deus criou da inexistência uma imagem de Si mesmo e dotou-a de todos os Seus atributos. Esta imagem é o homem"*.

Em poucas palavras, isto quer dizer que o amor do homem por Deus é o amor de Deus objetivamente reduzido a um estado menor — como um reflexo num espelho é menos real do que é refletido.

O amor pela beleza física, dizem-nos Plotino e Platão, é o primeiro estágio legítimo na ascensão para o amor pelas idéias Divinas. O corpo tem de amar o que ele concebe como belo, seus ideais, de modo que sua natureza possa ser venturosamente unida e tornar-se saudável e normal. Quando isto é realizado, o amor pela beleza intelectual, ou **conhecimento**, é a etapa seguinte na ascensão. Quando se tem satisfação mental ou intelectual, então o homem está preparado para o amor maior, o amor pela beleza Divina, pelas coisas espirituais do mundo. Portanto, não existem amores isolados, e sim uma escala gradual de amores. O

verdadeiro valor de cada um é determinado pelo seu ideal. Quanto mais limitado o ideal — a coisa concebida como o belo —, menor o amor.

Que dizem os rosacruzistas do amor? De um ponto de vista rosacruz, é necessária uma abordagem racional ao amor. Naturalmente, eles percebem que o amor não é meramente uma experiência intelectual; mas, por outro lado, também percebem que é essencial compreender as **causas** do amor, de modo a serem capazes de produzir o efeito mais duradouro. Primeiro, dizem que, basicamente, todo amor é **desejo**. É um anelo ou um apetite, se quiserem, por aquilo que nos traz prazer. Ninguém, jamais, amou aquilo que traz dor, sofrimento, infortúnio, ou tormento. Por conseguinte, os rosacruzistas afirmam que o amor é o desejo de harmonia. Contudo, o amor por aquilo que seria harmonioso apenas para os sentidos físicos deixaria outros amores certos sem recompensa. O amor do intelecto pela realização dos seus ideais seria desprezado. O amor do eu emocional seria esquecido, deixando-o, talvez, torturado por temores. O amor do eu espiritual para expressar seus sentimentos psiquicamente também seria engolfado, se nos concentrássemos num amor que traz harmonia apenas aos sentidos físicos. Somente quando sentimos a harmonia de todo o nosso ser, todos os aspectos de nós mesmos, é que experimentamos o amor absoluto, a satisfação completa. Este amor absoluto é encontrado na saúde do corpo e no seu desejo de manter-se. Ele consiste, também, do amor por exercitar os poderes criativos da mente e o amor por expressar os valores espirituais, tais como compaixão e abnegação. A unidade desses três amores, portanto, resulta naquele grande ideal rosacruz, a **Paz Profunda**.

Capítulo V: A VIDA PLENA

Epicteto, em suas **Meditações**, declara: "*A vida é indiferente*". Mas afirma, também, que o uso da vida não é uma indiferença. Pode-se interpretar isto como significando que a vida cumpre sua função de geração e desenvolvimento das coisas vivas indiferentemente, no que diz respeito ao indivíduo. A vida obedece a uma lei de ordem e necessidade em sua criação. Isto é tudo o que se pode esperar dos aspectos físicos da vida. Quando se chega à maturidade ou quando se procriou, ou se é capaz de procriar, o ciclo da vida física está completo no que lhe diz respeito. A vida não tem mais interesse pelo indivíduo. A vida é inteiramente indiferente se temos êxito em nossas ambições ou se fracassamos. A ela é indiferente se sofremos ou somos felizes. Na natureza da vida, estes fatores não existem. Tais valores dependem da maneira pela qual se usa a vida. Excelência biológica só existe no que se é. A excelência da vida está na criação do homem ou na criação de qualquer coisa viva. Todos os outros valores que podem ser atribuídos à vida vêm da aplicação que se faça dela. Podemos comparar a existência física a uma pá. A finalidade da pá consiste em se adaptar ao propósito a que se destina. Uma pá não é nada por si só. Qualquer glória que se lhe possa atribuir tem de vir do seu emprego nas mãos do usuário. E assim, como Epicteto declara, a vida é indiferente, mas o uso da vida não é.

A literatura filosófica nos ensina que é também uma lei da vida copiar o que resulta da Natureza; isto é, modelarmo-nos segundo ela. Se desejamos que todo ato e toda circunstância da nossa vida se conforme com a natureza, cabe-nos observar a Natureza em suas múltiplas modalidades e aspectos. Isso pode significar que nada existe fora do território da Natureza. Como já nos disseram muitas vezes,

não há nada de novo sob o Sol. Tudo tem sua forma ou sua causa enraizada profundamente nas leis da Natureza. Por conseguinte, compete a nós, se quisermos obedecer às leis da vida, ligar firmemente à Natureza os elementos da nossa imaginação e dos nossos planos. Na verdade, quanto mais investigarmos os fenômenos da Natureza em torno de nós, mais portas se nos abrirão à plenitude da vida. Podemos ver isto demonstrado em torno de nós. Toda invenção moderna tem seu paralelo em algum fenômeno existente na Natureza. A câmara fotográfica, com sua lente, diafragma e mesmo sua película, corresponde ao olho humano; o receptor telefônico, com seu diafragma oscilante, pode ser comparado ao ouvido humano, que também tem seu diafragma e que emite impulsos. O sistema elétrico mais delicado corresponde aos sistemas nervosos simpático e espinal. Assim, se quisermos ampliar nossa vida, sigamos a Natureza.

A vida, a existência consciente, só pode crescer à medida que absorvemos mais e mais do Cosmo no qual existimos. O crescimento da vida consciente é uma espécie de crescimento. Ele consiste em acrescentar a nós mesmos as coisas e condições que nos cercam. Portanto, a vida consciente pode ser comparada a uma célula viva. Temos de assimilar, tal como a célula faz, elementos da substância na qual existimos, ou nossa vida será excessivamente limitada.

Pitágoras comparava a vida aos grandes jogos, como os jogos olímpicos que se realizavam em Atenas. Disse ele que alguns compareciam aos jogos para competir por prêmios; outros lá iam apenas para vender suas mercadorias; mas os melhores de todos eram os que se tornavam espectadores dos jogos. O espectador da vida é aquele que tem uma atitude filosófica. Ele não presume que a vida tenha um único valor para qualquer homem. Ele acredita que existe uma variedade de

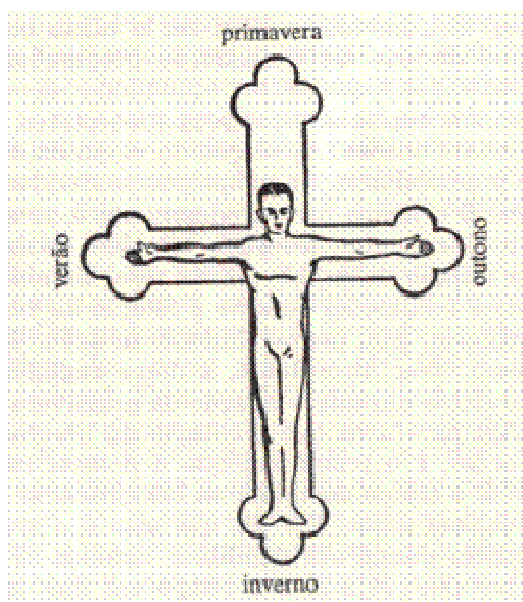
valores e, por conseguinte, está sempre alerta às muitas experiências e participa de tantas quantas possa, porque nessas experiências variadas existem gemas ocultas — as pedras preciosas que formam o diadema da felicidade.

Pitágoras dividia a vida em quatro quartéis, cada um de vinte anos. O primeiro é o período da **infância**; o segundo é a **juventude**; o terceiro é a **virilidade juvenil** e o quarto é a **virilidade madura**. Estes quatro quartéis correspondem às quatro estações do ano, ou seja: a infância, à primavera; a juventude, ao verão; a virilidade juvenil, ao outono e a virilidade madura, ao inverno.

Henrique Cornélio Agripa, ou Agrippa de Nettesheim (1486(?)-1535) foi um grande ocultista, místico e filósofo. Em sua renomada obra, O **Espelho Mágico**, também dividiu a vida em quatro quartéis. O primeiro quartel, diz ele, vai do primeiro ao vigésimo-primeiro ano; é a estação da primavera da vida e representa juventude, amor e crescimento. O segundo vai da idade de vinte e dois a quarenta e dois; é o período do verão. Representa a mente, o intelecto, a maturidade de pensamento, a virilidade, a frutificação ou realização. O terceiro quartel, abrangendo os anos de quarenta e três a sessenta e três, a estação do outono da vida; representa como riqueza, maturidade física e mental, e carma. O quarto e último, ou estação do inverno, inclui os anos de sessenta e quatro a oitenta e quatro, e é o tempo da mudança, ou da preparação para a transição. Cada um destes quartéis da vida, afirmou ele, começa com o equinócio da primavera, o período primaveril, e cada um dos quartéis da vida termina no solstício do inverno, por volta de 21 de dezembro.

Agripa também contava que o homem tem três pontos iguais na sua vida. Em outras palavras, existem três períodos dentro da vida e os citava como sendo **iniciações** primárias por que temos de passar durante nosso período de vida. O primeiro começa após nosso nascimento físico, o primeiro quartel primaveril da

nossa vida, de um a vinte e um anos de idade; o segundo período, ou iniciação, ocorre aos quarenta e dois anos de idade, quando já cruzamos o meridiano da vida, ou o zênite do nosso período de vida; e o terceiro período, ou iniciação, quando entramos na estação invernal da nossa vida, o ocaso, o último quartel. Afirmo, ademais, que o corpo ereto da cruz simboliza estes quartéis da vida. Por exemplo, o ponto superior da cruz simboliza a estação da primavera da vida; o braço esquerdo da cruz representa o quartel do outono; o braço direito da cruz, a estação do verão; e a base da cruz, a estação do inverno, ou o encerramento da vida.



Agripa analisa, ainda, de maneira muito interessante, o valor dessas estações ou quartéis da vida, e o que se espera que o homem faça para utilizá-los inteligentemente. Quando este alcançou os vinte e um anos de idade e completou a estação da primavera da sua vida, deverá, então, já ter recebido os instrumentos do seu futuro. Esses instrumentos podem ser o ofício ou profissão no qual deveria ser treinado ou preparado, ou podem consistir das experiências acumuladas de outros e que lhe foram expostas pelos seus preceptores, nas escolas ou universidades. A

estação do verão da sua vida, o período intermediário, é o tempo para a atividade, mental e física. É o tempo para produzir, isto é, criar e manifestar os ideais que deveriam ter sido estabelecidos durante a estação da primavera da vida. Se nossos produtos, nossas realizações durante a estação do verão, não são os melhores, isto, provavelmente, se deve, diz Agripa, ao nosso viver inconstante, à nossa negligência em nos prepararmos durante a estação da primavera da nossa vida. Agripa afirma que a estação do inverno, ou os anos do ocaso, é o tempo em que o homem pára seus trabalhos. É o tempo de colher os benefícios, se houver, do que realizou antes. Ele diz que este é o tempo em que o homem atinge um equilíbrio cármico. Não quer dizer, entretanto, seja este o tempo em que temos de compensar pelo que ocorreu em encarnações anteriores e, sim, que é o tempo em que deveríamos começar a desfrutar dos resultados do planejamento ou vida ponderada, ou quando deveríamos experimentar os resultados da vida descuidada ou anos desperdiçados.

Que dizem da vida os rosacruzistas? Dizemos que a vida — existência física —, no que respeita à Humanidade, tem uma finalidade bem definida. Temos permissão para vivê-la, para que possamos aprender as leis da existência — a nossa própria e a das outras coisas. O que é conseguido através do nosso combate às forças da Natureza que nos cercam. Somente quando enfrentamos oposição, só quando nos situamos onde ficamos plenamente expostos às leis e fenômenos do universo, é que todas as nossas faculdades, todos os nossos poderes são usados. Aquele que se exclui do mundo, que se torna anacoreta ou eremita, deixa de utilizar tudo aquilo de que é capaz e, por conseguinte, pouco aprende das leis da existência. Por analogia, recebemos olhos para perceber visualmente aquelas substâncias e matérias, que poderiam nos destruir, eliminar-nos da existência, se não as pudéssemos perceber. Na verdade, todos os nossos sentidos objetivos —

visão, tato, paladar etc. — não são dados porque nossa existência ocorre nas dimensões onde precisamos deles para lutar com outras substâncias, outras massas como nós mesmos.

Para viver de acordo com as leis, as propriedades físicas que nos deram existência, temos de usar os sentidos que as podem discernir. Contudo, também nos foi dada, além dos nossos sentidos periféricos, uma natureza emocional. Esta nos foi conferida para o propósito de avaliar a relação entre as coisas e nós mesmos, para que possamos determinar noções como bem e mal, ordem e desordem etc. Cada coisa só vive plenamente na medida em que expressa todas as funções de que é capaz. Um gamo que não corre, ou um galo que não canta, não está vivendo plenamente de acordo com as funções de que é possuidor. São fiéis à causa da sua existência. Da mesma forma, um homem que não exerce sua razão, ou que não emprega suas faculdades e poderes emocionais e psíquicos, não está vivendo como um ser humano; está desprezando aquilo de que é capaz. Em outras palavras, está se opondo à própria ordem da sua existência. Com esse viver, só pode vir a conhecer o tédio.

A concepção rosacruz de vida correta é, primeiro, o de subdividir o próprio ser e depois determinar quais são os principais elementos ou fatores de que é composto. Isto não é difícil. Reconhecemos nosso ser físico e material. Sabemos que, se desprezarmos nosso corpo, o lado físico de nós mesmos, estamos fechando uma porta sobre uma parte, parte importante, da complexidade da nossa natureza. Além disso, reconhecemos que temos uma parte intelectual em nossa composição, que tem faculdades tais como razão, reflexão e imaginação. Se as ignoramos, então também outra parte do nosso ser está se deteriorando, atrofiando por falta de uso. Se negligenciamos qualquer parte do nosso ser, é como vender um dos nossos

olhos. A função da nossa visão torna-se limitada. Portanto, nossa existência consciente pode deformar-se.

Capítulo VI: LUZ E ILUMINAÇÃO

De todos os contrários na Natureza, os opostos – luz e trevas – são os mais óbvios. Para a mente primitiva, tanto a luz como as trevas têm uma qualidade positiva. As trevas têm tanta realidade para a mente primitiva quanto a luz. Alguns mitos dos povos primitivos representam a luz como criada na natureza das trevas, mas estes são relativamente poucos.

São muitas as experiências que, comuns à luz, estamos acostumados a associar à palavra **luz**. Por meio da luz, todas as coisas que constituem nosso mundo visual têm existência para nós. Até mesmo os perigos são coisas palpáveis e definidas, na luz, porque podem ser percebidos. Sua forma visual dependem da luz. Quando abrimos os olhos, a luz flui para dentro deles e, com ela, vem a visão de todas as cenas, acontecimentos e circunstâncias que associamos à luz. Inversamente quando fechamos os olhos ou quando o Sol é encoberto por nuvens, ou pela cortina da noite, surgem as trevas e, com as trevas, tudo que conhecemos ou associamos à luz desaparece.

Para a imaginação desenfreada, o terror espreita nas trevas. Coisas que podem ser concebidas mas não percebidas. Na morte também não há visão objetiva mas, somente, trevas. Assim, as trevas simbolizam morte e esquecimento. No Egito, trevas e luz não eram concebidas isoladas, como duas entidades diferentes, mas, sim, como duas forças diferentes como os pólos de um ímã. Sabemos que o deus Ra era simbolizado pelo Sol e representava a sua força criadora, **positiva**. As trevas eram simbolizadas pelo deus Sete. Ele representava inércia, em contraste com a atividade relacionada com o poder do Sol; por conseguinte, as trevas eram um estado **negativo**. Na verdade, em seus salmos, os egípcios referiam-se ao Sol abrindo caminho através das revoltas nuvens das trevas, da noite, para emergir na

aurora, indicando, assim, que as trevas eram consideradas como uma oposição inerte às forças ativas da luz.

No Livro do Gênese, no Antigo Testamento, está dito: "*Faça-se a luz*". Então somos informados que Deus separou a luz das trevas. O que indica, claramente, serem as trevas e a luz consideradas criações separadas, pelos antigos hebreus. Também indica que a luz do dia era considerada uma condição física e que se referiam a ela neste sentido. A Luz Maior, com sua importância mística e alegórica, não era incluída nessa referência, porque mais tarde lemos que Deus disse: "*Façam-se luzeiros no firmamento dos céus*", referindo-se às estrelas e à Lua, a luz menor. Referia-se à luz física, não a uma metáfora ou alegoria.

Na Bíblia, o **simbolismo** da luz e trevas, no sentido moral, não aparece, de forma clara senão no Novo Testamento, vários séculos depois dos livros do Antigo Testamento. Naquele, faz-se as trevas representarem o escondido. Sob o véu das trevas, é cometida a maioria dos crimes. Por conseguinte, as trevas assumem o equivalente moral do mal. Inversamente, a luz representa ação franca — coisas feitas franca e honestamente —, de modo que a luz é simbolicamente associada ao bem e à virtude. Então nos dizem que nossos olhos podem estar abertos e nossa visão pode ser boa e, entretanto, podemos ver. Isto significa que a **mente** está fechada, que a mente está em trevas. Portanto, a ignorância também torna-se associada às trevas. A sabedoria é relacionada com a luz e com a mente aberta e investigadora.

Muitas vezes se diz que, os que buscam o conhecimento e o saber, são habitantes da luz. Segue-se, naturalmente, que a luz é comumente considerada sinônimo de saber e conhecimento. Hoje em dia, são muitas as organizações ou irmandades religiosas ou místicas que obrigam, na verdade, os candidatos ou

aspirantes, a declarar, em suas propostas de admissão, que estão em busca da luz, antes que sejam aceitos. Tal significa que eles estão em busca de conhecimento e de maior saber.

Contudo, os místicos de outrora tinham, acerca da luz, concepção muito diferente. Para eles, a luz não significava meramente conhecimento e saber. Os místicos e os rosacruzes de hoje também distinguem entre **luz** e **iluminação**. A distinção é sutil, mas merece nossa compreensão. Nossos olhos podem estar abertos e nossa visão pode ser boa, e podemos ver coisas que nunca vimos antes; por conseguinte, temos conhecimento da sua existência. Mas tendo visto essas coisas e sabendo que existem, elas podem nos parecer sem propósito. Ainda estamos intrigados, ainda estamos em dúvida a seu respeito e, portanto, nossa experiência visual tem pouco valor para nós. Por exemplo, podem mostrar-nos uma máquina ou um aparelho de laboratório complicado. Nossa visão é bem clara. Podemos descrever o que vemos, tão bem como quem nos mostrou a máquina; entretanto o objeto é ainda enigmático e desconcertante. Podemos, portanto, ter luz perceptual — um acúmulo de fatos — e, entretanto, permanecer, mentalmente, muito às escuras. Por conseguinte, para os místicos, iluminação significa **compreensão**.

Podemos andar na luz. Assim, a pessoa pode ser alguém em busca de conhecimento, de fatos novos e estranhos, um descobridor de informações, um esquadrinhador de livros, mas isto não é o suficiente. Ela, com toda a sua luz, tem de, eventualmente, alcançar a iluminação ou compreensão. Nos livros **Confessio Fraternitatis**, que são uma das primeiras obras publicadas pela Ordem Rosacruz no século XVII, há uma afirmação no sentido de que o mundo tem de despertar da sua letargia e ir ao encontro do sol da manhã. Ora, naqueles tempos havia um interesse

no conhecimento e no saber. Os homens tinham visão; podiam ver; e muitos deles buscavam a luz. Mas as **Confessio** significavam mais que isto; significavam que ao ir ao encontro do Sol e ao despertar da sua letargia, o mundo algum dia teria uma compreensão de si mesmo e de seu propósito. Certamente, hoje em dia, a Humanidade ainda tem grande necessidade de compreensão, mesmo com toda a luz e conhecimento que possuímos.

Nos estudos rosacruzes, diz-se que a iluminação segue-se a um período de meditação. Esta meditação é uma ponderação sobre o conhecimento que o estudante rosa-cruz adquiriu nos diferentes graus dos seus estudos. Por conseguinte, isto prova que **iluminação** é compreensão, algo que se segue ao conhecimento. Um dos graus rosacruzes se chama **Illuminati**, o que quer dizer que naquele momento a consciência do estudante, os vários aspectos da sua consciência devem estar impregnados de uma compreensão daquilo que ele estudou. Portanto, devemos fazer da **compreensão profunda** a nossa meta na vida, e não apenas uma fonte maior de conhecimento ou um acúmulo maior de coisas e fatos externos. A luz, para o místico, sempre significa **iluminação**.

Capítulo VII: MORTE – A LEI DA MUDANÇA

O antigo filósofo Epicuro perguntou por que deveria o homem preocupar-se tanto com a morte e temê-la, pois, assim fazendo, ele presume conhecer a natureza da morte, ou as circunstâncias que cercam a transição da vida para a morte! Como o homem nada sabe disso, não deveria recear a morte, nem viver no temor dela. Não deveria, tampouco, tentar antecipar, o desconhecido. Quando o fim, o desconhecido, vem até nós, então já é o conhecido, e o que é conhecido jamais é temido.

Por que a maioria dos homens teme a morte? Não será porque lhes desagrada renunciar aos prazeres, às alegrias, às recompensas, ao poder, à fama e posição, que alcançaram na vida? Mas se temem renunciar a essas coisas, se temem que a morte lhes roube esses prazeres, também têm de compreender que a morte lhes negará a dor, lhes negará a preocupação, a tristeza e a luta, pois se a morte suprime uma experiência na vida, suprimirá, também, todas as outras.

Consideremos a morte como o ato de se cruzar o umbral para outro aposento. Quando o cômodo em que nos encontramos torna-se apinhado e não mais é capaz de servir às nossas finalidades, e a porta se abre e vemos através do portal o outro aposento, para nova expressão, por que deveríamos hesitar em nos aproveitarmos dele, especialmente quando ele nos oferece oportunidades que o cômodo do presente não nos pode oferecer?

A alma do homem é parte da Alma Universal, da inteligência de Deus, que flui por igual, como uma força espiritual através de todos os homens. Podemos usar novamente uma analogia que temos empregado muitas vezes. A força da alma é como uma corrente elétrica que corre através de um circuito de lâmpadas elétricas.

Ela faz com que cada lâmpada no circuito manifeste luz e cor, cada uma talvez de modo diferente, mas a essência de todas as lâmpadas, a corrente, é a mesma. Esta força anímica dentro do homem tem, ou digamos, cria, certos atributos. O principal é conhecido como o corpo psíquico.

Essa inteligência Cósmica ou força anímica não está limitada a uma área, seção, ou órgão do corpo, como muitos filósofos outrora pensavam. Em vez disso, ela penetra cada célula da matriz de células de que o organismo humano é composto. Cada célula tem seus deveres, suas funções, que contribuem para a finalidade total para a qual o corpo humano existe. Por conseguinte, como as células, em sua substância protoplásmica, compõem a forma física — por exemplo, o coração —, a consciência psíquica dessas mesmas células contém um corpo psíquico, ou o que corresponde à forma física do coração, isto é, um coração psíquico.

Quando da morte, ou daquela transição que separa o corpo das qualidades espirituais ou força anímica do homem, o que acontece ao corpo psíquico? A alma, naturalmente, é atraída para dentro da Alma Universal da qual jamais esteve separada. Por analogia, fazemos a pergunta: o que acontece com a corrente elétrica quando se apaga uma lâmpada ou se desliga um ventilador elétrico? A corrente ainda existe, pronta para manifestar-se novamente quando se tiver restabelecido a conexão material. O corpo psíquico, ou o eu de um ser humano, é apenas absorvido na Alma Universal. Ela não se perde. Antes, harmoniza-se com todas as personalidades e os corpos psíquicos que compõem uma única Alma Cósmica. Outra vez fazemos uma pergunta para demonstrar melhor nossa posição: o que acontece com as cores **vermelha**, **verde** e **azul** quando não existe um meio, tal como um prisma, para dispersar a luz branca? Os comprimentos de onda

daquelas cores permanecem misturados, para constituir a harmonia de todas as cores em que consiste a luz branca. O mesmo acontece com os corpos psíquicos e personalidades na Alma Universal.

Pouco antes do último alento, no momento da transição, o corpo psíquico se projeta, isto é, parece estender-se alguns metros do corpo físico. Ele não está libertado. Ainda está preso ao corpo físico pelo cordão de prata (um termo místico tradicional para a essência do corpo psíquico que permanece ligada ao corpo físico vivo). A essência maior do corpo psíquico em tal momento pode ser sentida, ou, melhor dito, percebida como uma nuvem ou névoa. Às vezes é na forma de um oval, de uma de cujas extremidades parece descer esse cordão de prata como uma espécie de espiral ou vapor. A extremidade menor da espiral parece entrar no corpo no plexo solar.

Portanto, com a transição, termina neste plano a consciência do eu e a percepção de qualquer estímulo. Pelo conceito rosacruz, a cremação é a maneira ideal de se dispor do corpo. Os elementos físicos dos quais o corpo é composto, em si e por si mesmos, não constituem o homem, como uma figura de cera tampouco o poderia constituir. Portanto, é nosso dever ajudá-los a retornar ao seu estado original o mais breve possível; e a cremação faz isto. A conservação prolongada do corpo mediante métodos complicados de embalsamamento é um costume nascido de um sentimento que continua associando a personalidade e o eu com o invólucro físico, ou então é o resultado de certas interpretações religiosas. Somente aqueles elementos impalpáveis, aquelas condições e características que compõem o ego e a personalidade é que constituem o **eu**. Quando elas se retiram, é melhor que o elementos físicos do corpo sejam liberados o mais de pressa possível, e com a máxima decência.

Capítulo VIII: CAUSALIDADE E CARMA

Um filósofo do século XVII, Gottfried Leibnitz, esforçou-se por mostrar como a harmonia do corpo e da alma pode ser alcançada de várias maneiras. Sugeriu que uma delas era a mais provável pela qual o corpo e a alma estavam relacionados. Para explicar essa harmonia, utilizou sua famosa alegoria dos dois relógios. Começou com a suposição de que dois relógios marcavam a mesma hora com precisão. Isto pode se dar de três modos diferentes. Primeiro, pode ser a influência mecânica de um relógio diretamente sobre o outro. Em outras palavras, um dos relógios mantém, continuamente, o outro na hora certa, sendo sincronizado com ele, através de um processo mecânico. Esta, dizia Leibnitz, é a concepção usual da relação de corpo e alma; isto é, a alma influencia continuamente o corpo e às vezes, o corpo influencia a alma, pelo que se presume que a relação está estabelecida.

O segundo modo, pelo qual dois relógios marcariam a mesma hora, seria um trabalhador especializado regulando os relógios, de minuto a minuto; em outras palavras, fazer ajustes contínuos para que sempre correspondam na hora que marcam. Este segundo exemplo é o equivalente da crença de que Deus, ou o Espírito Divino, intervém continuamente nos assuntos humanos. Essas pessoas imaginam que Deus constantemente vigia o espírito e o corpo do homem; em outras palavras, ajusta suas relações.

O último modo que Leibnitz sugeriu pelo qual dois relógios poderiam marcar a mesma hora era que cada um fosse originalmente feito para trabalhar com precisão desde o começo. Nesse caso cada relógio individualmente não só marcaria a hora certa, como também, marearia a mesma hora que todos os outros relógios.

Com Isto, ele queria dizer que, se a alma e o corpo dos homens têm, cada um, inerente em si, seu propósito específico — a razão da sua existência — e o tem como sua finalidade, não precisam preocupar-se com as finalidades, ou propósitos, um do outro, porque tais finalidades naturalmente coincidiriam, sendo a intenção do Criador alma e do corpo dos homens que eles se harmonizassem. Portanto, não haveria razão para se influenciarem mutuamente, nenhuma razão para ajuste contínuo de hora em hora; em outras palavras, Deus não precisaria intervir a fim de mantê-los sob controle. Poderíamos também usar a analogia de uma parilha de cavalos. Cada cavalo da parilha tem antolhos. Um não vê seu companheiro, mas pode ver o objetivo, a direção em que está indo, e continua naquela direção e, assim, embora cada um esteja lutando pelos seus próprios fins individuais, os fins coincidem e os cavalos formam um harmonioso conjunto.

Pois bem, a filosofia sugere que um destes três princípios, que Leibnitz tão bem apresentou, explica as vicissitudes da nossa vida e a provável relação entre corpo e alma. Todavia, podemos aceitar arbitrariamente qualquer um dos três que nos pareça provável, ou podemos recusar todos. A maneira mais inteligente de se chegar à compreensão seria investigar a experiência humana, Investigar os fenômenos naturais e Cósmicos. Desse modo, podemos descobrir alguma lei reguladora positiva que explique a felicidade, a tristeza, o sucesso e o infortúnio.

Começemos com a experiência humana. Coisas ou condições estão ocorrendo continuamente. Alguma coisa que antes não era, **é**, ou pelo menos assim se nos parece. Contudo, com um pouco de raciocínio, todos concordaremos que uma coisa em si não pode mudar sua própria composição. Algo que é uma substância singular não pode ser aquela substância e ao mesmo tempo ser convertida em outra coisa, pois, enquanto está no processo de modificação, não

seria aquilo que era. Não obstante, a experiência comum revela que as coisas realmente parecem mudar em si mesmas. Essas coisas, que dão a aparência de mudança, são objetos que não são de uma substância única, mas são realmente uma combinação de partes, com uma parte agindo sobre a natureza da outra; isto explica a mudança aparente. Por conseguinte, quando falamos de causas, referimo-nos a algum objeto ou acontecimento por meio do qual outro objeto ou acontecimento vem a ocorrer. Um efeito é uma mudança produzida por uma causa em alguma outra coisa. Portanto, supomos que exista uma sucessão ordenada no processo de mudança. Em outras palavras, uma causa tem de preceder a mudança ou efeito que ela produz.

Deve-se compreender que não pode haver causas individuais; uma coisa não pode agir sobre si própria. Nada pode ser produzido a partir de si próprio. Se fosse assim, as coisas logo se esgotariam. Uma geração contínua a partir de algo significaria que eventualmente não restaria mais nada daquilo. Ademais, se uma coisa pudesse produzir-se inteiramente a partir de si mesma, então ela seria de natureza absolutamente independente. Não teria nenhuma relação, não precisaria ter qualquer relação, com nenhuma outra coisa. Em lugar de um universo homogêneo, teríamos um heterogêneo. Resta o fato de que não conhecemos nenhuma coisa verdadeiramente independente no universo. Tudo, na experiência humana, aponta para a unidade. Não pode haver coisas inteiramente autogeradas. Concluimos, portanto, que as coisas não saem umas das outras, mas uma em decorrência de outra, com influências relacionadas.

A natureza de uma causa não pode ser meramente ação, mas ação sobre alguma coisa. A ação tem de ter nina coisa sobre a qual agir. Por analogia, uma bala disparada no vácuo (se um vácuo perfeito fosse possível), independente

da sua velocidade, não poderia em si ser uma causa, pois não teria nada sobre o qual agir para produzir um efeito. Portanto, é metafísica e logicamente correto dizer que a **causação** é uma doutrina que diz respeito à relação entre duas coisas: uma ativa, ou condição, e uma passiva — sendo assim, nenhum acontecimento ou objeto pode ter uma causa única. A mudança ou ocorrência é sempre o resultado de uma combinação de duas coisas, a de atividade e a de passividade.

Logo, tudo tem de ter duas causas, e a causa relativamente passiva é tão necessária quanto a ativa. Se as coisas fossem igualmente ativas em todos os aspectos, seriam iguais e não poderiam produzir uma mudança ou ocorrência, pois as coisas não podem agir sobre si mesmas, se não tiverem nenhuma qualidade variante. As coisas que são iguais em suas ações são o equivalente a uma mesma coisa, no que diz respeito à ação causal.

Na experiência humana, observamos, e de maneiras diferentes, esses dois tipos de causas: a **ativa** e a **passiva**. Elas recebem uma variedade de nomes. A maioria das causas ativas que somos capazes de perceber e que, aos nossos sentidos, aparecem como sendo ativas ou providas de algum tipo de movimento, chamamos de **causas eficientes**. Em outras palavras, elas parecem contribuir diretamente para um resultado. Por exemplo, a causa ativa de uma janela quebrada é a bola que a atinge. Há, contudo, as chamadas **causas finais**. Estas são realmente as que se seguem da interação entre causas ativas e passivas. Num sentido, uma causa final é o resultado, ou um fim, que se pode antecipar. Quando prevemos um efeito futuro como resultado de uma causa ativa e passiva, chamamos esse futuro de causa **final**.

Logo, contrário à noção popular, não existe um verdadeiro estado de equilíbrio na natureza. Na verdade, tal estado, mesmo que fosse possível, nem

deveria ser desejado pelo homem. A antiga **Cabala**, os textos tradicionais dos hebreus, inclui uma obra conhecida como **Sepher Yezirah**. Traduzido literalmente, este título significa: **Livro da Criação**. Nesta obra, está relatado que o equilíbrio é o ponto morto entre duas forças opostas. Onde duas forças opostas são iguais em energia, ou em ação, elas se neutralizam. Ocorre, então, uma condição de repouso. O repouso está em oposição a toda a natureza. Portanto, o equilíbrio se opõe à força, pela qual ocorre a realização. O equilíbrio é o inimigo da mudança e do desenvolvimento. A **Cabala** diz ainda que o equilíbrio é uma negação permanente que nada produz.

Elifas Levi, em suas obras sobre o ocultismo, também ataca a idéia errônea, muitas vezes aceita pelos homens, de que o equilíbrio é importante em sua vida. Ele diz que, se duas forças contrárias são absolutas e invariavelmente iguais, tal equilíbrio constitui uma imobilidade, existindo, então, uma repressão absoluta de todo movimento, de toda a ação pela qual podem ocorrer mudanças ou desenvolvimentos. Tal equilíbrio seria a negação da própria vida. O movimento, afirma Levi, é a preponderância alternante de um impulso dado a um ou outro lado da balança, sendo o movimento, portanto, a qualidade positiva e total de qualquer coisa. Por outro lado, o movimento, ou a ação constantemente numa só direção, produziria monotonia ou imobilidade, porque não haveria mudança. Uniformidade, inalterabilidade são sinônimos de inatividade. A luz tem de ter suas variações de trevas — em outras palavras, gradações ou diminuições da luz ou de sua intensidade —; do contrário, não apreciaríamos a existência da luz. Se alguém nascesse e permanecesse numa sala banhada de luz forte, de uma intensidade que fosse constante e onde fosse impossível produzir sombras, não teria percepção do

significado da luz, porque não teria constatado sua ausência e, assim, não saberia que ela existia.

O bem também tem de ter suas variações, seus graus menores, ou seus opostos aparentes que chamamos de mal, do contrário o bem não existiria. Chegar-se-ia a um equilíbrio de inconsciência moral. Não teríamos consciência do que constitui o bem. Não poderia haver ideal. Na verdade, poderia alguma coisa ser boa se não superasse ou fosse superior a outra coisa? Um ocultista disse que o bem ama o mal aparente que o glorifica; em outras palavras, que o mal é o grau menor do bem ou o oposto aparente pelo qual o bem passa a ser percebido ou desejado.

Todos encontram uma espécie de satisfação em seus atos contínuos voluntários pois, do contrário, a pessoa não continuaria tais atos. Aquele que age mal tem prazer coisas que faz. Não percebe que está fazendo o mal. Pode vir a saber que sua conduta é contrária ao que a sociedade defende, e que a sociedade pode classificá-la de **errada**, mas para ele, como indivíduo, não é errada. As regras que a sociedade estabeleceu não são uma experiência íntima, não tão íntima quanto os próprios atos da pessoa, nos quais ela sente prazer. A única maneira pela qual alguém pode realmente saber que seus atos são maus é perceber sensações e sentimentos opostos a eles. Quando conhece o oposto dos seus atos, então ele está capacitado a classificar alguns como bons e outros como maus.

O princípio natural de causa e efeito, de lançar opostos uns contra os outros, tem levado a desenvolvimentos importantes. Esse princípio tornou-se a base instintiva para a primeira lei de compensação praticada na sociedade humana. Por volta de 2000 a.C., subiu ao trono de Babilônia o sexto membro na linhagem dos reis Amoritas. Tornou-se conhecido como Hamurabe. Foi um gênio, tanto na administração como na guerra. Sob sua orientação, a antiga Babilônia atingiu o

ápice da sua cultura e tornou-se uma das maiores culturas do mundo antigo. Suas contribuições à civilização do seu período foram numerosas e deixaram influência definitiva sobre o mundo. Reorganizou o calendário, fê-lo conformar com as estações, tais como as conhecemos. Introduziu um sistema tributário imparcial, tributação cobrada igualmente a ricos e pobres. Permitiu que o cidadão humilde lhe apelasse diretamente se achava que os ministros do rei não estavam administrando justiça.

O que nos interessa mais é que começou a codificar as leis vigentes. Unificou todos os usos, o direito consuetudinário, os decretos, os costumes sociais e outros. Fez muitas mudanças, para administração de justiça. Mandou que esse código de leis, o primeiro na história do mundo, fosse inscrito numa coluna de diorito, uma espécie de monumento de pedra negra. A inscrição era cuneiforme, a escrita em forma de cunha usada na época. No alto da coluna foi esculpida uma cena representando o rei recebendo suas leis do deus-sol. O que significava que tinha sido iluminado em sua decisão e que houvera uma deliberação Divina para que codificasse suas leis e que fora influenciado por poderes além de si mesmo, a fim de que pudesse levar a termo sua obra. O código proporcionava justiça para a viúva e o órfão que, naqueles tempos antigos, como acontece muitas vezes hoje em dia, eram explorados devido à sua posição inerte na sociedade.

Um princípio importante, expressado em todo o código de leis, é que o culpado receberia um castigo igual ao dano causado a outros. Por exemplo, se alguém, por negligência, causasse dano a outros, tinha de experimentar, como castigo, o mesmo efeito causado pela sua negligência. Está especificamente relatado que um construtor tem de sofrer os mesmos ferimentos de um morador cuja casa desabou devido à construção descuidada. Tais leis de compensação eram

baseadas no princípio de que a pessoa tinha que se dar conta dos efeitos dos seus próprios atos, quaisquer que fossem. O malfeitor devia sentir sua maldade na própria pele, pois não bastava que fosse castigado apenas por haver feito mal, também devia **conhecer** as conseqüências que seus atos produziram, e sentir efeitos idênticos.

Quinhentos anos após a época de Hamurabe, conta-se que Moisés recebeu os Dez Mandamentos no monte Sinai. Diz-se ainda que ele passou mais quarenta dias na montanha, onde recebeu uma amplificação dos mandamentos originais, uma elaboração sobre seu conteúdo. Estas últimas leis não foram escritas, mas diz-se que foram dadas verbalmente por Deus a Moisés e passaram a ser chamadas de Leis Orais. Estas Leis Orais, como aparecem hoje, têm sido grandemente influenciadas por modificação e adaptação feitas pelos rabinos através dos séculos.

Estas antigas leis hebraicas podem ser encontradas no Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia. Elas são comumente chamadas de leis **mosaicas**. Verifica-se que correspondem estreitamente ao código de Hamurabe. Talvez a razão disto é que os hebreus, tendo sido escravos e prisioneiros na Babilônia, permitiram que suas experiências com as leis de Hamurabe entrassem pelo menos na adaptação da sua interpretação das leis mosaicas. O princípio fundamental dessas leis mosaicas, como o do código de Hamurabe, é que cada um tem de sofrer o efeito dos seus próprios atos. Por exemplo, no Êxodo 21: 23-25, encontramos: "... *pagarás vida por vida, olho por olho, dente por dente, ... ferida por ferida, ...*"

O **Livro dos Mortos egípcio** é outro exemplo clássico no qual o indivíduo é obrigado a sofrer os efeitos dos seus próprios atos como causas. O **Livro dos Mortos** é um título dado pelos arqueólogos e egiptólogos a uma coleção de

textos funerários compilados e preparados ao longo de muitos séculos por sacerdotes egípcios. Nele vêm narradas as experiências que os mortos devem esperar no outro mundo, suas obrigações e a maneira de se preparar para a vida futura etc. Num dos muitos papiros de que é composto, existe uma cena chamada o **Juízo Final**, ou **O Grande Ajuste de Contas**. Ela mostra um grande salão onde se vêem reunidos os deuses da doutrina politeísta predominante no Egito àquela época. No centro do salão, perante uma assembléia de deuses, há uma grande balança. No alto de uma viga vertical que sustenta a balança, assenta-se um macaco. O macaco sempre foi associado ao deus Tote, o Deus da Sabedoria, e neste caso também simboliza a sabedoria. Num dos pratos da balança há uma pena. Esta representa a pureza e a verdade. No outro prato há o que parece ser um pequeno recipiente ou vaso, de um desenho peculiar, quase sempre o mesmo, que é chamado Ab. É um símbolo do coração.

A cena toda representa a pesagem das virtudes humanas após a morte, depois que o morto chegou ao outro mundo. O coração está sendo pesado com a verdade, para determinar até onde os atos do morto, sua conduta durante a vida, ficou aquém de um bem positivo; isto é, da verdade e da retidão. Por conseguinte, ali, perante os deuses, o morto está sendo obrigado a sofrer o julgamento dos efeitos dos seus atos. É Tote, o Deus da Sabedoria, quem decide o grau de virtude ou de mal da vida pregressa do defunto.

Nos textos de Confúcio existe mais outro exemplo de como o bem e o mal, como efeitos de atos, têm de ser pessoalmente compreendidos por nós. Um discípulo pergunta a Confúcio se existe alguma palavra que em si e por si serviria de regra prática da vida; mais especificamente, se existe uma única palavra cujo significado represente como o homem deve viver? Confúcio responde:

"*Reciprocidade*". Isso quer dizer que aquilo que não queremos que nos façam não devemos fazer a outros.

Nos Escritos de Confúcio é dito claramente que, se um homem causou um dano, ele será punido na natureza exata do dano por ele causado. Por conseguinte, verificamos que a **retribuição** é a base da lei confuciana da compensação.

Dos antigos ensinamentos hindus chegou-nos uma palavra em sânscrito que significa causas e efeitos morais. Esta palavra é **carma**. Etimologicamente, significa feito ou fazer. A doutrina que cerca esta palavra, ou da qual a palavra é a base, propagou-se para muitas das outras religiões principais da Índia — o budismo, por exemplo. Segundo Buda, a alma tem de encarnar continuamente durante um período indefinido. Portanto, o ideal budista é fazer com que cessem essas encarnações contínuas (corporificação em forma física). De acordo com os princípios budistas, os atos de cada vida tornam-se causas e, como causas, produzem uma seqüência de efeitos. Estes efeitos são **carma**, e o carma se acumula e é herdado ou trazido de uma vida anterior.

A alma, portanto, tem de esgotar o carma antes que possa ser liberada da necessidade de encarnar, repetidamente, em forma física no plano mortal. Segundo Buda, as encarnações são como a roda do oleiro, que recebe impulsos das suas mãos e se mantém girando. Os atos de cada encarnação são um impulso que mantém girando a roda do renascimento em forma física. Quando não há mais carma, quando nossos atos não o produzem, não há mais impulsos; a roda do renascimento cessa seu movimento e a alma não é novamente obrigada a habitar um corpo na Terra.

O budista diz que o carma é quádruplo. Há o carma que dá frutos na existência presente, durante nossa existência mortal aqui; o carma que dá frutos numa vida futura; o carma que dá frutos em um tempo indeterminado, isto é, que pode ocorrer nesta vida ou numa das muitas vidas subseqüentes, a partir desta; e há o carma passado. Pensamentos que produzem atos agora, na nossa vida atual resultam em carma na próxima encarnação. Se, contudo, não logram produzir efeitos, eles se tornaram carma passado, o que significa que foram aliviados de algum modo por atos subseqüentes. O budismo deixa claro que a culpa dos nossos feitos é estritamente nossa. Ela é, inteiramente, uma responsabilidade **pessoal**. Não podemos transferir a responsabilidade para outros. O budismo afirma, ainda, que não há como escapar aos nossos próprios atos; as causas são seguidas de efeitos, sem exceção, nos céus, no mar, ou na terra. Observa, ademais, que quando sofremos o mal, aprendemos a fugir dele. Isto não significa uma fuga, mas, sim, que, uma vez tendo sabido que os efeitos seguem uma causa, aprendemos a **evitar** tais causas.

Para o budista, o carma, como lei, é inexorável. Não há exceções, nem desvios. As doutrinas budistas incluem dois tipos gerais de carma: um é **puro** e o outro é **impuro**. O carma impuro necessita de outra existência; requer nova reencarnação em forma mortal. No carma impuro, o sofrimento é sempre proporcional ao próprio feito. A extensão do mal do ato determina a consequência ou efeito. Temos, aqui, uma vez mais, o princípio da retribuição pelo ato. Os feitos de carma puro detêm a roda do renascimento. A alma é libertada de nova prisão na forma física.

Capítulo IX: Carma em efeito

No cristianismo ortodoxo não há muito lugar para a doutrina do carma. No cristianismo, como antes dele, no judaísmo, Deus é concebido como um Pai, um Ser Supremo e generoso. Diz-se que Ele transcende o mundo, mas que, entretanto, tem influência sobre o mundo e procura estabelecer uma teocracia na Terra, ou seja, um Reino de Deus. Os homens são chamados Seus filhos. A relação entre a Humanidade e Deus, do ponto da vista cristão, não difere muito da relação existente entre os filhos mortais e seu pai. Tal como os mortais, o cristianismo ortodoxo concebe Deus como expressão de amor, ódio e perdão. Os homens podem violar os desejos do Pai Divino, tal como os filhos mortais desobedecem aos seus pais. O cristianismo ortodoxo explica que o Pai Divino pode punir, e punirá, o ser humano que erra. Esta punição é um ato pessoal. É puramente arbitrário da parte de Deus. Não é que o indivíduo, pelo seu ato, tenha evocado uma lei inexorável.

Além disso, de acordo com o cristianismo, o homem só precisa amar o Pai Divino, e em seu amor sincero ele encontrará a salvação e o perdão. Assim, segundo o cristianismo, os atos morais dos homens não produzem quaisquer efeitos pessoais independentes que possam reagir sobre eles. Os efeitos dos atos morais do homem, as conseqüências deles, estão inteiramente no julgamento arbitrário e no amor de Deus. Assim, uma pessoa pode deixar atrás de si na vida, devido à maneira como viveu e à sua conduta pessoal, muita tristeza e sofrimento causados a outros. Ao morrer, se ela abraçar a Deus, se pedir sinceramente perdão ao Pai Divino, de acordo com o cristianismo ortodoxo, ela o receberá. Assim, embora outros possam sentir os efeitos dos seus atos e continuar sofrendo devido à sua conduta anterior, o instigador do mal poderá ser perdoado se abraçar a Deus e admitir seu erro.

O castigo que o malfeitor recebe, de acordo com esta concepção dogmática cristã, talvez seja inteiramente sem qualquer relação com o pecado cometido. O indivíduo pode ser punido de maneira tal que não sofra séria consequência da sua má ação. O mal e o bem, no cristianismo, tornam-se apenas uma série de advertências, a promulgação de regras éticas e morais que a pessoa é obrigada a seguir. Como todos nós sabemos muito bem, as regras nem sempre são compreendidas pelo indivíduo e, assim, não são seguidas porque, quando não há compreensão, não há simpatia. Um pai freqüentemente adverte seu filho a **não fazer isto e não fazer aquilo**, mas a menos que a criança tenha alguma idéia correspondente à razão por que ela não deveria fazê-lo, a advertência torna-se apenas uma restrição desagradável que ela tenta infringir ou superar. Se a criança pudesse sentir o efeito dos seus atos, então saberia por que lhe estão pedindo para não agir de uma certa forma. Essa é a razão por que o cristianismo, ao não incluir a doutrina do carma, a experiência dos efeitos dos próprios atos, tem tanto problema na aplicação dos seus códigos morais.

O misticismo rosacruz também emprega a doutrina do **carma**, porém sua aplicação é consideravelmente diferente da dos seus predecessores orientais. Para o rosacruz, o carma corresponde à lei da causalidade. Para cada efeito, tem de haver uma causa ativa e uma passiva. Cada ato, mental ou físico, ocasiona um resultado que tem um valor relacionado com a própria causa. Assim, se alguém põe em movimento uma série de atos criadores e moralmente bons, estes finalmente redundarão para o benefício do indivíduo.

A lei da causalidade, ensinam os rosacruzes, no misticismo como na ciência, não permite desvio. Os efeitos têm de se seguir. Os erros muitas vezes podem causar dor. Entretanto, a dor, que pode ser considerada consequência de um

ato, não é um resultado intencional. É simplesmente inevitável. Ela se segue da necessidade da causa, mas não pretende ser um castigo. Não é uma questão de retribuição. Com essas dores, ou talvez prazeres, o homem aprende as conseqüências dos seus atos causativos. Ele sabe o que esperar quando os põe em ação. Muitas pessoas podem fazer objeções aos códigos morais. Podem julgar que os códigos não são coerentes com a razão. Podem considerá-los ilógicos, mas o homem não pode argumentar ou refutar os efeitos dos seus próprios atos. Ele os sabe inevitáveis e tem de ajustar sua vida a eles. Assim, o carma dá a cada indivíduo uma vivência íntima das leis Cósmicas Divinas. É uma experiência pela qual sua própria consciência tem de passar. Não lhe é narrada por outros. Assim, o carma elimina a fé cega, as dúvidas e o ceticismo e proporciona, ao contrário, conhecimento direto de uma vida correta.

Não há desculpa para a conduta errada, nem mesmo a ignorância. Existem três conseqüências cármicas, maiores e menores, que criamos pelos nossos atos. Cada dia, na verdade, criamos inumeráveis conseqüências cármicas **menores**. Por exemplo, podemos comer algo e, porque o fazemos, podemos, como efeito, sofrer indigestão. Podemos usar demais os nossos olhos e, desse modo, forçar os músculos e sofrer uma incômoda dor de cabeça. Esse sofrimento não é um castigo aplicado pela Natureza. Não é uma retribuição e sim a seqüência natural da lei da causalidade. É o equivalente a somar vários números, por cujo processo chegamos a uma soma que procede da necessidade matemática dos próprios números. Não chegamos a ela porque existe uma mente insistindo que seja assim, ou fornecendo aquele resultado.

Os efeitos cármicos maiores existem na violação de leis Cósmicas e princípios Divinos. Tal violação poderia ser um dano intencional a outros, com

objetivos egoístas. Nem sempre é necessário que o indivíduo dê com a cabeça na pedra, num sentido figurado, para aprender que uma ação é errada e dolorosa. Nem sempre temos de sentir o efeito para saber o que se segue da causa. Somos equipados com um barômetro espiritual, que é o sentido moral que possuímos, ou **consciência**. Esse barômetro nos informa sempre que nossos atos, ou o que pensamos fazer, são contrários às leis e princípios Cósmicos. Na verdade, tal pode ser sentido como uma relutância em continuar certos atos ou em prosseguir nas diretrizes de ação que temos em mente. Se, contudo, prosseguirmos em oposição às instituições desse barômetro da consciência, sofreremos o efeito do nosso ato, o qual pode ser desagradável e uma amarga lição.

É um princípio evidente do carma que uma violação inocente de uma lei Cósmica, por exemplo, não isenta o infrator do efeito que se seguirá. Contudo, atos inconscientes, ou atos cujos efeitos desconhecemos honestamente, aliviam o que, de ordinário, seriam resultados drásticos. Entretanto, até certo ponto, os efeitos seguem-se inexoravelmente. Nem todos os efeitos cármicos são adversos. A maioria das pessoas só fala do carma quando se refere a efeitos que são desagradáveis. Raramente elas mencionam, ao se referirem às leis do carma, circunstâncias ou condições que são benéficas. Existem atos que também produzem efeitos benéficos. A chamada boa sorte, que muitas pessoas têm, e que pode parecer inexplicável, que parece baixar sobre as pessoas sem razão ou justificativa, pode ser um carma benéfico acumulado, o resultado de atos construtivos, altruístas e virtuosos de uma vida passada e dos quais o beneficiado pode não ter conhecimento agora. Temos de compreender que, no Cósmico, não existe tempo. A eternidade pode ser o contar de um segundo. Nossos atos, como causas, podem ter seus efeitos projetados no futuro; esse futuro pode ser o momento seguinte, como o imaginamos, ou este dia,

ou este ano. Ou o futuro pode ser várias vidas subseqüentes depois desta. As experiências u e hoje, a boa sorte de hoje, pode estar enraizada no passado distante.

A história é um exemplo excelente de causas cármicas passadas. A sociedade, a civilização, põe em movimento certas causas devido a coisas que as pessoas fazem, sob a influência dos seus desejos explícitos, das leis que aprovam, ou permitem que seus líderes aprovem. Os efeitos dessas causas podem ocorrer várias gerações mais tarde. A maioria das guerras, cujas origens parecem desconcertar o leigo comum, pode ser explicada pela doutrina do carma. Elas são uma questão de causa e efeito. Uma avaliação egoísta da situação internacional, por parte de um povo ou uma nação, em geral, pode ser uma causa. Se deixarmos o povo de outra nação passar fome, simplesmente porque dentro das fronteiras que traçamos ao redor de nós existem muitos recursos naturais que nos tornam indiferentes, ou se criarmos enormes barreiras tarifárias, isolando uns poucos produtos que aquele povo precisa vender para sua subsistência e seu conforto, podemos sofrer efeitos cármicos em anos vindouros. Se deixarmos outras nações alcançar um equilíbrio de poder pelo qual possam oprimir outras nações e monopolizar o que outros povos precisam, simplesmente porque isto não nos afeta diretamente, também estamos instituindo causas que produzirão os efeitos cármicos da guerra. Eventualmente haverá conflagração, inveja e ódio. O resultado dos nossos atos irromperá em chamas que nos queimarão. É o equivalente a se permitir, negligentemente, que panos embebidos em combustível se acumulem num recinto fechado, os quais poderão produzir uma combustão espontânea.

Assim, nações, compostas de indivíduos, criam seu próprio carma. As pessoas inocentes dessa nação são envolvidas na guerra e nos efeitos que se

seguem. É de se esperar que os planos que estão agora (1948) sendo lentamente formulados para a formação de um mundo unido estejam isentos de fraquezas da natureza humana — tais como a inveja, o poder e o egoísmo, pois, do contrário, daqui a alguns anos, poderão produzir carmicamente os mesmos efeitos que sofremos na Segunda Guerra Mundial. Se os elementos dos pactos, como causas, não forem inteligentes, impessoais e motivados por ideais humanitários, eles serão os meios de se precipitar outra guerra, quando então muitos milhões de pessoas inocentes tornarão a sofrer os efeitos cármicos criados por esta geração.

Quando sofremos infortúnio, quando encontramos adversidade, não nos deveríamos tornar amargos, não deveríamos tentar atribuir a responsabilidade a outros, e sim investigar a natureza das condições, das **causas**, que ocasionaram o infortúnio. Analisemos os efeitos com inteligência, para determinarmos a causa. Pelo menos, com espírito aberto, aceitemos os efeitos como uma lição, como se estivéssemos ensinando tolerância ou humildade. À medida que aprendemos pela adversidade e aceitamos a lição, sem amargura, mas como um meio de nos prepararmos para uma vida mais esclarecida, estaremos criando um efeito cármico favorável, possivelmente anos de felicidade, senão nesta vida, então em outra.

Portanto, como o terceiro exemplo dos relógios de Leibnitz, que marcam a mesma hora, compreendemos que o poder de ajustar nossa vida, de adaptá-la para a felicidade e a realização, está inteiramente dentro de nós mesmos. Acontecimentos favoráveis e desfavoráveis estão principalmente nos nossos próprios atos como causas, que só nós podemos instituir. Cada um dos nossos atos é uma causa móvel, e ele age sobre os fatores relativamente passivos e negativos do nosso ambiente, como objetos, acontecimentos e condições. Em oposição a nós mesmos, tudo o mais é uma causa negativa. Nós somos o **agente motor**, a causa

ativa, e os dois – nós mesmos e nosso ambiente – produzem efeitos, e os efeitos sempre participam da natureza das suas causas. Se estivermos conscientes desse fato, seremos cautelosos ao agir sobre as coisas e condições que nos cercam.

Segunda parte: A TÉCNICA

Capítulo X: PENETRANDO O SILÊNCIO

Uma expressão que os estudantes de misticismo muitas vezes usam indiscriminadamente é a de **penetrar o silêncio**. Uma idéia errada de muitos estudiosos modernos, como acontecia com os ascetas de outrora, é que a existência mortal é maligna. O corpo físico é considerado um grilhão e uma negação dos poderes espirituais. Essa concepção provém do antigo orfismo grego e do zoroastrismo (masdeísmo). Há uma tendência, da parte dessas pessoas mal orientadas, a considerar que as faculdades objetivas estão, de algum modo, continuamente conspirando para iludir e corromper a alma do homem. Por fim, tornam-se tão irracionais nessa crença que, tal como Pirro, o antigo cético, não saíram do caminho de um veículo que se aproxima, porque crêem que seu aparecimento é apenas um engano dos seus sentidos.

Um escritor místico do passado disse que o asceta é uma espécie de atleta, pois se encontra em luta constante com suas crenças religiosas. O asceta procura subjugar todos os seus desejos físicos e combater todos os desejos terrenos dos seus sentidos porque é da opinião que as coisas temporais estão em conflito contínuo com o eu Divino, e ele deseja que este último seja supremo. Pela prática da automortificação e da abnegação — isto é, pela tortura do corpo e negligenciando as suas necessidades — espera libertar o espírito. Portanto, o asceta costuma ser um recluso, que se exclui do mundo, que sobe ao topo de uma montanha ou se retira para o fundo de uma caverna, nas profundezas de uma floresta, para, desse modo, desfrutar do silêncio **físico** no qual julga que o eu espiritual sozinho possa reinar

supremo. Os primeiros monges cristãos eram desse tipo de ascetas. Também eles achavam necessário o homem afastar-se do mundo dos homens para ficar sozinho com a alma.

Não há dúvida de que nossos sentidos físicos realmente geram ilusões. Em grande parte, todo o mundo físico, toda a sua realidade, é uma ilusão e tem de continuar sendo. Nossa concepção empírica do mesmo não é o que ele na realidade pode ser. Entre nossas idéias do mundo físico e o que ele possa realmente ser, estão as sensações e as impressões que têm de ser traduzidas e interpretadas, e, portanto, sofrem alterações. Por conseguinte, se pretendemos falar tecnicamente, devemos dizer que vivemos num mundo de ilusões. Mas precisamos dessas ilusões para existir neste plano. Quando descobrirmos que algo não é o que anteriormente julgávamos que fosse, mudemos nossas interpretações. Não condenemos nossos sentidos objetivos ou seu corpo como inúteis. Além disso, todo esclarecimento, mesmo se adquirido misticamente, tem de ser transformado em realidades materiais, coisas que possam ser utilizadas aqui na Terra, ou ele não nos trará benefício algum. Isto significa que, para utilizarmos livremente uma impressão Cósmica, temos que relacioná-la a alguma realidade que possamos ver, ouvir, sentir ou tocar objetivamente. Uma negação das nossas faculdades físicas eventualmente nos afeta a capacidade de colocá-las a serviço das nossas concepções místicas.

Muitos estudiosos de misticismo usam o termo **penetrando o silêncio** como uma fuga das realidades da existência, quando é seu dever, como mortais, enfrentá-las e dominá-las. Sempre que surge um problema material de negócios ou assuntos domésticos, em vez de primeiro investigarem objetivamente, com olhos, ouvidos e mente abertos, para ver como ele pode ser enfrentado e superado, eles penetram o silêncio. Para eles, isto significa excluir os fatos perturbadores do

problema e passá-lo para uma mente ou inteligência superior. Esta prática não é verdadeiro misticismo e, com freqüência, não passa de **indolência**.

Misticamente, penetrar o silêncio, muitas vezes, não significa comungar com o Cósmico ou escapar para outro plano de consciência. Pode significar, e muitas vezes significa, libertar-se de todas as outras realidades, exceto a predominante na qual estamos interessados. Pode significar concentração objetiva intensiva num fator importante. Em outras palavras, pode consistir na criação de um mundo **mental**, talvez durante alguns minutos, onde nada existe, exceto o eu e o problema à mão. Uma pessoa pode penetrar o silêncio de modo a ficar alheia ao seu ambiente e, no entanto, estar usando seus poderes objetivos de raciocínio, aplicando-os à questão em pauta. Um verdadeiro místico sente-se indigno de um apelo à mente universal, de penetrar o silêncio do Cósmico, visando pedir ajuda, se antes disso deixou de exercer seus dotes Divinos de raciocínio e das outras faculdades mentais que lhe foram dadas no nascimento.

Para o verdadeiro místico, silêncio significa a pessoa estar sozinha com a consciência do eu, com o eu como único companheiro. Afinal de contas, uma pessoa pode estar fisicamente sozinha e, entretanto, estar tão preocupada com os problemas do dia, com o pensamento nas coisas do mundo, que, no tocante ao eu, equivale a se encontrar num mundo fervilhante de idéias. Assim, o eu está muito longe de estar sozinho, embora o corpo esteja. O verdadeiro místico pode penetrar o silêncio — isto é, a **solidão mística** — o isolamento com o eu, em qualquer parte, mesmo no meio de uma rua movimentada, porque ele exclui tudo o mais, exceto o eu.

Maeterlinck, um místico relativamente moderno, disse, com respeito à importância desse silêncio, que "*mal os lábios se calam, a alma desperta e*

prossegue em suas lidas". Com isto queria dizer que, tão logo nos harmonizamos com o eu, separamos nossa consciência do mundo objetivo, tornamo-nos plenamente cientes da atividade da alma. Os homens são sempre propensos ao silêncio, quando estão na presença daquilo que é maior do que podem expressar em palavras. Assim, eles são propensos à devoção e à humildade na presença do grande, e ao introvertermos a consciência para o eu, vivemos o Grande Silêncio.

Ao que dizem, Maomé afirmou que o silêncio dá começo a uma vida de devoção e a uma lembrança freqüente de Deus. Diz-se, também, que a doutrina dos quacres exige que, pelo menos periodicamente, a alma se retire em silenciosa espera, para escutar a voz do Divino. Meister Eckhart, o místico alemão, afirmava que o estudioso de Deus ergue-se acima do disperso, o que se pode interpretar no sentido de que o estudioso do Divino deixa para trás as coisas do mundo — interesses e desejos temporais — e tenta encontrar aquele retiro e aquele silêncio onde nada existe a não ser o Divino.

Resumindo, o princípio oculto do silêncio está em se permitir à alma **ouvir sem ouvidos**. É também permitir à alma falar ou comungar com o homem por outros meios que não a boca. Consiste numa submissão completa da vontade ao espírito Cósmico, para ouvir aquilo que o ouvido humano não pode ouvir, e falar através da alma e não através do eu mortal.

Capítulo XI: MEDITAÇÃO

John Locke, filósofo inglês do século XVII, em sua **Teoria do Conhecimento**, disse que a compreensão, como o olho, vê e percebe todas as coisas, mas não se dá conta da sua própria existência. Queria com isto dizer que nossa consciência objetiva, nossa mente objetiva, está sempre mais interessada em discernir coisas em torno de nós, em examinar o mundo em que vivemos e ponderar sobre nossa relação com ele, do que em analisar o ego, o eu, por si mesmo. Se temos de olhar no espelho para nos vermos objetivamente, fisicamente, é também importante voltar esta consciência para si mesma, introvertê-la, de modo que possamos conhecer os sentimentos, as sensações ou impulsos do eu interior ou psíquico. A essa auto-análise, essa compreensão da **compreensão**, pode dar-se o nome de arte da meditação, uma arte antiga e verdadeiramente mística.

Em suma, para definir a arte da meditação, podemos dizer que ela é um estado de harmonização; um estado de comunicação entre duas consciências — a consciência objetiva ou o eu exterior, e a consciência subjetiva, ou, digamos, o eu psíquico.

É importante que se faça uma distinção entre concentração e meditação. Muitos estudantes superficiais confundem as duas e as alternam e, desse modo, não são bem sucedidos nem em uma nem na outra, pois não se pode pensar que direita e esquerda sejam a mesma direção e que uma ou outra está indo no caminho certo. Psicologicamente, a concentração é a **focalização** dos poderes da nossa mente e da sensibilidade da nossa consciência sobre impressões que nos chegam de um modo distinto. Objetivamente, a cada minuto do dia permitimos que nossa consciência se desloque das impressões e experiências de um sentido para as de

outro. Em outras palavras, estamos continuamente vendo, ou ouvindo, ou cheirando etc. Às vezes, acreditamos estar fazendo várias destas coisas ou todas ao mesmo tempo. Isto se deve apenas à nossa capacidade de passar rapidamente de uma série de impressões para outra.

Na concentração objetiva sobre alguma coisa concedemos as impressões de apenas **metade** de nós mesmos — metade da consciência de que somos capazes. Permitimos que atue sobre nós apenas uma porção daquilo que pode mover nosso ser. Na meditação, começamos com uma idéia definida, algo sobre o qual desejamos mais iluminação, que se destaque mais claramente na luz. Mas, na meditação, a consciência não é dirigida por apenas um canal, para alcançar aquela iluminação. Meditar não é apenas olhar e ouvir. Na verdade, na meditação permanecemos passivos e permitimos que **todas** as impressões interiores e externas se reúnam na nossa consciência e ampliem a idéia que temos. Meditar é como entrar num grande salão de assembléias. Entramos com a finalidade de presenciar alguma função que deve realizar-se ali. Há muitas portas que conduzem ao palco ou à platéia daquele salão. Os atores podem entrar por uma ou por várias das portas do salão. Ignoramos por qual delas entrarão; portanto, não nos concentramos em nenhuma porta isoladamente. Permanecemos relaxados e aguardamos que eles apareçam, para que possamos testemunhar com compreensão o que ocorre. Às portas que conduzem ao salão podemos chamar de portas da memória, das experiências objetivas, da intuição, e porta da consciência Cósmica. A meditação, repetimos, é um estado receptivo **passivo**, em oposição ao estado dinâmico da concentração, no qual nos estendemos através de um canal na tentativa de trazer algo para nós.

A pessoa se prepara para as experiências da meditação por meio de ritos simples, mas importantes. O primeiro é o antigo rito da **lustração** — ou purificação. Nossa consciência não deve ser dominada, nesse momento, pelas lembranças da memória. Ademais, não devemos permitir que suas emoções e apetites gerem formas mentais, idéias irrelevantes, que coibirão nossa consciência e interferirão na ascensão desta para o âmbito do eu. Como símbolo desta pureza mental, é melhor primeiro lavar as mãos e o rosto em água pura e fria, e então começar a purificação **mental** verdadeira. Ponhamos deliberadamente em evidência na mente personalidades, incidentes e acontecimentos que nos possam ter levado a ter sentimentos passíveis de serem interpretados como inveja, ciúme, e emoções como raiva e ódio. Logo devemos aliviá-los deliberadamente, substituindo-os por uma sensação de compreensão, isto é, procuremos entender as fraquezas da natureza humana que as possam ter causado — as nossas bem como as de outros. Permitamos que a compaixão e o perdão substituam a animosidade.

Não concordo com os textos líricos e clássicos, que dizem que devemos amar aqueles que nos magoaram profundamente. Isso é quase impossível para o místico neófito. Qualquer insistência para que a pessoa tenha tal pensamento seria tentar o psicologicamente impossível e poderia, até mesmo, criar uma atitude de auto-engano, ou melhor, uma hipocrisia desprezível. É mais fácil, quando queremos livrar-nos de experiências passadas, substituí-las por um sentimento de tolerância — tolerância para com aqueles que imaginamos nos terem magoado, ou que realmente nos possam ter feito isto. Uma vez gerado este sentimento — isto é, a tolerância —, eliminemos da mente todos os outros pensamentos, e ter-nos-emos purificado mental e espiritualmente. Em outras palavras, teremos realizado interiormente o rito da lustração.

A meditação requer que se elimine a distração. Temos de estar o mais livre possível de interferência, se quisermos alcançar essa harmonização. Se vamos realizar essa comunicação entre os dois eus, a mente objetiva não deve ser distraída de modo algum por sons ou visões ou coisas que a ocupem ou coíbam. Se desejamos fazer uma importante conversação telefônica na qual todas as palavras que dizemos são importantes, ou acreditamos que o sejam, e todas as palavras da pessoa no outro lado da linha lhe serão importantes, devemos estar certos de que não haverá interrupção alguma. Possivelmente, em condições extremas, poderíamos realizar a conversa no meio de grande atividade e barulho, mas procuraríamos evitar tais circunstâncias. Tentaríamos encontrar um lugar tranquilo, pelo menos uma cabina telefônica, para estabelecermos a condição necessária, onde tudo o mais seria excluído, exceto o que estaríamos dizendo e o que a outra pessoa teria a dizer. Assim, a exclusão é necessária na arte da meditação. É uma condição de recolhimento.

Além disso, um ambiente **harmonioso** também é necessário. Não basta, apenas, estar sozinho num quarto. Esse aposento tem de produzir uma atmosfera acolhedora. Não deve haver perturbações físicas de qualquer espécie; por exemplo, a temperatura ambiente não deve ser extrema em qualquer sentido, nem quente nem fria demais. Os objetos da sala ou as coisas nas paredes, caso as vejamos, devem sugerir lembranças ou sentimentos agradáveis — coisas que nos ponham à vontade e nos dêem certa dose de tranqüilidade. Não deve haver ruídos externos que cheguem a nós, nem mudanças de luz. Por exemplo, não é aconselhável que exista um grande letreiro luminoso piscando do lado de fora da janela ou do outro lado da rua, porque, muito embora nossos olhos estejam fechados, essas mudanças

nos valores da luz podem ser perceptíveis e farão com que nossa consciência se divida, o que afetará nossa comunhão com o seu eu interior.

A etapa seguinte, na arte da meditação, é entrar nesse estado com algum problema ou algum desejo definido em mente, uma idéia correta do que esperamos realizar através da comunhão, ou um pedido que desejemos fazer. Devemos ser sinceros em nosso desejo, nosso pedido, ou em nosso problema. Ele deve ser algo que acreditamos não poder realizar ou encontrar a resposta objetivamente. A solicitação não deve ser feita em forma de desafio, porque o eu psíquico, a inteligência do espírito Divino residente no nosso íntimo, não precisa demonstrar sua capacidade, seu poder de realização, ao frívolo eu objetivo. Ele pode fazer e fará coisas miraculosas, mas não tem de prová-lo ao outro eu, e se adotarmos essa atitude, só obteremos fracasso. Quando entramos numa cabina telefônica, ou quando pegamos o fone em nossa casa ou num escritório para fazer um chamado, não discamos apenas para ver se o telefone funciona ou se a pessoa está em casa, e sim porque desejamos estabelecer contato com aquela pessoa, transmitir-lhe nossa idéia, ou pedir certa informação. Por conseguinte, quando entramos no estado de meditação, devemos fazê-lo com idêntico propósito — com a finalidade de estabelecer o contato, para a aquisição de informação valiosa.

Não é necessário falar em voz alta, fazer um pedido vocativo. Podemos expressar nosso desejo **silenciosamente** para nós mesmos, mas com igual vigor. Devemos visualizar as palavras; mantê-las diante da nossa mente, de modo que cada palavra pareça composta de letras luminosas, e que não vejamos nem estejamos conscientes de nenhuma outra coisa no quarto, exceto das nossas palavras. Então, mergulhemos no que se conhece como estado de abstração; esqueçamos nosso ambiente; apenas atenhamo-nos ao significado da pergunta, à

natureza do nosso pedido. É necessário que se compreenda plenamente e sinta emocionalmente o que estamos pedindo ou o que constitui o problema. Se não sabemos o que estamos pedindo, ou não temos certeza a respeito dele, não podemos esperar nenhuma resposta ou consideração do eu psíquico.

Quando nos absorvemos nesse estado e não resta mais nada exceto nós mesmos, nosso problema ou nosso pedido, e nossa consciência do eu interior, estamos aptos a obter uma avaliação intuitiva do que estamos buscando. É possível que de repente, nos sintamos mortificados ou envergonhados por termos feito o pedido e, concomitantemente com a sensação de mortificação, compreendamos que o pedido ou o problema é egoísta, ou que ele é cobiçoso, ou que é algo pelo qual só nós nos beneficiamos e, talvez, à custa de outros, e que jamais deveríamos ter consultado o eu interior. Sentir-nos-emos contritos e arrependidos. Talvez até reconheçamos que há uma atitude de maldade ou vingança bem no fundo do pedido ou do problema. Quando tal avaliação intuitiva do nosso motivo ocorrer, abandonemos imediatamente, por algum tempo, qualquer outra comunhão com o eu psíquico. Ademais — e isto é muito importante — abandonemos aquele problema ou questão, desejo ou pedido que levamos à atenção do eu psíquico, pois fomos advertidos de que tínhamos uma atitude imprópria.

Por outro lado, se nosso motivo estava certo, assim como nosso procedimento no desenvolvimento da arte da meditação, podemos ter um lampejo intuitivo — numa questão de minutos — de uma palavra ou idéia, que nos virá, como uma solução completa ou como uma resposta completa. Ela será **convincente**. Não precisaremos raciocinar a respeito; nem analisá-la. Saberemos intimamente que ela é a resposta certa: aquela que necessitávamos ou que procurávamos. Não virá acompanhada de nenhum comando. Nada nos dirá para fazer isto ou para ir ali ou

acolá. Todo o problema — se se tratar de um problema — será resolvido, ou a resposta será tão clara que saberemos ser a certa. Por exemplo, vamos supor que nosso problema era: "*Qual é a resposta para dois mais dois?*" Se formos bem sucedidos na arte de meditar, de repente lampeará na nossa consciência ou o número **quatro**, que visualizaremos como uma imagem, ou a palavra interior **quatro**. Não teremos de recorrer a qualquer cálculo matemático para prová-lo ou justificá-lo. Saberemos que está certo devido a determinada resposta emocional que acompanhará a experiência. Sentir-nos-emos satisfeitos; haverá uma sensação de felicidade, uma titilação no plexo solar — isto é, uma espécie de calor, uma excitação, uma emoção viva. Haverá uma tranquilidade na mente, uma sensação de alívio, a confiança que resulta do conhecimento e da convicção.

Talvez realizemos essas etapas na arte da meditação com precisão, ou com o que nos parece ser o melhor da nossa capacidade e, entretanto, não obtenhamos resultados. O fracasso pode ser consequência de várias causas, pois na arte da meditação o insucesso se deve particularmente a três coisas: a dúvida, em primeiro lugar. Se duvidamos que nosso problema profundo, a situação séria que estamos levando ao eu psíquico, possa ser repentina ou facilmente resolvida pela Mente Divina em nosso interior, se nos mostramos céticos quanto às respostas sobre algo a que dedicamos anteriormente longas horas de estudo e investigação, sem quaisquer resultados através desse método, então fracassaremos. Segundo, se nos mostramos excessivamente ansiosos, se tentamos apressar a comunhão, dirigir o eu interior no sentido do que desejamos dizer-lhe, o que deve fazer e como conseguir os resultados que desejamos, também fracassaremos. Terceira, se nosso problema é por demais complexo, se não separamos as partes integrantes do que

se compõe e apresentamos uma parte de cada vez ao eu psíquico, fracassaremos. Estaremos pedindo demais de uma só vez.

Vamos supor que tenhamos obtido êxito, que obtivemos da fonte do conhecimento interior a resposta, a idéia ou a solução essencial. Agora temos de aplicar os atributos físicos do nosso ser. Temos de usar a energia do nosso corpo sadio e da mente objetiva para pôr a idéia que nos foi inspirada em ação — temos que começar a **fazer algo a respeito**. Podemos ter apresentado um problema de negócios ao Ser Divino. Este pode nos ter esboçado um curso de ação, mas temos de pô-lo em prática. Portanto, os dois — o lado físico, a manutenção adequada do corpo e da mente objetiva, e a vida e prática místicas — são necessários para a ciência completa do viver místico.

A meditação Cósmica não é uma fuga e sim um recurso a uma fonte de sabedoria. Ela resulta num influxo espiritual cujos resultados a mente objetiva pode transformar em procedimentos, em modos úteis de vida. O que o místico recebe através de tal meditação, tem de transmitir à Humanidade; isso se faz transmutando-se essas experiências em realidades materiais, conhecimento objetivo, de que os outros possam desfrutar. Tais revelações não são de posse exclusiva do místico, para serem arquivadas como simples parte de uma coleção das suas experiências meditativas. Ele tem de usá-las para ajudar outros em seu mundo de negócios, profissionais ou sociais. Deste modo, transmite-se à Humanidade o que se recebeu. A inspiração assim recebida pode manifestar-se, por exemplo, na concepção e na execução perfeita de magníficas obras de arte, em brilhantes feitos científicos através dos quais se utilizem mais amplamente as leis da natureza objetivando a evolução mental, cultural e espiritual do homem.

Resta o fato de muitas pessoas serem realmente místicas e alcançarem tal poder de introvisão mística por processo semelhante ao aqui exposto, sem se aperceberem, no entanto, de que o são. Em outras palavras, não se concebem místicas e não percebem que praticam a introvisão mística. Com muita freqüência, tais pessoas entram em isolamento, isto é, talvez se recolham a um canto calmo do seu aposento ou estúdio, relaxando-se na sua poltrona favorita. Em silêncio e sem a formalidade de uma forma fixa, agradecem os muitos benefícios recebidos, embora estes possam ter sido de pouca importância. Similarmente, esperam que, por estarem vivas de alguma maneira, venham a ser instrumento pelo qual o mundo possa tornar-se melhor. E, deste modo, se põem a serviço da Humanidade. Com essa atitude mental relaxada, realizam, inconscientemente, o rito da lustração e se harmonizam com o eu e o Cósmico. Têm, então, o que lhes parece ser uma grande inspiração, uma intuição, uma idéia notável que não parece vir de parte alguma. Como resultado, seu coração se rejubila. Mostram-se entusiásticas e satisfeitas. Sua mente objetiva, mais tarde, torna-se extremamente alerta e facilmente materializa a idéia. Viveram a verdadeira **meditação mística**.

Capítulo XII: A NATUREZA DA ORAÇÃO

Do ponto de vista racional, a oração é uma **petição**. Ela é feita em silêncio ou verbalmente. Quando estamos emocionalmente motivados, é instintivo expressar nossos desejos em voz alta. A voz tem poder em suas elocuições. O som da voz alivia as emoções e sugere a invocação da força do desejo — física e mentalmente. Na verdade, é quase impossível impedir que expressões evocativas acompanhem uma agitação emocional intensa. Em tais circunstâncias, sentimo-nos propensos a bradar ou a expressar verbalmente nosso sentimento.

Se a oração é uma petição, deve haver alguma coisa ou alguém a quem é dirigida. Evidentemente, não oramos para nós mesmos, isto é, para o nosso próprio ser mental ou físico. Se nos acreditamos intelectual e fisicamente capazes de executar um plano ou obter algo, então, agimos inteiramente de acordo com nossa própria iniciativa.

A oração, portanto, é um reconhecimento de uma auto-insuficiência, real ou imaginária. Essa auto-insuficiência provoca, nos indivíduos, uma tendência de exteriorizar-se, de pôr-se na dependência de uma força, influência ou fonte que lhe é **alheia**. Evidentemente, a nossa concepção dessa fonte externa determina, em grande parte, a natureza da nossa oração. Um ser primitivo, com uma concepção politeísta, imagina uma pluralidade de deuses; para ele, esses deuses podem residir em coisas inanimadas, como pedras, o mar ou nuvens de tempestade. Na sua concepção, cada um desses deuses ocupa-se de certas necessidades do homem. Assim, o indivíduo tem de avaliar seus deuses — para um deles se volta, em busca de saúde, para outro, de força, e ainda para outro, de apoio contra seus inimigos.

Quando procura comunicar-se com um poder maior que ele, o homem imagina vários meios para atrair a atenção dessa Divindade. Por exemplo, quando os homens recorrem a um potentado humano ou chefe tribal, é necessário tornar o potentado favorável às suas finalidades. Por conseguinte, procuram propiciar-lhe presentes, sendo estes qualquer coisa que os homens considerem de valor. Às vezes, a aproximação da Divindade é uma tentativa no sentido de criar um ambiente favorável no qual ela possa receber o suplicante. Com esta finalidade se empregam os ritos teúrgicos da música, do canto e da dança. Ao examinarmos este método de oração, observamos duas coisas: existe a crença de que a Divindade possa satisfazer o pedido, caso esteja suficientemente satisfeita com os atos do suplicante; segunda, verificamos que não há questionamento a respeito do **motivo** do suplicante. Inexistem preocupações se os resultados da oração são ou não contrários à lei natural ou se podem causar injustiça a outrem. Nesse caso, a psicologia é muito tosca. Na realidade, ela está conferindo uma natureza antropomórfica à Divindade. Deus é concebido como sendo igual aos mortais, dotado de vaidade, facilmente agrado com presentes, homenagens e ostentação. É considerado, ademais, capaz de dispensar dons ou conferir seus poderes, tal como um monarca terreno, absoluto, inteiramente desatento à razão ou à justiça. Por conseguinte, cada homem pode obter o que deseja da Divindade, caso seja capaz de realizar os ritos teúrgicos adequados. Assim, os homens competem entre si para descobrir os segredos de como melhor influenciar os deuses. É este o tipo de concepção errônea que encorajava o sacerdócio das mais antigas sociedades conhecidas. Os sacerdotes eram e são homens a quem julgamos dotados de prática ou treinados na prática adequada de invocar o prazer dos deuses, para benefício dos homens.

Embora falemos dessa prática como sendo primitiva, essas idéias elementares, entretanto, vêm persistindo através dos tempos e influenciando bastante os dogmas e os credos de muitas religiões hoje existentes. Determinadas seitas religiosas chegam a estabelecer a maneira correta pela qual o devoto deve comportar-se. Decidem que ele deve depositar moedas numa caixa, que tem de comparecer a certas cerimônias, tem de repetir credos específicos e ingressar em ritos autorizados. Se obedece, supõe-se que aplacou a ira Divina, ou fez a adequada aproximação e que por isto, a Divindade voltará Sua vontade para a realização da oração oferecida. Não é preciso enumerar as seitas que encorajam essas práticas; elas nos são conhecidas, sendo comum em qualquer núcleo populacional. Portanto, os que oram de boa-fé, naturalmente, quase sempre se desapontam com os resultados alcançados e, com bastante freqüência, acabam desiludidos.

Existe outra concepção ortodoxa de oração que, embora transcenda o exemplo anterior, é ainda muito primitiva e, potencialmente, um fracasso. É o reconhecimento de um deus **pessoal** que exerce uma vontade arbitrária. Mas acredita-se que ele só o faz por razões benéficas. O indivíduo confere a este deus não só o poder de realização, como também, o mais alto valer moral que é capaz de conceber. Em outras palavras, acredita que o deus é capaz de qualquer coisa, mas só fará aquilo que está de acordo com o bem moral. Este tipo de devoto, portanto, não suplicará ao seu deus que atenda sua oração, se estiver em desacordo com aquilo que é contrário ao que considera moralmente certo. Não pedirá ao seu deus que mate outra pessoa ou que lhe dê o dinheiro que não deveria ter. **Contudo**, este devoto não hesitará em pedir a realização de uma oração que considera justa, por mais contrária que ela possa ser à necessidade da ordem universal ou Cósmica. Por exemplo, ele não hesitaria em pedir a Deus que acabasse

com uma guerra provocada pelos próprios homens. Psicologicamente, esses indivíduos acreditam que Deus exerça Sua vontade arbitrariamente contra as próprias leis e causas que Ele próprio criou, se, de boa-fé e com propósitos morais, Lhe faz o pedido.

O suplicante nunca pensa no absurdo de tal oração. Pode pedir ao seu deus que pare o que outro devoto, também de boa-fé, está rezando para que prossiga. O outono na Califórnia oferece um exemplo excelente dessa concepção antropomórfica de deus e de oração. Em fins de setembro, os plantadores de ameixas estão secando seus frutos ao sol; uma chuva antecipada e continuada poderia ser muito ruínosa para sua colheita. Inversamente, os criadores de gado, naquela época do ano, estão precisando desesperadamente de chuva para as pastagens, especialmente após o longo verão seco da Califórnia. Um criador de gado, se fosse um dos devotos a que nos referimos, rezaria por chuva. Concomitantemente, um plantador de ameixas rezaria para não chover. Se Deus exercesse vontades arbitrárias, opondo-se à lei natural das condições climáticas, qual das orações Ele favoreceria? Esse ponto de vista devoto coloca a Divindade numa situação ridícula e torna a religião vulnerável ao ateísmo. Se a vontade Divina pudesse funcionar e funcionasse arbitrariamente, ela destruiria toda a unidade Cósmica. Não haveria absolutamente dependência alguma. É devido ao fato de as leis Cósmicas funcionarem coerentemente e serem imutáveis pela necessidade da sua natureza, que o homem tem uma garantia da confiança dos princípios Divinos ou Cósmicos.

A concepção e prática da oração do místico não são somente o que mais produz resultados, mas, também, o método mais lógico. O místico assevera que todas as coisas são possíveis dentro da Divina consciência de Deus, exceto

aquilo que contraditaria a própria natureza de Deus. Como a Mente Divina é todas as coisas, não há nada que se lhe possa opor. Portanto, um pedido ou petição negativa permanece inoperante. Não se deve esperar encontrar, por exemplo, trevas na luz, pois onde há luz não pode haver trevas. Assim, o místico não pede o impossível em suas orações. Um místico jamais pede que se ignore uma lei Cósmica ou natural que possa ter invocado pelos seus próprios atos, seja devido à maldade ou à ignorância. Ele é um crente firme na **causa e efeito**. Compreende que pedir que uma lei por ele próprio invocada seja aliviada em seu favor, seria solicitar o impossível.

Um místico não pede que lhe sejam conferidas bênçãos especiais. Sabe que no plano Cósmico não existem mortais preferidos. Ademais, sabe muito bem que tudo já é ou será pela lei eterna da mudança. Não há nada escondido. Nas leis do Cósmico, tudo o que é compatível com ele pode, eventualmente, ser causado pela mente do homem. As coisas não são transmitidas ao homem, mas é o homem quem dirige e reúne os poderes Cósmicos aos quais tem acesso, a fim de pô-los em execução.

O místico não pede uma coisa completa, acabada, e sim a iluminação pela qual ela possa ser materializada através dos seus esforços; ou, se seu desejo por uma determinada coisa não for correto, pede que o desejo seja eliminado. Conhecendo a limitação do seu próprio eu objetivo, o místico pede que, se não for possível mostrar-lhe como satisfazer a necessidade, que lhe mostrem como **livrar-se** do falso desejo que o faz considerá-lo necessário. Assim, o místico prova que não insiste na infalibilidade dos seus propósitos. Indica igualmente que deseja estar certo de que não está causando injustiça a nutrem pelos desejos manifestados, ao pedir algo que não deveria solicitar. O místico percebe que, com compreensão

adequada, muitas das coisas pelas quais agora oramos, perderiam sua importância para nós e se mostrariam insignificantes e indignas de um apelo a Deus. Muitas das coisas com as quais nos atormentamos e consideramos tão essenciais ao nosso bem-estar são assim consideradas porque não foram analisadas à luz do seu aspecto mais amplo, isto é, em sua relação com todo o plano Cósmico.

O místico, ao suplicar ao Cósmico, volta sua consciência para dentro, em lugar de dirigir seu apelo a uma entidade ou poder externo distante. O místico percebe que o Cósmico está nele. Não está apenas nas vastidões do espaço. Sabe, além disso, que sua Alma responderá à sua súplica. A Alma é do Cósmico e o guiará **para a auto-ação**. Para o místico, a oração é, na realidade, uma consulta entre os dois eus do homem. É um apelo da mente mortal à mente imortal do eu interior. O místico sabe que a resposta a uma oração é, realmente, um vislumbre da sabedoria Divina, através de harmonização correta. Portanto, o místico pode avaliar seus desejos adequadamente e é capaz de agir à luz do que é Cosmicamente certo e possível.

Quando um místico pede algo que não virá, não terá o desapontamento que o devoto sente, depois de orações não satisfeitas. Se suas orações são ou não atendidas, o místico, não obstante, tem a compreensão que lhe revelou o fato de que seu apelo era desnecessário. A oração, portanto, é sempre satisfatória para o místico. Também psicologicamente, a oração é benéfica a qualquer homem, se praticada misticamente. A oração requer humildade. Requer submissão ao lado melhor da nossa natureza. E nos põe em harmonia com os impulsos mais sutis do nosso ser.

As orações são normalmente de três tipos. Existem as orações de **confissão**, quando um homem mostra ao Deus do seu coração que está contrito e

admite uma violação dos seus ideais morais. Há as orações de **intercessão**. Estas são orações nas quais o homem pede para ser orientado, de modo a impedir efeitos indesejados de certas causas. Há, também, as orações de **gratidão**, como as dos Salmos, onde o homem saúda a majestade do Divino e expressa alegria por conhecer sua própria natureza Divina. Desses três tipos, o místico se entrega ao último — à oração de gratidão — com mais frequência. Assim fazendo, o místico evita a necessidade das outras duas. Se reconhecemos o Divino e comungamos periodicamente com o Eu, que a Ele pertence, adquirimos tal domínio pessoal do nosso próprio ser, que as orações de intercessão ou orações de confissão não se fazem necessárias.

O que se segue é uma oração incorporando todos os elementos místicos que acabamos de enumerar:

Possa a essência Divina do Cósmico lavar-me de todas as impurezas da mente e do corpo, para que eu possa comungar com a Catedral da Alma. Possa minha consciência mortal ser de tal forma iluminada, que quaisquer imperfeições do meu pensamento me possam ser reveladas, e possa eu receber o poder da vontade para corrigi-las. Humildemente suplico que possa perceber a plenitude da Natureza e dela participar, sempre de acordo com o bem Cósmico. Assim seja!

Capítulo XIII: AFIRMAÇÕES – SEU USO E ABUSO

O uso das afirmações é uma prática muito antiga. Encontramo-las sob várias formas, nos textos sagrados de Buda, Zoroastro, Maomé, Confúcio, Lao-tsé, no Antigo Testamento e nos sistemas religiosos e filosóficos mais recentes. Em quase todos os casos aconselha-se que as afirmações sejam **vocativas**, quer dizer, sejam pronunciadas e não recitadas mentalmente. Tal se baseia na hipótese de que a palavra falada tem mais eficácia do que o pensamento, apenas, e que as próprias entonações contribuem para a obtenção dos resultados desejados. Além disso, a sua enunciação requer uma ação que acompanha o espírito das afirmações, e como quase todas as invocações religiosas antigas eram feitas publicamente, ou na presença de outros, também subentendia-se uma sinceridade de propósito motivadora da resultados mais certos. Quando as analisamos, parece haver um propósito duplo nestas antigas invocações religiosas. O primeiro é o de conseguir apoio, e talvez a intervenção, da força Divina em nome do suplicante ao proclamar ou recitar, em voz alta, suas crenças piedosas. Por essa proclamação de fé espera-se que o poder Divino lhe materialize ou realize a natureza da crença. Por conseguinte, já em 1329 a.C., encontramos Amenhotep IV, em seu hino a Aton, o Deus único, afirmando:

Tu colocas cada homem em seu lugar

Tu supres as suas necessidades.

Lao-tsé afirmava:

Aos que são bons para mim, eu sou bom.

E aos que não são bons para mim, eu também sou bom.

E assim, todos juntos vêm a ser bons.

E São Patrício afirmava:

Cristo comigo, Cristo diante de mim,

Cristo atrás de mim, Cristo em mim. . .

Assim como mal se pode suprimir a reação emocional que nos faz gritar de dor, surpresa ou felicidade, também a afirmação falada é considerada religiosamente como o aspecto físico e exterior do estado espiritual e mental do indivíduo. O outro propósito das invocações orais, pelo menos de um ponto de vista religioso, parece ser o de que, ao enunciá-las, em termos gerais, a pessoa se torna, ou é obrigada a ser, mais cônica do seu conteúdo do que se fossem apenas mentalmente enunciadas.

Na realidade, uma afirmação é, apenas, a declaração do que acreditamos ou conhecemos. Ela não representa uma crença sincera ou conhecimento real; seu valor não tem importância. Por exemplo, se alguém afirma: "*Acredito que existe um único Deus **vivente***", e, entretanto, está intimamente convencido de que não existe Deus, independente da concepção de uma divindade, a afirmação é uma hipocrisia da pior espécie. Por conseguinte, segue-se que não precisamos afirmar o que acreditamos ou conhecemos, pois ele já existe como um fato aceito em nossa mente. A repetição de uma afirmação não a tornará mais convincente se, em nossa experiência ou raciocínio, a afirmação é baseada numa

premissa falsa. Se sentimos violenta dor de dente, por exemplo — da qual estamos firmemente conscientes — a afirmação em voz alta para nós mesmos, de que não sentimos dor de dente não é muito tranquilizadora e o próprio absurdo de tal afirmação torna esse procedimento ridículo para uma pessoa inteligente. Tal método de afirmação é perigoso porque tenta fazer a mente negar realidades que deveria aceitar e de modo prático superar. Uma dor de dente é o resultado de uma causa natural. Afirmar que a consequência muito evidente não existe e, portanto, ignorar a causa — um dente cariado — é violar não só o bom-senso como, também, as próprias leis da Natureza.

Quando não se referem às realidades, as afirmações são de importância psicológica. Em particular, são úteis no desenvolvimento e conservação do moral de um indivíduo. Como outro exemplo, tomemos uma força armada que se dirige para a frente de batalha. Ela talvez ainda não tenha sido hostilizada, mas os soldados sabem que, certamente, travarão combates e há probabilidades de vários deles jamais retornarem. Uma apreciação desses fatos poderia ser o pensamento dominante enquanto avançam, e como resultado, poderia ocorrer grande depressão no ânimo de todos. Todavia, o entoar de cantos de guerra, e o canto de versos burlescos, proclamando vitória futura e a total derrota do inimigo, suplantam a idéia de derrota, trocando-a por outra, de sucesso. É evidente que a resposta emocional e física a tais pensamentos fortificaria os ânimos. Por sugestão, o próprio pensamento motiva e causa o tipo de ação, necessário para a consecução do resultado. Logo, para o indivíduo, o valor de uma afirmação está no poder de sugestão. A sugestão, como já se mencionou, tem de ser **sincera** e não deve ser contrária às realidades mais evidentes. Assim, se um homem tem uma doença respiratória grave e sabe que a tem e não faz nada para ajudar-se, exceto usar a afirmação vazia — "*Estou*

melhorando a cada dia e de todos os modos" — pela qual o psicólogo francês, Coué, ficou famoso há alguns anos — ele acabará se destruindo, pelo uso de tal método.

É costume comum de muitas das chamadas organizações místicas e metafísicas defender o método da recitação de afirmações. A primeira razão que oferecem é de natureza psicológica. Afirma-se que o ponto de vista positivo, de que a pessoa é, ou fará, ou realizará algo, é muito necessário para se obter resultados, especialmente se feita vocativamente, isto é, falado. Qualquer um concordará com isto: devemos, como já se disse, ter a convicção de que o que desejamos é possível de vir a existir, ou se pode possuir. A atitude negativa dispersa os poderes físicos e mentais.

A segunda ênfase, e a mais forte, que essas organizações dão às afirmações é de que a afirmação, em si mesma, tornar-se-á fator da manifestação da finalidade desejada. Assim, por exemplo, alegam que se eu afirmar — **"farei uma viagem a Nova Iorque"** — e repetir a frase um número suficiente de vezes, ela atrairá do Cósmico, da mente subjetiva ou de algum outro lugar, os fatores rudimentares necessários para a materialização do desejo. Tal coisa, fundamentalmente, é incorreta do ponto de vista místico e é o aspecto frágil subjacente na prática das afirmações, apresentada por tais organizações. O processo beira a superstição e lembra o raciocínio mágico e primitivo, que consiste em se criar uma imagem, que é a própria afirmação, com a crença de que existe uma afinidade ou ligação entre ela e a coisa real, porque a afirmação se lhe assemelha. Trata-se da suposição de que, de algum modo, a afirmação converterá em sua própria natureza aquilo que se lhe assemelha.

Nenhuma parcela da afirmação — "*Eu quero uma casa*" — reunirá os materiais reais e os montará numa realidade correspondente à natureza de tal afirmação. A pessoa que meramente afirma é indolente. Ela é mental e fisicamente preguiçosa. Está transferindo, inteiramente, para alguma outra coisa, o que é primordialmente de sua própria responsabilidade e competência. A afirmação serve melhor como um estímulo mental, como um incentivo necessário à realização pessoal. Se eu afirmo que quero uma casa, refiro-me que este é meu ideal, o propósito para o qual trabalharei, mas precisarei começar a trabalhar para realizá-lo.

Uma combinação de afirmações mentais e de criação mental é o meio mais prático de se realizar o que desejamos. Primeiro, afirmemos o que desejamos. Estejamos certos de que não se trata de um capricho, de que ele nos motiva emocionalmente, nos entusiasma quando o contemplamos. Quando afirmamos o que desejamos, a imagem mental que nossas palavras formaram nos dará felicidade. A seguir, consideremos o propósito da afirmação, a coisa desejada, como uma finalidade; e nós mesmos, isto é, nossa posição atual, como o começo. Evidentemente, existe um vazio entre os dois, um vazio que tem de ser transposto. Estejamos plenamente cientes de que o vazio não pode ser, na realidade, transposto por qualquer poder teúrgico ou por quaisquer afirmações pronunciadas como fórmulas cabalísticas. O começo, ou nossa posição atual, tem de ser ampliado para se transformar naquilo que afirmamos. Outro modo de encararmos isto está em pensar no que desejamos — o quadro completo — como um círculo. Então pensemos no que somos, e no que temos agora, como um ponto no centro daquele círculo. Aquele ponto tem de expandir-se até que preencha o círculo ou até que o ponto e o círculo sejam um só.

Por conseguinte, a primeira necessidade é tentarmos determinar o quanto do que afirmamos, do que desejamos, existe como elementos separados em suas circunstâncias atuais e, sabendo isto, então estaremos conscientes do que precisamos e no que nos concentraremos. Se eu afirmo que terei uma casa e também desejo criá-la mentalmente, deveria agir da seguinte maneira:

Reduzir o quadro da casa que tenho em mente nos seus componentes mais simples. Determinar se tenho a propriedade, a madeira, o equipamento elétrico, as tintas, as ferragens e a mão-de-obra necessária para a casa. Se não tenho nenhuma dessas coisas, tenho o dinheiro ou os meios para adquiri-las? Vamos supor que não tenha nada disso. A primeira etapa então seria a de conseguir o dinheiro para minha casa. Se meus rendimentos regulares não fossem suficientes para proporcionar esse dinheiro, então precisaria prestar algum serviço, fazer algo extra para aumentar minha renda. Verificaria que, na realidade, a primeira etapa seria tornar-me útil, de algum outro modo, a fim de obter o dinheiro necessário. Teria, então, decididamente, em mente, a necessidade de tal serviço. Sugeriria a mim mesmo, a meu eu interior, que fosse inspirado, nas minhas observações diárias, por alguma idéia de serviço. Pediria ao Cósmico que me ajudasse a encontrar em meus negócios algo que, pelos meus próprios esforços, pudesse converter em ato de serviço. Manteria esse pensamento, na sua forma mais simples, em primeiro lugar em meus pensamentos diários. Atrairia para mim mesmo as sugestões necessárias para a realização daquele serviço.

Agora, permitam-me ir mais além em minha explicação. Esta atração na direção de mim mesmo, não seria um poder mágico, um simples entoar de afirmações. Seria o fato de que me tornaria especialmente consciente de quaisquer circunstâncias ou coisas que tivessem qualquer relação, por mínima que fosse, com

a minha necessidade. Por analogia, seria como um homem que quisesse muito um pedaço de papel **vermelho**. Ao percorrer a rua, tudo o que fosse vermelho atrairia particularmente sua atenção. Estaria atraindo essa cor para sua atenção. Por associação de idéias, todas as coisas vermelhas que observasse o tornariam cômico da necessidade de um papel vermelho para si. Logo, evidentemente, localizaria o papel vermelho muito mais depressa do que se não conservasse essa necessidade em mente. Isto é o que queremos dizer por atrair as coisas para nós. Sugerindo a nossa necessidade ao Cósmico e às nossas próprias mentes subjetivas, pomos essas forças a trabalhar para nós. Elas nos mostram, em forma de palpite, de um lampejo intuitivo ou de uma inspiração, coisas no nosso ambiente que podemos usar em nosso processo de criação mental.

Como o termo sugere, somos criadores. Mentalmente, somos os construtores. Somos os **autores**, o agente motor. O afirmador é apenas a pessoa que deseja algo. Deseja ou quer alguma coisa, e não vai além disso, a menos que empregue também a criação mental. A combinação da criação mental e da afirmação, repetimos, é a melhor. Aliás, a verdadeira criação mental é impossível sem primeiro afirmar, primeiro asseverar positivamente para nós mesmos, decidida e concisamente, o que queremos. A afirmação é a direção que nosso poder criador tem de seguir. É o poste indicador dizendo-nos: "*Tome este caminho! Sua destinação está à frente*". Não podemos simplesmente começar a criar. Temos primeiro de ter a concepção, o plano do que deve ser construído. Imaginemos um homem serrando tábuas, aplainando-as e pregando-as a esmo, e de repente parando para ver o fruto da sua faina. Isto seria, sem dúvida, uma espécie de criação. Seria a construção de algo que talvez não existisse antes. Contudo, sem

direção inteligente, os resultados desse tipo de criação seriam um disparate de pouco ou nenhum valor.

Naturalmente, ao afirmar ou estabelecer um objetivo a ser realizado, temos de evitar um que seja contrário aos princípios Cósmicos. Não devemos conceber algo que seja moral ou eticamente errado, ou contrário à lei natural. Se o fizermos, talvez fracassemos na nossa criação. E mesmo que, realmente, criemos algo que seja Cosmicamente errado, ele pode, como um monstro, tornar-se a nossa ruína. Contudo, na criação mental, sempre temos a oportunidade de, primeiramente, examinar **minuciosamente a nossa afirmação**, o nosso objetivo, em suas muitas partes. Cada parte é, então, exposta à nossa compreensão, e se quaisquer partes são malévolas ou nocivas, elas podem ser extirpadas e todo o propósito ou imagem mental revisto antes de começar.

Capítulo XIV: A PALAVRA PERDIDA

A doutrina da Palavra Perdida existe como um arcano das liturgias de muitas das nossas religiões atuais e nos ritos de várias sociedades secretas e filosóficas ainda existentes. Cada uma tem sua explicação teológica ou filosófica daquela persistente idéia. Por outro lado, todas estão relacionadas a uma concepção fundamental profundamente arraigada nas mais antigas crenças do homem.

A maioria das explicações da Palavra Perdida se baseia na frase bíblica: "*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus*" (João 1:1). Cosmo logicamente, isto quer dizer que a criação do universo foi realizada por uma idéia vocativa — um pensamento expressado como uma palavra. Deste modo, Deus e o Verbo são tornados sinônimos. Faz-se com que Deus, ou Mente, como uma razão criadora, se manifeste apenas com a emissão de uma palavra. Por conseguinte, o poder criador de Deus só tem força quando é falado. A força de Deus é tornada Sua voz, ou uma entonação. De acordo com esta concepção, não é suficiente que Deus apenas exista para que o universo e as coisas possam surgir da Sua natureza, mas é também necessário que a natureza ativa do Seu ser, a lei ou decisão da Sua mente, se manifeste verbalmente.

Os homens observaram que todas as coisas naturais têm uma lei para si próprias, isto é, existe alguma causa particular da qual dependem, e tais causas e leis são milhares. Portanto, a suposição entre os homens é a de que o Verbo inicialmente pronunciado tenha sido a **síntese** de todas as leis Cósmicas e naturais. O Verbo, neste sentido, não moldou, de outras substâncias, os elementos do universo. Ele não foi um agente ou força Divina atuando sobre uma substância

indeterminada — como, por exemplo, as mãos de um escultor modelam uma forma em argila — e sim que todas as coisas, desde os planetas aos grãos de areia, eram condições rudimentares do Verbo. O Verbo é, assim, concebido como uma energia vibratória, ondulante na qual existe a essência básica de todas as coisas. Por analogia, podemos compará-lo a um único som que poderia incluir simultaneamente todas as oitavas e tons. Por conseguinte, cada som individual que o ouvido pudesse discernir dependeria, para sua existência, da causa original, daquele som singular e unificado. Assim como toda cor é uma parte componente da luz branca, também toda criação é parte da complexa lei incluída no Verbo. Por conseguinte, esse Verbo é dotado da importância de ser a chave do universo. Aquele que o conhecesse e o entonassem teria o domínio de toda criação.

Seguindo tal raciocínio existe a conotação de que a lei da criação, ou Logos, uma vez tornada vocativa como Verbo, jamais deixou de existir, jamais desapareceu ou diminuiu. Todas as coisas têm sua dependência causada nos seus tremores contínuos ou natureza vibratória. Tal como a luz de uma lâmpada elétrica, na verdade, depende da sua causa constante — o fluxo de eletricidade para seu filamento aquecido — também se diz que todas as manifestações devem sua existência às reverberações contínuas do Verbo por todo o universo. Assim, a natureza vibratória de cada coisa se encaixa numa gigantesca escala ou teclado. Cada realidade tem alguma relação com uma nota (ou com uma combinação delas) que é parte integrante do Verbo. Assim, de acordo com esta concepção, certas vogais poderiam conter na sua combinação a escala criativa completa da energia Cósmica.

A maioria das organizações filosóficas e religiosas que preservam a tradição do Verbo expõe que, em determinado momento, o homem possuiu o seu

conhecimento como uma herança Divina e legítima, o que lhe dava verdadeira supremacia sobre seus domínios, a Terra. A maneira como o homem foi privado de tão grande tesouro, ou a perda do Verbo, baseia-se em tradições para as quais diferentes grupos oferecem explicações variadas e divergentes. Da mesma forma, cada uma, à sua maneira, acredita que o homem pode redimir-se e recuperar a Palavra Perdida, ou pelo menos certas sílabas eficazes que o compunham. Em geral se admite que esta redenção pode ser realizada através de uma síntese de conhecimento exotérico e esotérico, isto é, pelo estudo das ciências naturais básicas e pela adoração de Deus, ou comunhão com o Absoluto. Na verdade, ainda hoje existem, perpetuadas em rito e cerimônias sagradas, certas sílabas ou vogais que, segundo se diz, pertencem ao Verbo Perdido, e quando entonadas produzem espantosos poderes e manifestações criativas e benéficas. Os rosa-cruzes, há séculos, vêm usando essas vogais com excelentes resultados nas várias exigências da vida. Outros místicos declaram que a Palavra Perdida completa é inefável para o homem; que ele jamais seria capaz de pronunciá-la, mesmo que viesse a conhecer seu teor, mas que pode pronunciar algumas das suas sílabas, das quais pode adquirir enorme poder pessoal.

Dissemos que essa crença tem origem no antigo pensamento do homem. Um exame da sua história contribuirá para nossa compreensão desse mistério, que se tornou uma doutrina respeitada. De acordo com antigo texto litúrgico, o vocábulo sumeriano para palavra é **Inim**. Desta palavra, os sumerianos desenvolveram o conceito do encantamento. Para os sumerianos, o encantamento consistia de palavras formais pronunciadas pelo mágico ou sacerdote. Na verdade, encantamento em sumeriano é **inim-inim-ma**, que é uma duplicação de **Inim**. Para o sumeriano, **Inim**, ou **palavra**, significava **pronunciar uma decisão**. Os antigos

semitas consideravam que uma palavra pronunciada formalmente com a força de um comando ou de uma promessa, equivalia a algo muito definido ou real, isto é, uma entidade ou uma substância de algum tipo. Portanto, das palavras de uma divindade, sacerdote ou ser humano, em circunstâncias formais, brotava um poder mágico e terrível. As palavras formalmente enunciadas dos grandes deuses eram glorificadas pelos sumerianos, isto é, eram consideradas como uma entidade Divina equivalente ao próprio Deus.

Devido à sua conformidade com essa concepção, recordemos nossa parte da citação bíblica feita mais atrás: "... e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". Antes de 2900 a.C., encontramos a inscrição **Enem-Ma-Ni-Zid**, que, se traduzida literalmente, significa **Sua palavra é verdade**. Da mesma forma, na época pré-sargônica, por volta de 2800 a.C., e num registro do Templo de Lugalanda, está a frase **Enem-Dug-Dug-Ga Ni An-Dub**, ou:

A palavra que ele pronunciou abala os céus.

A palavra que, embaixo, faz a Terra tremer.

Vemos aqui a primeira concepção do poder dinâmico do Verbo Divino, expressado há quase 5.000 anos.

Um outro conceito dos sumerianos foi a identificação do Verbo do deus Enil com seu espírito. A palavra do deus foi transformada num atributo da sua natureza que tudo abrange, partindo dele para o mundo caótico. Por exemplo, outra liturgia sumeriana reza: "*A emissão da tua boca é um vento benéfico, o sopro da vida das terras*". Uma vez mais, com isto, lembramo-nos do Antigo Testamento, pois no Livro do Gênesis 1:2 encontramos: "*E o Espírito de Deus pairava sobre as*

águas". Depois disso, sabemos que Deus disse: "*Faça-se a luz*". Para os sumerianos, o sopro de Deus era um cáldo mar de luz. A influência das religiões dos sumerianos e babilônios sobre seus cativos hebreus é bem evidente nos livros do Antigo Testamento.

Os sumerianos e babilônios, invariavelmente, consideravam a água como o primeiro princípio, a substância primordial de onde vieram todas as coisas. A água para eles não era uma força criadora, e sim o primeiro elemento do qual outras substâncias se desenvolveram ou evoluíram. Portanto, como todas as coisas vinham da água, deduziu-se que a razão ou a sabedoria habitava dentro dela. A palavra que os sumerianos conferiam a este princípio criador da água era **mummu**. O historiador grego Damascius, último dos filósofos alexandrinos, disse que essa palavra significava **razão criadora** — a sabedoria que criou todas as coisas. No Livro do Gênese encontramos outro paralelo a este. Isto é, que a água foi a primeira substância sobre a qual "... o *Espírito de Deus pairava*...". A doutrina da água, como a primeira substância, penetrou na primeira escola filosófica da antiga Grécia. Tales de Mileto, ao que tudo indica, tomou-a emprestado dos babilônios. Anaximandro e Anaximenes, certamente, também foram influenciados pelo seu contato com sábios hebreus e suas tradições e, assim, também recorreram ao sincretismo. Afirmaram que a substância Cósmica era em si razão, sabedoria, harmonia, ou **Nous**. Vemos que esta idéia corresponde ao Logos babilônio, ou Mummu, a razão criadora que é imanente na água. Heráclito, de 500 a.C., que expôs uma doutrina da evolução e relatividade, a de que toda matéria "*se transformava*", através de um processo que vai do fogo para o ar e volta, afirmava que a única realidade era a lei da transformação, uma lei Cósmica — o Verbo, ou Palavra. Gradualmente, ocorreu uma transição na qual o Verbo como uma enunciação Divina seria

substituído pelo Logos (lei). Este Logos era a **vontade** de Deus, expressada como uma lei imutável e ativa no universo. Os antigos estóicos afirmavam que o princípio Divino ou primeira causa era **pneuma**, o sopro de Deus que penetrava todas as coisas. Este sopro se manifestou como uma série de leis criadoras na matéria. Transformou-se, depois, nas leis físicas que a ciência conhece e estuda. No homem, o sopro ou Logos tornou-se um espírito menor que atuava nele como alma.

Filo, o filósofo eclético judeu, no começo da era cristã, transformou o conceito de Logos na doutrina fundamental e muito importante de uma filosofia que penetrou os dogmas teológicos de algumas das nossas proeminentes religiões atuais. Para Filo, o Logos era, por um lado, a Sabedoria Divina, o poder racional produtor do Ser Supremo. Em outras palavras, o Logos era a Mente de Deus. Por outro lado, o Logos não era a natureza absoluta de Deus — não era a substância da Divindade. Era, antes, um atributo da Sua natureza. Era razão partindo Dele como uma emanção. Dizia-se que ele era a **razão enunciada**. Assim, a partir daí, verificamos que o Logos toma novamente a importância do Verbo, ou seja, a vontade expressa ou **enunciação** de Deus. Filo afirmava que o Logos ou Verbo habitava dentro do mundo. Deus não era imanente no mundo. Ele o transcendia, mas o Logos, seu Verbo, desceu no mundo senciente, como um mediador entre Deus e o homem.

Em resumo repetimos o que foi dito no capítulo anterior sobre **afirmações**, isto é, que a maioria dos homens acredita que um desejo ou vontade não tem eficácia, a menos que o tornemos vocativo. Concordam, sim, que um pensamento em si não basta, a menos que seja acompanhado por algum agente ativo como a palavra falada. Portanto, às forças Cósmicas naturais, às leis físicas do universo, o homem atribui um Verbo outrora enunciado como sua fonte, que

continua reverberando por todo o universo e que ele não pode mais aprender, pelo menos na sua inteireza.

A Palavra Perdida, as afirmações e muito dos princípios examinados anteriormente têm sido sintetizados em atos conhecidos como Iniciação Mística. Portanto, temos agora de dar atenção às **iniciações**, para compreender a relação harmoniosa desses elementos.

Capítulo XV: A TÉCNICA DA INICIAÇÃO

Temos de admitir que as primeiras iniciações dos antigos eram, na maioria, muito toscas — a ponto de serem, na verdade, quase bárbaras na sua execução. Contudo, muitas das atuais iniciações, isto é, as que hoje predominam e são efetuadas pelas fraternidades e sociedades da nossa época, são vazias de significado.

Não obstante, a iniciação é fruto de duas qualidades humanas impalpáveis. A primeira dessas qualidades é a **auto-analise**. É devido a um impulso intenso de olhar para si próprio, de analisar a si mesmo e ao seu ambiente, que o homem aprende a fazer coisas excepcionais. Do contrário, ele contribuiria com muito pouco para o adiantamento da Humanidade e o progresso da sociedade. A maioria dos atributos naturais do homem está dentro dele. Mas o homem não está plenamente cômico deles. Realiza certas coisas, na vida, com esses poderes, mas quase nunca está bem certo de onde os obteve. Em grande parte, é como alguém perdido numa grande floresta e que, em seu desespero, se vê sentado sobre uma arca, cujo conteúdo jamais se dá ao trabalho de investigar. Com o passar do tempo, sua necessidade de sustento, de comida, bebida e proteção contra os elementos torna-se maior, e, se apenas abrisse a arca sobre a qual está sentado, provavelmente encontraria esses artigos de primeira necessidade. Usando outra analogia, o homem mediano é como o indivíduo que se recosta numa pedra e lamenta seu destino, sua sorte e sua falta de oportunidade de melhorar. E, no entanto, aquela mesma pedra pode conter um mineral que lhe ofereceria grande riqueza, mas, devido a sua ignorância e falta de curiosidade, ele o ignora.

Contudo, a auto-analise faz mais do que revelar nossos atributos. Revela também nossas limitações, as coisas que ainda não nos é possível realizar. Mostra o

quanto estamos aquém daqueles ideais que reconhecemos como estado de perfeição. Ela mostra claramente, ademais, em que precisamos aperfeiçoar-nos. O processo de auto-análise inclui as experiências que tivemos pessoalmente e as experiências por outrem referidas. Por meio delas descobrimos nossa força, nossas fraquezas e aplicamo-lhes a razão. Portanto, podemos dizer que a razão é o fator fundamental subjacente na auto-análise.

Mas ainda existe uma segunda qualidade de onde surge a iniciação, e esta é a **aspiração**. A aspiração consiste daquelas sensações, desejos e carências do eu que são diferentes das paixões do corpo. A aspiração encontra seu prazer na realização de uma necessidade ou de algum ideal que fixamos para nós mesmos. Embora a razão na auto-análise possa revelar nossa carência de algo, é a aspiração que nos faz procurar satisfazer, a necessidade e erguemo-nos **acima** e além da nossa atual posição.

Por conseguinte, qualquer rito, qualquer cerimônia, independente da sua forma e de como é conduzida, é realmente uma verdadeira iniciação se produz os seguintes efeitos: (a) faz-nos recorrer à introspecção, isto é, voltar nossa consciência para dentro, uma introvisão de nós mesmos; (b) gera dentro de nós aspiração e idealismo; (c) exige de nós uma obrigação ou promessa sagrada que fazemos a nós mesmos ou a outrem de que, desse modo, procuraremos satisfazer nossas aspirações.

Etimologicamente, iniciação deriva-se da velha palavra latina **initiatus**. Este vocábulo latino significa começar treinamento, ou o começo de uma preparação, o começo da instrução. Esta instrução de que consiste a iniciação depende de três elementos muito importantes. Primeiro, a eficácia, ou o poder do ensinamento que está sendo ministrado, como instrução. Os ensinamentos só

podem ter a influência da autoridade em que se apóiam, isto é, o valor de um ensinamento a ser transmitido depende da autoridade, a **fonte** de onde ele promana. Segundo, o caráter de quem vai receber as instruções, independente da eficácia dessas, tem de ser digno; do contrário os ensinamentos, serão obviamente, desperdiçados. Terceiro, certas condições são necessárias para a transmissão dessas instruções, a fim de que sejam benéficas; em outras palavras, o momento e local adequados são importantes. Não se pode discernir ensinamentos profundos a qualquer momento. A meditação correta, as circunstâncias adequadas têm de existir para sua perfeita assimilação ou, caso contrário, a semente cairá em solo estéril.

Os antigos incluíam mais um fator importante na iniciação. Para eles era necessário que os ensinamentos a serem ministrados durante a iniciação fossem mantidos fora do alcance do profano, isto é, dos leigos. Em outras palavras, o **segredo** era essencial. Às vezes, assim se procedia porque o homem mediano, sem imaginação, sem aspiração, não podia compreender o que lhe era oferecido — não estaria pronto para o ensinamento, para se usar uma expressão comum — e, assim, poderia profanar o que deveria ser uma confiança sagrada. Em outras ocasiões se dizia que os ensinamentos de uma iniciação destinavam-se aos poucos que haviam sido escolhidos como recipiendários desse conhecimento. Em resumo, a pessoa tinha de ser apresentada aos mistérios, como o teor da iniciação era chamado — sendo **Os Mistérios** as leis e preceitos transmitidos. Aliás, na antiga Roma os mistérios eram chamados **initia**.

A iniciação primitiva, ou os mistérios transmitidos pela sociedade primitiva, se transformou em duas categorias definidas. Ainda hoje existem remanescentes delas na maioria das iniciações de muitas ordens e fraternidades, mas não são reconhecidos como tal pelo candidato ou aspirante. A primeira das

categorias era uma espécie de cerimônia pela qual um poder era conferido a um indivíduo, para uma finalidade expressa, por algum outro indivíduo ou por um grupo deles. Assim, por exemplo, em certas cerimônias, o xamã ou o angacoque, como os feiticeiros das tribos esquimós eram conhecidos, transmitiam fórmulas mágicas aos iniciados, com as quais estes ficariam de posse do poder de provocar chuvas;, aumentar as colheitas, ou melhorar a fertilidade do solo. Segundo o xamã, o poder de fazer essas coisas era transmitido através de substância material — em outras palavras, por meio de amuletos. Durante a cerimônia, o xamã dava ao candidato uma pedra polida, brilhante, ou uma pluma colorida. Dizia-se que elas possuíam propriedades mágicas.

A segunda categoria de iniciação primitiva consistia de cerimônias que faziam parte da vida social das tribos. Este último tipo era decididamente o mais importante das duas categorias. Em poucas palavras, na sociedade primitiva ou tribal, as pessoas da mesma idade e sexo tinham os mesmos interesses, as mesmas ocupações e os mesmos gostos. Por conseguinte, havia a tendência no sentido de agrupar essas classes específicas, esses grupos específicos, de acordo com a sua função, capacidade ou incapacidade. Em outras palavras, os velhos ficavam num grupo, os jovens em outros, os que não tinham filhos em outro, os que eram solteiros, os que eram doentes ou deformados, em outros grupos, e assim por diante. O primitivo acreditava que passar de um grupo para outro produzia ou tinha certos efeitos sobre o indivíduo.

Ora, claro está que os efeitos naturais eram óbvios. Havia as mudanças fisiológicas que ocorriam quando a criança se transformava em adulto. Havia, também, certas mudanças fisiológicas quando uma mulher entrava num estado de maternidade. Contudo, além disso, acreditava-se que ocorriam certos efeitos

sobrenaturais. Por exemplo, quando uma criança se tornava adulta, acreditava-se que o poder pelo qual ela se transformava em adulto, ou o poder que ocasionava essa mudança, também lhe era transmitido naquele momento. Por essa razão, realizavam-se cerimônias nas quais o indivíduo era iniciado em sua nova posição na sociedade; e a nova função e os novos poderes, que se supunha ter ele adquirido, lhe eram, então explicados.

Só muito mais tarde é que se passou a fazer distinção entre grupos especializados. Essa distinção consistia, por um lado, no desempenho por parte dos trabalhadores em ofícios, artes e profissões altamente desenvolvidas e, por outro, no que era o trabalho comum. Os artesãos ou profissionais desejavam proteger os segredos da sua profissão e, por isso, formaram as **guildas**, como se tornaram conhecidas, para aquela finalidade. E os que delas deviam compartilhar tinham de ser **iniciados**.

Houve um exemplo excelente desse costume durante o século XIII. Na Itália setentrional, vários burgos e cidades eram como estados soberanos, independentes em todos os aspectos. Cada cidade, com certa área ao der-redor, era um mundo em si, e muitas vezes eram hostis umas para com as outras. Se eram cidades costeiras, possuíam sua própria marinha e todas tinham seus próprios exércitos. Exemplos comuns de tais cidades-estados eram Veneza e Florença. Durante aquele período, Veneza tornou-se famosa pela sua manufatura do vidro. Ela se sobressaía em todas as partes do mundo com sua arte apurada. Os **segredos** da arte de soprar vidro a princípio eram transmitidos de pai para filho, mas, com a procura cada vez maior dos seus produtos, tornou-se necessário ampliar a produção e que se atraíssem outros para a profissão. E, assim, o aprendiz transformou-se em

neófito; ele era **iniciado** na arte de soprar vidro e tinha de jurar que não revelaria esse segredo ao profano (leigo).

Hoje em dia, na nossa sociedade moderna, temos certos ritos equivalentes a iniciações públicas e que contêm o princípio da transmissão de poder. Em outras palavras, o cidadão mediano, ao procurar desfrutar de certos privilégios legais, tem de participar de cerimônias equivalentes a uma iniciação social. Assim, no casamento, a transmissão desse direito a um indivíduo é feita na forma de uma cerimônia que equivale a uma iniciação. O mesmo acontece com a concessão do privilégio de adoção de um indivíduo. Também na naturalização, a pessoa que deseja tornar-se cidadão de determinado país tem de passar por uma cerimônia em que os poderes da cidadania lhe são transmitidos.

A iniciação, como tantas outras coisas, também passou por um processo evolutivo e, com seu desenvolvimento, o homem continuou procurando nela certas vantagens; mas as vantagens tomaram-se diferentes. Não eram mais vantagens apenas materiais ou físicas; eram **morais**. Pela iniciação, o homem esperava tornar-se mais familiarizado com os deuses, saber como eles podiam ser aplicados, como obter o que queriam deles, e compreender o que constituía a conduta certa ou piedosa. Este conhecimento era revelado ao homem na forma de dramas; isto é, iniciações que se assemelhavam às peças teatrais da Paixão nas quais o candidato desempenhava o papel principal, ou tinha um outro papel. O candidato, por exemplo, podia assumir o sofrimento que imaginava ter sido suportado pelos seus deuses para que ele pudesse ter salvação ou existência. Além disso, o candidato também podia assumir uma atitude mental, o que, segundo supunha, pertencia ao estado exaltado dos deuses. Ou poderia desempenhar um papel no qual sugeriria, por

mímica, as virtudes que imaginava pertencerem aos deuses e que desejava ver incorporadas à sua vida.

Para receber tal iniciação, o candidato tinha de mostrar-se digno de conhecer esses **mistérios**. Muitas vezes, precisava passar por uma preparação moral. Na Grécia antiga, por exemplo, todos os per juro e os que eram traidores e, também, os criminosos, eram excluídos das iniciações nos mistérios. O Egito antigo tinha um método ainda mais conveniente. Somente aqueles que eram chamados podiam realmente participar das cerimônias. Havia uma iniciação que era chamada de tribunal de Osíris; seu objetivo era revelar como o deus Osíris, no tribunal do mundo superior, pesava a alma do homem para determinar se ele era ou não digno de entrar na vida do além. Os que deviam participar dessa cerimônia eram convocados para tal.

A estrutura da maioria das iniciações, e sobretudo das iniciações nos mistérios do passado e de muitas das iniciações esotéricas do presente, obedece a **quatro formas** definidas; isto é, as iniciações constituem quatro elementos principais, muito embora a atividade e função reais possam variar.

A primeira dessas formas é conhecida como o rito da **separação**. O candidato ou neófito é informado do fato de que está passando por uma transição da alma; isto é, por meio de certos ritos e símbolos na cerimônia, levam-no a compreender que ele está mudando sua velha ordem de vida, afastando-se dos seus velhos pensamentos, preparando-se para algo novo e diferente. Durante esse rito de separação, sugerindo uma mudança do velho modo de vida para o novo, podem dizer-lhe que ele tem de separar-se por algum tempo da sua família e de suas velhas amizades. Talvez tenha que prestar voto de celibato, isto é, permanecer solteiro até certa idade. Talvez tenha, ainda, de prometer que se isolará do mundo

exterior por breve período. Em outras palavras, talvez tenha de tornar-se um anacoreta, viver sozinho no ermo, em meditação, até que lhe ocorra uma determinada mudança; ou, talvez, tenha de dominar, de certo modo, sua personalidade e viver uma vida simples. Durante esse rito, pode ter de submeter-se a sepultamento simbólico, isto é, talvez tenha de deitar-se num caixão para mostrar que obliterou o passado e deixou para trás todos os velhos modos de vida e pensamento.

A segunda forma dessa estrutura de iniciação é o rito de **admissão**. Torna-se o candidato cômico, pela iniciação a que está se submetendo, de que está entrando num plano mais alto de pensamento e consciência. Este rito pode sugerir-lhe que está tendo um novo nascimento, em pensamento e vida, e isto pode ser simbolizado fazendo-o deitar-se no chão, depois ficar de joelhos e, finalmente, ficar de pé, como se estivesse crescendo. Também pode ver-se obrigado a sair de um quarto escuro para outro intensamente iluminado, representando a saída do velho mundo de superstição e medo, que se pressupunha ter sido deixado para trás, para um de paz e nova sabedoria.

Tal admissão simbólica, num novo mundo, às vezes tomava a forma do que se conhece como rito da circum-ambulação. Isto consistia em se traçar um círculo no chão do templo, ou no terreno onde se realizava a iniciação, e onde o candidato era colocado. Junto desse círculo se traçava outro muito maior, em torno do qual se colocavam velas ou candelas acesas. A máscara ou venda era retirada dos olhos do candidato, que, então, passava do círculo menor para o maior. Isto representava uma transição de um mundo limitado para outro ilimitado ou iluminado.

Platão, referindo-se às iniciações no mistério, de sua época, disse: "*Morrer é ser iniciado*". Com isto, queria dizer que a morte consistia apenas naquela

mudança ou processo de iniciação pelo qual partimos da nossa vida presente para um novo âmbito de existência.

A terceira forma da estrutura de iniciação é o que se conhece por **exibição** de efeitos sagrados. Durante essa parte da cerimônia de iniciação, revelam-se ao candidato sinais que representem verdades e preceitos, os nomes dos graus pelos quais ele passou ou passará, e o simbolismo da ordem.

A quarta e última estrutura é o rito de **reentrada**; em outras palavras, a parte da cerimônia pela qual o candidato torna-se sabedor de que está retornando ao mundo físico, profano, de onde veio. Embora retorne ao mundo exterior, as circunstâncias nunca mais serão as mesmas, devido às experiências e instruções da iniciação que recebeu. E, normalmente, é obrigado, até certo ponto, a mudar as condições da sua vida diária para equipará-las ao idealismo que lhe foi transmitido, durante a iniciação. Além disso, durante esses ritos de reentrada, é-lhe conferido um emblema de distinção, algum símbolo material pelo qual se conhece que ele atingiu a certo grau de saber. Embora volte a conviver entre os profanos, por esse emblema sabe-se que adquiriu certas vantagens.

Por exemplo, todo árabe, todo verdadeiro muçulmano, se lhe é possível durante sua vida, procura fazer uma peregrinação a Meca, a fim de entrar no sagrado recinto da Caaba e presenciar os ritos sagrados. É uma viagem árdua; não há rodovias nem ferrovias que conduzam a Meca. O árabe tem de viajar numa caravana ou, se for suficientemente rico, organiza sua própria caravana. Se for bem sucedido, ao retornar, dão-lhe o respeitoso título de Hadji, e permitem-lhe usar um turbante verde, ou então, ao redor do seu tarbuche, ou fez, como é comumente conhecido, uma fita branca significando que ele fez a peregrinação a Meca e que foi devidamente iniciado no Centro Sagrado. Depois de cada peregrinação, pode usar

nova fita em seu fez. Vi muitos árabes nos países islâmicos ostentando duas ou mais dessas fitas.

Dos arquivos esotéricos arcanos sabemos que os antigos essênios usavam mantos brancos, depois das suas iniciações, quando retornavam à sociedade, como símbolo da pureza que passaram a conhecer e a viver, devido à sua iniciação, e como lembrete das suas obrigações e da transição que se sabia ocorrera em sua consciência.

Examinemos, agora, algumas das antigas iniciações em sua inteireza, ou mistérios, como eram chamadas. Talvez a mais antiga de todas seja o ciclo de Osíris, os mistérios de Osíris. Eram assim chamados — ciclo de Osíris — porque se referiam ao nascimento, vida, morte e renascimento de Osíris. Nesses mistérios o homem tomara, pela primeira vez, conhecimento da doutrina da imortalidade.

Segundo a mitologia egípcia, a deusa egípcia Nut desposou o deus egípcio Geb e eles tiveram quatro filhos — dois irmãos, Osíris e Sete, e duas irmãs, Ísis e Néftis. Segundo a lenda, Osíris, como deus, recebeu a soberania sobre toda a terra do Egito e sua divindade era realmente munificente, pois dizem-nos que foi quem deu ao povo as leis pelas quais ele podia governar-se, ensinou-lhe arte e agricultura, a irrigação e muitos dos refinamentos que lhe davam bem-estar e conforto. Também lhe ensinou como adorar seus deuses; em outras palavras, introduziu a religião. E o mito prossegue dizendo que ele era muito amado pelo povo.

Diz-se que Sete tornou-se extremamente invejoso do afeto dos mortais por Osíris e tramou tirar-lhe a vida. Sub-repticiamente, obteve as medidas do corpo de Osíris e fez uma arca muito enfeitada onde caberia somente o corpo de Osíris. Então, ofereceu grande banquete ao qual ele e seus setenta conspiradores

compareceram, e convidou Osíris a dele participar. Durante a diversão, Sete, jocosamente, comentou que daria a elaborada arca de presente a quem nela se deitasse e coubesse perfeitamente dentro dela. Naturalmente, cada um dos presentes tentou, sabendo da verdadeira intenção, e ninguém coube perfeitamente, até que o próprio Osíris deitou-se dentro dela. Esta lhe servia à perfeição, e, enquanto estava deitado, lançaram-se os demais sobre a arca e pregaram-lhe a tampa. Então, o deus Sete deu ordens para que a arca fosse lançada num tributário do Nilo, no que foi obedecido. A arca, finalmente, chegou ao mar e acabou dando às praias da antiga Biblos, que na época pertencia à velha terra da Fenícia. Diz ainda a lenda que uma grande urze cresceu em torno da arca, de modo que ela ficou totalmente oculta e a planta atingiu tais proporções que parecia uma grande árvore. Um dia, o rei descobriu a árvore e mandou derrubá-la, para dela fazer uma coluna para sustentar o teto do palácio.

Por intermédio de algumas crianças, Ísis soube do que tinham feito com o corpo de Osíris, seu marido-irmão, e dispôs-se a recuperá-lo. Viajou disfarçada, até Biblos, e conseguiu se apoderar da urze. Quando, por fim, teve uma oportunidade de desembaraçar a arca da planta, levou-a de volta ao Egito. Depositou, a seguir, o corpo de Osíris nas areias, e uma noite, Sete, passeando ao luar, viu-o, ficando, por isto, tão irado que, em seu ódio desmembrou por completo o cadáver, e espalhou seus pedaços por todo o Egito. Quando soube do acontecido, Ísis lamentou-o em altos brados, por muito tempo. Sua tristeza deu origem a muitas famosas narrativas egípcias. Depois, pôs-se de novo no trabalho de recuperação do corpo e diz-se que, por fim, recobrou todos os pedaços. O importante é que, quando os reuniu, **soprou** vida na boca de Osíris, o qual, ao recebê-lo, ressuscitou, voltando a viver — não como um ser deste mundo, mas em outra vida superior.

Horus, o filho que Ísis tivera com Osíris, mais tarde partiu a vingar a morte do pai por Sete. É interessante acrescentar que esta história dos dois irmãos, Osíris e Sete, é a mais antiga do mundo. Na verdade, há milhares de anos, no Egito, a história chamava-se **A História de Dois Irmãos**. A primeira tradução foi feita pelo famoso egiptólogo, Dr. Charles E. Moldenke. Grande parte da coleção desse eminente homem encontra-se agora no Museu Oriental Egípcio Rosacruz, e suas notas e ensaios originais sobre a tradução da famosa **História de Dois Irmãos** estão na Biblioteca Rosacruz de Pesquisa, como um manuscrito de grande valor. É também de interesse histórico saber que as autoridades exegetas concordam, em geral, que a história bíblica de Caim e Abel surgiu como resultado do fato de que os hebreus estiveram exilados no Egito e se familiarizaram com esse mito egípcio.

Essa lenda osíriaca era representada como drama de mistério, especialmente nas antigas cidades de Denderá e Abido. À medida que o drama se desenrolava, os sumos sacerdotes, ou Kheri Hebs, narravam, aos iniciados ou candidatos, o significado de cada parte como uma lição aprendida. Às vezes, os dramas eram representados ao luar, em grandes barcaças nos lagos sagrados. Muitas vezes, várias noites eram necessárias para se ver toda a cerimônia, e o candidato não tinha permissão de assistir ao ato seguinte do drama, até que compreendesse plenamente os anteriores. Explicavam-lhe que Osíris representava as forças criadoras da Terra, virtude e bondade, e que seu irmão Sete era a manifestação do mal. Ou, ainda, que as duas forças estavam em contínuo conflito no mundo. Então, e o que era mais importante, mostravam-lhe que Osíris vivera uma vida boa, tentara ajudar, auxiliar os outros e que, quando não há justiça terrena, o homem pode obter recompensa em outra vida. O homem não deve esperar receber

compensação por todos os seus feitos apenas aqui nesta terra. Depois, mostrava-se como Osíris foi **ressuscitado** e de como ele desfrutara de outra vida.

Somos informados, ainda, que o candidato, ao se preparar para tal iniciação, tinha de abster-se de alimento ou água, durante breve período, que tinha de rapar a cabeça e que o desenrolar ou **iluminação** do drama demorava muitas noites.

Existe outra antiga iniciação que nos interessa saber. É conhecida como os mistérios eleusinos. O nome advém do fato de ser essa iniciação realizada em Elêusis, na antiga Grécia. Durava cerca de oito dias, num período correspondente aos dias 15 a 23 de setembro na nossa época. Esses mistérios tinham duas personagens principais — as deusas agrárias, isto é, as deusas da agricultura, conhecidas como Deméter e sua filha **Perséfone**. As mais antigas peças de mistério eleusinas representam o sofrimento de Deméter quando sua filha **Perséfone** foi raptada por inimigos. Mais tarde, contudo, passaram a procurar transmitir e a demonstrar algum conhecimento do que o homem deve esperar na outra vida e a ensinar a lição da imortalidade. Tal fato era ensinado comparando-se o homem à vegetação. Mostrava-se como as plantas fenecem e morrem no inverno; como renascem na primavera, recebendo nova vida, novo poder; como são ressuscitadas da terra com toda sua antiga força e esplendor. E se declarava que, quando os dias do homem nesta terra terminarem, ele fenecerá para ressuscitar no Eliseu, o céu para os antigos.

Por certos registros históricos, sabemos que os candidatos peregrinavam grandes distâncias até o local da iniciação — Elêusis — e tinham de andar em coluna por um. Sabemos, também, que durante as cerimônias, os candidatos traziam inscrita na testa uma cruz **Tau**, isto é, uma cruz em forma de um T

maiúsculo. Recebiam também como símbolo um ramo de acácia, para significar a imortalidade, possivelmente porque essa planta tem a sensibilidade de abrir e fechar suas folhas, representando desse modo o nascimento e a morte.

Agora, o que diremos ser a natureza e o propósito das iniciações, tais como as realizam os rosacruzes? Primeiro, de modo geral, a iniciação rosacruz é semelhante, em espírito e propósito, a todas as verdadeiras iniciações esotéricas ou **mistérios**, embora sua função, seu modo de desempenho e seu simbolismo sejam, naturalmente, diferentes. Na capa de cada manuscrito de iniciação na Ordem Rosacruz, está a declaração: "*A iniciação traz, para a esfera da razão, o propósito, e, para a esfera da emoção, o espírito da introdução da pessoa aos mistérios*". Esta declaração é, realmente, a chave da iniciação rosa-cruz, como veremos.

As iniciações anteriores, isto é, as que estudamos aqui, referiam-se, na maioria, à esfera da razão. Elas visavam apresentar ao homem novo conhecimento, experiências que tinham uma qualidade abstrata. Eram preparadas para transmitir ao homem um conhecimento das suas várias existências, a vida futura, a natureza dos deuses, o teor da virtude etc. Mas a razão não é suficiente para o domínio da vida, e para ter felicidade, o homem dela não deve depender única e exclusivamente; se dependesse, a Humanidade não passaria de uma máquina de calcular. A justiça seria apenas uma questão de lei concebida pelo homem, destituída de compaixão e compreensão; aquilo que fizéssemos uns pelos outros seria exclusivamente por necessidade; em outras palavras, porque seria a coisa correta a fazer. A bondade humana estaria adormecida. A sociedade de hoje se comportaria de modo inteiramente semelhante aos antigos espartanos. Os que fossem fracos ou doentes seriam destruídos, independentemente de qualquer sentimento ou amor. Apenas porque a razão ditaria que a coisa mais prática a fazer

seria eliminá-los; como não mais poderiam servir ao estado com eficiência, ou no melhor da sua capacidade, eles seriam executados.

Portanto, a iniciação esotérica procura familiarizar o indivíduo com o conteúdo da sua própria alma, ajuda-o a expressá-lo, a torná-lo parte tão integrante de sua consciência quanto as outras coisas da sua vida. Ela procura tornar a inteligência da alma não apenas um princípio filosófico ou um rito num drama de mistério, mas uma **realidade** para o homem. Portanto, podemos dizer, de maneira bastante conservadora até, que a iniciação rosa-cruz é o processo ou método que tem como propósito a consecução da consciência interior, o conhecimento da Consciência Cósmica. Cada homem tem uma consciência interior mas, infelizmente, ela está adormecida na maioria das pessoas. A iniciação rosacruz tem como objetivo o despertar desse eu interior. Para que esse objetivo se realize, as iniciações rosacruzes, desde os seus primórdios, têm sua função estruturada de modo a captar a consciência objetiva do homem e controlá-la de maneira tal que a consciência interior, ou subliminar, seja liberada e venha à superfície.

Assim, enquanto a pessoa participa objetivamente das cerimônias rosacruzes, entoando certas vogais e queimando incenso, ela também está estimulando seus centros psíquicos e acelerando a consciência da alma dentro de si. Todas essas coisas proporcionam o estado de espírito, a válvula emocional, se assim preferirmos, capaz de permitir a expressão da alma. É inquestionável que certas condições de paz, humildade e ordem, que a pessoa sente na iniciação rosacruz, são tão satisfatórias para a alma quanto o alimento e a bebida o são para o corpo. A iniciação rosacruz exercita o eu, o verdadeiro ser interior, colocando-o num ambiente que o estimula, assim como o estudar desenvolve determinadas áreas de associação no cérebro.

TERCEIRA PARTE: AS ARMADILHAS

Capítulo XVI: OCULTISMO, HERMETISMO E ESOTERISMO

Para melhor nos orientarmos, examinemos algumas das correntes de pensamento que o leigo confunde com misticismo. Nossa primeira consideração será o ocultismo. No sentido popular, considera-se o ocultismo um sistema de métodos ocultos, de práticas estranhas, através dos quais o homem pode alcançar poderes inexplicáveis que lhe possibilitem fazer ou realizar quase tudo que almeja. Tal concepção afirma que o ocultista pode testemunhar fenômenos que o mortal comum talvez nunca veja ou sinta. Por conseguinte, considera-se que o ocultismo inclui assuntos como magia, maravilhas, milagres e experiências estáticas religiosas, tais como a teofania e a epifania.

Contudo, à parte o ocultismo geral, tal como concebido pelo homem comum, existem as chamadas **ciências** ocultas e, como veremos, essas realmente abrangem aquelas matérias, aqueles objetivos do conhecimento que pertencem ao campo da ciência mas que, não obstante, eram — e muitos ainda o são — condenados igualmente pela religião e pela ciência ortodoxa ou mundana.

A religião temia a ciência oculta. A opinião geral era que o cientista-ocultista poderia, através de seus estudos e indagações, adquirir poderes que o tornariam dependente apenas de si próprio e, assim, independente dos decretos e dos dogmas da Igreja. Também se dizia que o cientista-ocultista interferia na esfera de Deus, invadindo a jurisdição da Divindade, tentando investigar assuntos que não se destinavam à compreensão do homem e, portanto, o ocultista na verdade era um ofensor do Divino.

A ciência ortodoxa, durante muitas décadas — aliás, séculos — esteve presa à tradição, obrigada a cumprir o que fora estabelecido como um ditado, obrigada a não desviar-se dos seus costumes e práticas tradicionais. O cientista-ocultista não estava assim limitado e, portanto, a ciência mundana manifestava um preconceito para com ele, considerando-o não-ético. Em meio a esse preconceito havia inveja, porque o cientista-ocultista estava progredindo e seus ensinamentos se tornavam reconhecidos, competindo com a ciência mundana pelo agrado e aceitação populares. As chamadas ciências ocultas (isto pode parecer estranho a muitos leitores, mas é verdade) incluíam não só os assuntos em geral considerados pertencentes ao oculto, como também numerosos outros agora reconhecidos pela ciência em geral. Assim, as ciências ocultas incluíam não só a astrologia como também aspectos que eram claramente de astronomia. Incluíam não só a alquimia, como também, aquilo que era puramente **medicina** e que como tal é reconhecido hoje em dia.

Tomemos o exemplo de Galileu, agora reconhecido como notável cientista e que, na sua época, também era um cientista-ocultista. Grande astrônomo e matemático do século XVI, Galileu chamou atenção, pela primeira vez, quando refutou uma das teorias fundamentais de Aristóteles. A primitiva Igreja cristã, séculos atrás, descobriu que não podia rejeitar e recusar por completo o reconhecimento da ciência, porque uma onda de racionalismo estava arrastando a Humanidade. A ciência estava impressionando as massas. E, assim, a Igreja sentiu a necessidade de aceitar a ciência; voltou-se para as doutrinas de Aristóteles, reconhecido como o ponto culminante do conhecimento científico, do conhecimento de coisas mundanas que tratavam das leis da Natureza àquela época, e declarou que o homem não devia

ultrapassar o ponto chegado pelas realizações de Aristóteles. Ele era a última palavra em ciência.

Galileu refutou a teoria de Aristóteles de que os corpos caem no espaço numa velocidade proporcional ao seu peso. Em suas experiências, Galileu lançou vários objetos da torre inclinada de Pisa e provou que Aristóteles estava errado. Além disso, construiu longos planos inclinados pelos quais fez rolar objetos de pesos diferentes e dessa experimentação desenvolveu a doutrina da inércia, agora incorporada às leis da Física. Isso foi um desafio às teorias científicas aprovadas pela Igreja.

Seu grande passo seguinte foi o melhoramento do telescópio. Galileu desenvolveu um instrumento capaz de aumentar trinta e cinco vezes mais que os toscos instrumentos então existentes. Mas sua descoberta extraordinária, e que o fez entrar em séria controvérsia com a Igreja, ocorreu quando Galileu voltou seu telescópio para o céu e contemplou os fenômenos celestes, passando a fazer descobertas astronômicas, tais como as luas de Júpiter. Surgiu, então, com a corroboração categórica da cosmologia de Copérnico.

Copérnico, que vivera um século antes de Galileu, afirmara que o universo era esférico e que o Sol, não a Terra, era o centro do nosso universo imediato. A divulgação dessa doutrina por Galileu causou consternação nos círculos teológicos porque, se fosse verdade que a Terra não era o centro do universo, como a Igreja ensinara e acreditava, então o homem não seria o ser principal que consideravam ser. Ele talvez não fosse a maior realização do Divino e não seria o único agente dotado de alma, pois se houvesse outros corpos celestes maiores que a Terra, então, também, poderia haver neles inteligências muito superiores ao

homem em capacidades e, possivelmente, dotadas, também, de poderes Divinos maiores.

Assim, Galileu foi obrigado a comparecer perante um conselho teológico formado dos maiores dignitários da Igreja que o obrigaram a não ensinar, não escrever a respeito e nem apoiar as doutrinas de Copérnico, apesar do fato de poder demonstrá-las através de seu telescópio. Ao que tudo faz crer, Galileu concordou, mas ao retornar a casa, escreveu um livro intitulado **Sistemas do Mundo**, o qual tratava de teorias cosmológicas e, na verdade, continha uma apresentação mal disfarçada da teoria de Copérnico. Quando o livro começou a circular, Galileu foi acusado de propagar doutrinas heréticas e chamado perante a Inquisição. A história eclesiástica diz que ele se "*retratou*". Não obstante, suas descobertas, suas opiniões, propagaram-se rapidamente e constituíram uma doutrina oculta em oposição aos conceitos científicos da religião.

Existe, ainda, o exemplo de outro cientista-ocultista. Foi Paracelso, nascido em 1493. Paracelso foi vítima, não dos preconceitos da religião, mas dos da ciência mundana. Seu nome verdadeiro era Aureolo Filipo Teofrasto Bombasto von Hohenheim. Era filho de um médico pobre, mas de nascimento nobre. Também Paracelso queria ser médico e foi estudar artes em Viena e concluir o estudo de Medicina numa renomada universidade na Itália. Contudo, após terminar seus estudos de Medicina, mostrava-se cada vez mais insatisfeito, porque os professores ou não podiam responder às suas perguntas ou recorriam continuamente aos compêndios, cujas respostas já não satisfaziam Paracelso.

Seu pai lhe ensinara a ver a Natureza através dos seus próprios olhos; não rebuscar o funcionamento das suas leis, apenas nas páginas dos compêndios,

mas encarar a Natureza como ela é. Assim, abandonou a universidade e iniciou uma viagem — uma viagem de grande descoberta.

Percorreu o mundo. Visitou os países do Levante, o Egito, Jerusalém, a Mesopotâmia, que chamamos agora de Iraque, as ilhas do mar Egeu e os principais países da Europa. Aonde quer que fosse estudava diretamente as doenças, tais como se manifestavam na carne, e não como relatadas em compêndios. Mas diz-se que, enquanto fazia essas observações médicas, meditava demorada-mente sobre a relação mística do homem com Deus. Contemplava a vida e os mistérios do nascimento e da morte e as razões da existência do homem e o provável curso da vida humana. O resultado das suas investigações e meditações foi o desenvolvimento de grandes e novas teorias sobre o tratamento de doenças e a aplicação de novos remédios, e Paracelso não hesitava em expressar-se vigorosamente em favor das suas convicções. Era igualmente corajoso em condenar a imprevidência da ciência médica da sua época.

Suas curas fenomenais atraíram a atenção do público e, por aclamação pública, foi nomeado médico-chefe da cidade de Basiléia, na Suíça. Esta cidade era, na época, um grande centro rosacruz de aprendizado, o qual incluía uma grande universidade rosacruz — a antepassada das universidades Rose-Croix francesas e americanas. Tive o privilégio de visitar essa universidade, de percorrer seus salões e antigas salas de aula. Ela não é mais uma universidade e, sim, um monumento aos rosacruzes. Paracelso falava às turmas de diplomandos e mesmo lecionou a algumas delas, inculcando na consciência dos jovens médicos a necessidade de uma opinião **liberal**, a necessidade de serem investigadores individuais e desbravadores, e fazer da própria Natureza seu principal laboratório.

Durante essa época, o próprio Paracelso publicou um livro que se tornou o primeiro compêndio sobre as **doenças dos mineiros**. Foi o primeiro livro até então publicado sobre doenças ocupacionais; isto é, doenças contraídas pelos homens em decorrência do seu trabalho. Todas essas inovações resultaram na sua condenação, pelos médicos do seu tempo, devido a inveja e medo e por diversas outras razões. A inimizade tomou a forma de intrigas para envolvê-lo e desacreditá-lo, o que acabou por acontecer. Foi desafiado com a pergunta: **Quem lhe ensina suas teorias e práticas médicas?** Paracelso respondeu: **Quem ensina a grama e a folhagem a serem verdes?** Queria dizer, com isto, que recebia seu conhecimento diretamente do estudo da Natureza, tal como a grama e a folhagem recebem seus poderes e qualidades funcionais da Natureza.

Não obstante, foi ridicularizado a tal ponto que um dos seus nomes (Bombasto) tornou-se um opróbrio, um sinônimo de declarações exageradas, ou seja, bombásticas. Entretanto, há apenas alguns anos, numa grande convenção, as Associações Médicas prestaram tributo a Paracelso, não só reconhecendo-o como grande médico, mas também como pioneiro do progresso da ciência médica. Hoje existem livros contendo o que se conhece como as **Sete Defesas** de Paracelso, sua grande, lógica e justa defesa do que estava fazendo. Se essas coisas tivessem sido publicadas ou divulgadas décadas, séculos antes, ele não teria sido desprezado durante todos esses anos; mas foram escamoteadas, de modo a aumentar ainda mais o preconceito da opinião pública e, também, porque era, então, considerado um cientista-ocultista.

A ciência física ou, se preferir, a ciência material, começa sua observação e aceitação da realidade das coisas do nosso mundo pelo uso dos sentidos normais — nossas faculdades objetivas, como a visão, audição etc. A

ciência física satisfaz-se em aumentar os sentidos normais do homem apenas com instrumentos como o telescópio, o microscópio e outros. Ela rejeita todos os objetos supostos ou reais de conhecimento que não sejam percebidos através daqueles meios.

Por outro lado, o verdadeiro ocultismo abrange as funções psíquicas do homem, os poderes e capacidades psíquicos que o homem possui. O ocultismo afirma que a função das emoções, dos sentimentos e da melancolia humanos, não pode ser explicada pela sua relação orgânica, como um processo puramente mecânico ou material. O ocultismo afirma que o homem tem poderes que são subliminares, que estão além do nível da sua consciência normal, dos quais não está comumente consciente e que são parte do seu ser, tal como a visão, a audição ou seu poder de falar. E o ocultismo afirma, ainda, que quaisquer que possam ser as realizações mundanas do homem, o resultado do exercício dos seus poderes objetivos materiais, elas podem ser grandemente ampliadas se recorrer ao uso daquelas faculdades **interiores** desconhecidas e que existem para seu uso.

Há séculos o ocultismo ensina que o homem é hiper-sensível; isto é, ele pode reagir e responder a forças e energias do universo às quais os órgãos mais toscos dos seus sentidos físicos não respondem. O ocultismo também ensinava que a comunicação telepática não só era uma possibilidade como também um fato, que os homens podiam comunicar idéias uns aos outros sem meios materiais e sem fazer uso da fala. Isto, naturalmente, era visto com hilaridade pela ciência mundana e usado como um exemplo das concepções fantásticas do ocultista. Mas o que temos hoje em dia? A telepatia, revestida de nova terminologia, é objeto de investigação científica. Ela é chamada de **percepção** extra-sensorial e para-psicologia. E significa que a ciência está investigando o fato de que o homem tem

um sentido extra, além dos cinco sentidos comuns pelos quais pode perceber o mundo.

A aura humana, como uma radiação magnética de alta frequência do corpo humano, era chamada de pseudo-ciência, de sonho ocultista. Atualmente, o fato de que o corpo humano realmente irradia energia é aceito cientificamente. Essa energia foi **medida**; sabe-se que ela tem uma potencialidade e é agora objeto de novas investigações científicas.

A terapia da cor, assunto há muito investigado pelo ocultismo — ou seja, que a cor afeta as emoções humanas e desempenha uma função definida com relação a essa saúde, com nossos estados de espírito e nossas emoções — era anunciada pelo cientista mundano como outro absurdo do ocultista. Hoje, a terapia da cor está em processo de experiência de laboratório, é um ramo da investigação psicológica feita pela ciência médica. Reconhece-se que as cores das nossas roupas, as cores do nosso ambiente, das paredes e móveis da nossa casa e da iluminação, realmente, nos afetam física e mentalmente. O cientista-ocultista está novamente justificado!

Contrário ao falso conceito popular, o **verdadeiro** ocultismo não procura ocultar o conhecimento, torná-lo secreto, ou estranho ou misterioso. Em vez disso, o ocultismo interessa-se em procurar revelar o desconhecido e desvendar o misterioso, e se está associado a coisas secretas, é somente para trazê-las à luz. O ocultismo também não é, necessariamente, uma parte da religião, nem tampouco um elemento do pensamento místico. O ocultismo pode tornar-se parte da religião, mas **não** é religião. Muitas religiões orientais incluem o ocultismo, tem-no, ademais, introduzido em seus sistemas; porém, isso não transforma o ocultismo numa doutrina religiosa, pois religião alguma inclui o ocultismo, a menos que, em seu

credo ou sistema, ela- se dedique a uma investigação dos fenômenos psicológicos da natureza do homem e à aquisição de autoconhecimento.

O sikhismo é um exemplo de uma das religiões orientais que incorporou o ocultismo. Ele procura harmonizar duas grandes religiões orientais hostis uma à outra, a saber, o maometismo e o hinduísmo. O maometismo é monoteísta; reconhece um só Deus — esse Deus é conhecido pelo nome arábico de Alá. O hinduísmo, por outro lado, é um misticismo panteísta; isto é, afirma que existe um Deus como uma força e um espírito que não existe em um só ser, mas que penetra todas as coisas e é parte de tudo, agindo em e através de tudo. Vemos que essas duas religiões estão em extremos opostos.

Nanak, o fundador do sikhismo, nasceu em 1469 d.C. Quando menino, discutia com seus professores maometanos, contestando alguns dos princípios que ensinavam. Quando jovem, em lugar de entrar na vida comercial do seu tempo, diz-se que preferia a **meditação** e passava muito tempo passeando pela floresta. Conta-se que certa ocasião teve uma grande visão na qual Deus lhe apareceu; foi aconselhado pela Divindade a repetir o nome de Deus com frequência, e ele partiu, declarando dedicar sua vida a um elevado propósito, mas, apesar de tudo, ficou perplexo com a experiência. Algum tempo depois, quando meditava sobre a visão que tivera, veio-lhe, como experiência estática, uma mensagem de Deus que é agora um dos preceitos fundamentais do sikhismo. Era o de que não existe nenhum deus maometano, nenhum hindu, mas apenas um único Deus verdadeiro.

No **Granath**, a Bíblia Sikh, escrita na maior parte em sânscrito, afirma-se que Deus é um poder, uma força que penetra todas as coisas. Nesse sentido, o sikhismo se inclina para o hinduísmo. Mas também está dito que a Divindade será chamada de **Sat Nam**, o Deus verdadeiro, e Ele será sem nome. Ele não será

chamado **Brama** ou **Alá**, mas apenas o Deus verdadeiro. O homem não deve presumir que O conhece pelo nome. Também está dito que o mundo, tal como o percebemos objetivamente, é uma ilusão, que não podemos conhecer verdadeiramente a natureza do mundo e, portanto, que o conhecimento terreno é fugidio e inseguro. O único verdadeiro conhecimento consiste em conhecer a Deus, em ser absorvido na Consciência Divina que, podemos dizer, equivale a alcançar um estado de Consciência Cósmica. Certamente foi aqui que o sikhismo **tomou emprestado** o ocultismo, pois afirma que existem certas práticas psíquicas às quais o indivíduo, o devoto, tem de recorrer antes que possa alcançar aquela absorção na Consciência de Deus. Essas práticas psíquicas são leis ocultas, em geral não conhecidas ou percebidas pela maioria, e o devoto tem de aprender essas coisas. Os mestres sikh, conhecidos como gurus, é que as ensinam.

Como dissemos, o ocultismo é freqüentemente confundido com magia, e para melhor compreender nosso caminho é aconselhável que o diferenciemos da magia. A magia confirma e requer uma crença em agentes independentes, entidades que existem no universo. Segundo a magia, essas entidades são inteligências invisíveis, capazes de exercer determinadas influências. Afirmar-se que algumas delas são influências benéficas; outras, maléficas. Dizem que elas residem em coisas animadas e inanimadas — isto é, coisas vivas — e pedra e grãos de areia têm essas propriedades ou qualidades mágicas.

Essas inteligências mágicas não têm nenhuma unidade de propósito. Cada uma exerce seus poderes teúrgicos arbitrariamente, conforme os caprichos e fantasias atribuídas a esse ou àquele elemento mágico. Por conseguinte, afirma-se que os seres humanos estão à mercê, desses poderes, e que o infeliz que acredita neles é constantemente obrigado a invocar um processo mágico contra outro, para

contrabalançar essas forças que ele acredita existirem, a fim de que possa gozar paz de espírito. Mas o que dizer do ocultismo? O ocultismo afirma que só existe um sistema de leis em todo o universo, uma grande inteligência governante, e que todas elas funcionam construtiva e criativamente. O homem não está à mercê dessas leis a menos que lhe dê as costas — que se recuse a reconhecê-las.

Existe também o que se conhece por filosofia hermética ou **hermetismo**. Deveríamos conhecer algo a seu respeito para nos orientarmos ainda mais em nossos estudos místicos. O hermetismo é freqüentemente confundido com métodos e práticas destinados a despertar talentos ou poderes latentes que o homem possui, o que naturalmente, é ocultismo. Assim, para muitos, o ocultismo e o hermetismo são idênticos, o que não é verdade. Hermetismo, em geral, significa aquela sabedoria, aquela gnose, que é atribuída a um personagem conhecido como Hermes Trismegisto. Mas a filosofia hermética hoje em dia é eclética. Ela tomou emprestado e incorporou antigas doutrinas, o neoplatonismo, o estoicismo, o gnosticismo e elementos do cristianismo, várias das quais nunca tiveram qualquer lugar no hermetismo original.

Alguns dizem que jamais houve um personagem chamado **Hermes Trismegisto**; outros afirmam que ele viveu antes de Platão, antes dos Sete Sábios — um dos quais era Tales — e mesmo antes de Moisés. Contudo, Hermes é o nome que os gregos atribuíam ao deus egípcio ou personagem lendário conhecido como Tote. O título Trismegisto, em grego, significa **Três Vezes Grande**, ou o Grande Grande Grande. Inscrito na Pedra de Roseta, em língua demótica, está o nome de Tote — a quem os gregos chamavam **Hermes** — e a afirmação de que ele era o Grande Grande Grande. Os egípcios o caracterizavam como uma figura humana

com a cabeça de um íbis, um pássaro egípcio que costumava, e ainda costuma, chapinhar nos pântanos ao longo de Nilo.

Os gregos, em seus textos antigos, diziam que Tote, chamado **Hermes**, era a fonte principal de toda sabedoria, uma espécie de fonte do conhecimento. Eles o chamavam de Pai da Filosofia. Os egípcios, em seus textos antigos, referiam-se a Tote como o senhor dos livros e diziam ser ele o inventor da ciência dos números — isto é, da matemática — e que ensinara os homens a falar e, além disso, lhes ensinara a escrita demótica. A mais antiga escrita egípcia era o hieróglifo, ou escrita sagrada, feita por meio de imagens, e diz-se que Tote ensinou a escrita demótica, semelhante à da maneira como agora escrevemos, a fim de que o homem dispusesse de muitos signos para referir-se a coisas diversas. Atualmente, muitos são os relatos literários atribuídos ao hermetismo. Existem citações declarando que ele, Hermes, ou Tote, foi o autor de milhares de obras, enquanto fontes fidedignas afirmam que ele escreveu quarenta e dois livros e que estes tinham seis partes: uma sobre astronomia, outra sobre a ciência da escrita, ainda outra sobre religião etc.

Mâneto, o grande historiador egípcio do século III a.C., cujas obras vêm sendo, desde então, traduzidas, por algum tempo, na Antigüidade, foi considerado personagem lendário, mas, mui significativamente era conhecido como a Verdade de Tote, o que, na qualidade de Primeiro Sacerdote de Tote, simbolizava ser ele professor da sabedoria daquele grande personagem. Nos escritos de Mâneto, verificamos que ele recebera ordens de Ptolemeu Filadelfo (Ptolemeu II), que dirigia a grande escola de saber e a biblioteca da antiga Alexandria, no sentido de recolher, para aquela biblioteca, a vasta sabedoria dos antigos egípcios. Mâneto apresentou a Filadelfo os livros sagrados de Tote, um dos quais é conhecido como **O Pastor do**

Homem, sendo interessante notar-se que uma frase daquele livro antecipa uma afirmação do Livro do Gênese, isto é, que Deus criou o homem à Sua semelhança.

Nos registros inscritos nos monumentos de pedra do Egito, nos túmulos e templos, encontramos muitas referências a Hermes, ou Tote, como o chamavam, e diz-se que a sede principal da escola de Tote, onde sua sabedoria era transmitida, ficava em Khemennu, que os gregos mais tarde chamariam de **Hermópolis**, ou Cidade de Hermes. Diz-se que essa escola se situava num **lugar em terra alta** onde Ra, o sol, primeiro tocava, ao nascer, no Leste. Naturalmente, o fato é alegórico porque esses registros dizem ainda que a escola era um local de **iniciação** para os candidatos à escola do mistério. Durante a iniciação, os candidatos subiam a montanha da sua natureza interior, sua consciência interior, e quando chegavam ao topo, o sol **espiritual** os tocava. Em outras palavras, quando alcançavam no seu íntimo um estado de Consciência Cósmica, eram, então, banhados em iluminação ou compreensão espiritual.

A história profana ou geral, em todas as suas pesquisas, não consegue apresentar nenhuma razão para Tote e Hermes serem chamados de Três Vezes Ilustre ou Três Vezes Grande. Os registros rosacruz, que são uma continuação e perpetuação daquele conhecimento transmitido para a Ordem do Velho Mundo, dizem-nos que houve **realmente** um personagem chamado Hermes ou Tote. Ele não era um deus, mas um grande sábio, e nasceu em Tebas, a antiga capital do Egito, em 1339 a.C., alcançando uma idade provecta. Recebeu o título de **Três Vezes Ilustre** porque participou da organização da grande escola de mistério, teve a experiência de ver o ilustre Amenhotep IV iniciado como o Grande Grande Mestre e, ainda, teve a experiência de ver o trabalho perpetuado, ajudando-o na iniciação do sucessor de Amenhotep IV.

Muitas pessoas usam erroneamente **metafísica** como um termo genérico para tudo abranger, para incluir vários assuntos que deveriam ser classificados como ocultismo, esoterismo, hermetismo, ou algum outro ramo do conhecimento. É bom que saibamos a verdadeira natureza da metafísica. O termo foi originalmente cunhado ou inventado por Aristóteles. Essa grande mente enciclopédica percebeu que era necessário classificar os ramos do conhecimento humano de modo que pudessem ser estudados mais facilmente; dedicou-se à sua realização e por isso a Humanidade lhe deveria ser eternamente grata. Deu vários nomes a esses diferentes conhecimentos, muitos dos quais ainda hoje usamos, como **psicologia** e a palavra **física**, que na época incluía toda a ciência material. Chegou mesmo a inventar um método de raciocínio formal para ajudar a compreensão dos fatos. A isto deu o nome de lógica, nome que ainda usamos para o método. À metafísica, Aristóteles deu o significado: literalmente o que está além do físico, em contraposição à classificação do conhecimento material a que chamou de **física**.

Entretanto, na Antigüidade, e hoje em dia, metafísica refere-se às primeiras causas, aos primórdios **primários das causas**. Agora, as causas pelas quais a metafísica se interessa não são pragmáticas. Elas não são causas materiais ou mecânicas, tais como a ciência investiga ao examinar um fenômeno físico; são, antes, causas racionais, concebidas pela mente, em seu processo de raciocínio. A metafísica é um conhecimento **a priori**. É um conhecimento que, partindo do geral, procura explicar o particular. É um conhecimento que começa na mente e não fora dela; é um produto do raciocínio ou da abstração pura.

Talvez possamos compreender melhor o que é a metafísica, enumerando alguns dos tópicos pelos quais se interessa. A metafísica tem um grande interesse na substância primária do universo. Do que é que todas as coisas vêm? Qual é a

causa subjacente em todos os fenômenos? Qual é a relação entre todas as coisas? A metafísica inclui a ontologia: a natureza do ser; mas o que é o puro ser? Se tudo for reduzido ao seu estado fundamental, pode haver o **não-ser**, ou a ausência de existência?

A ciência, por exemplo, reconhece e ensina a evolução. Também os rosacruzes reconhecem aspectos da doutrina que se referem às leis naturais. A ciência estuda o modo pelo qual a evolução funciona. Por outro lado, a metafísica pergunta **por que** deveria haver evolução, qual é o princípio motriz por trás dela, por que as coisas deveriam evoluir sucessiva e relacionadamente, de um estado simples para outro, supostamente superior? A ciência diz, "*eis aqui como isto funciona*", mas a metafísica procura saber por que funciona assim.

A ciência rosacruz procura unir o homem ao seu propósito Divino. Se seus membros buscam apenas um aspecto, acabam, unicamente, tangenciando a questão. Eles têm de ser trazidos de volta para o todo. Assim, os rosa-cruzes evitam ter qualquer preferência por um determinado atalho, de modo a não serem afastados da verdade, em sua ascensão. Investigam todos os caminhos e esta é a razão pela qual a ciência rosacruz procura incluir todos os ramos **testados e comprovados** do conhecimento. Não importa que direção tome nosso pensamento, é preciso ter certeza de que ele volta ao tronco principal; do contrário estaremos nos opondo ao propósito filosófico — a unidade de todo o conhecimento.

O homem não está livre para dedicar todos os seus esforços à busca dos seus ideais. Ele também tem de combater as fraquezas da sua natureza. São essas fraquezas que examinaremos a seguir.

Capítulo XVII: ILUSÕES DO ESPÍRITO

A verdade nem sempre traz uma satisfação imediata. A sua compreensão muitas vezes é bastante desconcertante. Ela pode causar um reajuste perturbador em nossas atividades. Por conseguinte, procurar, ou pelo menos abraçar, uma verdade, muitas vezes requer **coragem** e **sacrifício**. Embora muitas pessoas afirmem um desejo pela verdade, suas declarações partem mais dos lábios do que do coração. Quando confrontadas com uma verdade que requer um abandono dos modos costumeiros de crença e vida, elas, muitas vezes, se lhe opõem; preferirão uma hipocrisia ou um auto-engano porque lhes é familiar, ou porque requer menos esforço.

Muitas vezes a verdade que, de repente, nos é jogada, não é tão atraente ao eu emocional quanto alguma fantasia. Muitas pessoas se apegam a superstições somente porque intrigam a imaginação e são rodeadas por uma atmosfera de romantismo, que a crueza da verdade que as desmascara não possui. Em resumo, pessoas há que preferem um mundo, uma existência das suas próprias explicações, mesmo que sejam contrárias aos fatos. Muitas dessas pessoas são estudantes de misticismo e dos fenômenos psíquicos. Na realidade, elas não deveriam ser chamadas de estudantes, pois são apenas diletantes de assuntos vários. Gostam de alimentar sua curiosidade, de residir no círculo **externo** do mistério, com a excitação e o **suspense** que ele oferece. Por exemplo, comparecem a sessões espíritas e ouvem as supostas comunicações dos que já foram para o além. Mostram-se visivelmente amedrontadas e impressionadas com uma aparente manifestação ectoplásmica de uma **alma**, numa sala escura. Adoram interpretar as impressões de natureza visual ou auditiva que possam ter, como um Mestre

Cósmico que vem transmitir-lhes sabedoria diretamente. Insistem que toda a luz que vêem, e que lhes parece não ter correspondência na realidade objetiva, é de origem psíquica. Elogiam todo livro ou orador que confirme suas opiniões. Apreciam profundamente as suposições, e **são suposições**, pois essas pessoas não têm um laivo de verdade para corroborar a maioria das suas conclusões.

Muitas, na realidade, não formularam um sistema de premissas racionais pelas quais possam explicar que suas experiências são místicas ou exclusivamente psíquicas. O mais lamentável é seu antagonismo a qualquer análise racional do que alegam. Recusam-se abertamente a participar de quaisquer experiências ou discussões que possam provar facilmente que suas experiências psíquicas, na realidade, não são de origem psíquica, e sim ilusões óticas ou reações fisiológicas ou psicológicas ao ambiente, que qualquer um pode ter em condições semelhantes.

Já presenciei pessoas saírem indignadas de uma reunião pública, porque um conferencista inteligente tentou mostrar que cada visão olhada numa bola de cristal, por exemplo, não é uma adivinhação nem necessariamente uma experiência mística. Para outros, mais tarde diriam ser o orador um **materialista** que não estava preparado para as **verdades superiores**. Por verdades **superiores**, referem-se às muitas concepções falsas que desejam pessoalmente acalantar. Uma verdade superior, se nos referimos a um princípio Divino, resistirá à maioria dos escrutínios analíticos, sejam eles materialistas ou científicos, e, em virtude mesmo desses exames, é mais forte em seu efeito sobre nossa mente. A pessoa que não permite que aquilo que concebe como leis místicas ou espirituais seja submetido à prova ou experimentados, ou pelo menos examinado de maneira franca, está fixando sua mente no que deseja crer e, portanto, rejeitando o que talvez seja realmente verdadeiro.

A declaração, feita por um conferencista, de que algo não é um fenômeno psíquico, assim como a opinião que se tem a respeito, não deve, naturalmente, ser aceita por si só. Se, contudo, ele demonstrar que se pode obter os mesmos resultados de um modo físico ou psicológico, e se se é realmente um **investigador da verdade**, admitir-se-á prontamente o engano. Ninguém desejará conferir a um fenômeno estritamente físico a designação de **psíquico** ou **místico** se não o é. Por analogia, vamos supor que alguém nos mostre uma barra e declare ser ela feita de ouro. Examinamo-la atentamente, mas, devido à nossa limitada experiência com metais, ela nos parecerá ser de ouro. Suponhamos que, mais tarde, um químico e ensaiador de renome, por meio de análise espectroscópica, nos mostrem que a barra, na realidade, **não** é de ouro, mas apenas revestida de uma liga. Ficaríamos indignados ante a revelação? Mostrar-nos-íamos inflexíveis e insistiríamos que ela é de ouro, apenas para não abrir mão de nossa própria opinião errônea, e continuaríamos a nos iludir? Não creio. Talvez ficássemos desapontados, mas agradecidos por saber a verdade e aprender o modo de determinar o ouro verdadeiro. Logo, da mesma forma, se aquelas experiências que acreditamos serem psíquicas ou místicas não conseguem resistir ao teste dos exames justos e liberais, abandonemo-las como tais. Dediquemos nossos esforços à busca e ao estudo do genuíno. Ponhamos nosso afeto e dediquemos nossa devoção à verdade, não a quimeras.

Repetimos que, se os interessados em **misticismo, metafísica e ocultismo** dedicassem algum estudo à ciência básica, física e psicologia de preferência, eles tirariam muito mais proveito dos seus estudos esotéricos. Carecendo de conhecimento, mesmo elementar, das ciências acima, não estão preparados para reconhecer os verdadeiros princípios e manifestações ocultos ou

místicos. Muitas vezes desperdiçam anos de vida se enganando, acreditando que algumas das suas reações são de origem Cósmicas, quando são, sem dúvida, puramente psicológicas ou físicas.

É por esta razão que os ensinamentos rosacruz também incluem e acentuam o estudo dos princípios e leis da Natureza, conforme se manifestam nas várias ciências físicas. Como também estudamos nosso ser físico e o mundo físico, sabemos a que partes da escala das manifestações Cósmicas atribuir aquilo que experimentamos.

Permitam-me citar um **caso real** de como pessoas, bastante inteligentes, sinceras em seu desejo de aprender os princípios místicos e metafísicos, iludem-se pela falta de conhecimento das leis básicas e elementares das ciências físicas. Certa vez, uma senhora escreveu dizendo: *"Tenho uma pequena sala em minha casa, destinada às minhas devoções. Observo que, quase imediatamente após a oração, nessa sala, meu corpo fica excepcionalmente carregado de algum tipo de energia Cósmico Divina. Ela salta do meu corpo quando me aproximo da porta para sair da sala. Isto não ocorre em qualquer outra sala da casa. Além disso, observo que, se realizo um certo ritual, a energia torna-se mais intensa. Este ritual consiste em andar ao redor da sala três vezes, olhando, cada vez, durante alguns segundos, para um dos pontos cardeais e fazendo um sinal simbólico. Uma vez, estava apressada devido à premência de questões pessoais e omiti esse ritual. Minha consciência me incomodava por tê-lo negligenciado. Ao sair da sala, não houve a energia que normalmente saltava dos meus dedos para a porta, numa distância de cerca de dois centímetros. Outra vez, me convenceram a tirar as cortinas dessa sala de devoção e mandá-las, juntamente com o tapete, para a lavanderia. No íntimo, senti que era um sacrilégio, isto é, uma perturbação temporária desse lugar que me era sagrado.*

Estou convencida de que imediatamente sofri uma espécie de castigo. Durante esse intervalo, até o retorno das cortinas e do tapete, não observei a descarga de energia dos meus dedos, por mais demoradas que fossem minhas devoções".

Eis aí uma situação difícil. Dizer francamente àquela mulher que ela estava se enganando a si mesma, que não havia relação alguma entre a energia descarregada e qualquer profanação da sala ou negligência do ritual a teria ofendido. Teria perturbado a sua confiança em nós. Além disso, ainda não tínhamos informações concretas suficientes para comprovar nossa teoria das causas físicas da sua experiência. Escrevemos-lhe e pedimos uma descrição do tapete e da porta, e fizemos várias perguntas sem qualquer relação àquelas coisas, de modo a que ela não desconfiasse que estávamos fazendo uma análise inteiramente científica da sua experiência. Ela cooperou. Explicou que o tapete era oriental, de belo colorido, e com pêlos altos. Fora feito na Índia e era presente de seu irmão, engenheiro naquele país. Como a sala da devoção era pequena, o tapete cobria inteiramente o assoalho. A sala, anteriormente, fora usada pelo seu irmão como laboratório e o lado interno da porta era revestido de metal laminado, com acabamento imitando madeira.

Sem dar a impressão de estarmos nos afastando do assunto, pedimos-lhe que realizasse uma pequena experiência para nós. Perguntamos se havia outra sala do mesmo tamanho e com uma porta com maçaneta de metal. Ela disse que sim. Era um quarto de serviço, junto da porta de serviço do seu apartamento. Pedimos que colocasse o tapete naquela sala e realizasse ali o seu ritual.

Em seguida, que ela deixasse a sala e observasse o que experimentaria. Pedimos-lhe, então, que retirasse o tapete da sala e repetisse o mesmo ritual e saísse e, que também nos contasse sua experiência.

Depois de um tempo, ela nos mandou um relatório. A princípio, depois de realizar o ritual circum-ambulatório, isto é, de andar à volta do quarto sobre o tapete, ela notou a descarga de energia ao sair dali. Na noite seguinte, ela retirou o tapete, e com a mesma roupa que usara na noite anterior, repetiu o ritual; não observou nenhuma descarga de energia, muito embora o ritual fosse repetido duas vezes. A mulher estava, agora, bastante confusa. A experiência o convencera de que, de algum modo, o tapete era a causa da energia dos seus dedos. Ela era inteligente; não acreditava que o tapete estivesse impregnado de qualquer força sobrenatural. Portanto, sem preconceitos, ela pediu uma explicação. Foi-nos fácil esclarecer, então, o fenômeno físico natural da eletricidade de **atrito** ou **estática** que ela produzia em si mesma.

Já em 600 a.C., Tales, o filósofo grego, descobrira que o âmbar, quando esfregado com lã, atraía pedacinhos de palha e outros objetos leves. Sabemos, agora, que muitos objetos de naturezas diferentes, quando esfregados, produzem o mesmo efeito. Objetos que adquirem essa propriedade de atrair outros objetos diferentes, quando esfregados um no outro, são ditos **eletrificados**; isto é, possuem uma carga elétrica. Os corpos que conservam a carga elétrica neles produzida — isto é, esta que não a deixam escapar — são chamados de **isolantes**. As substâncias que conduzem cargas elétricas são chamadas **condutoras**. Todas as substâncias de metal são condutoras. A mulher, ao andar à volta da sala, estava esfregando a sola dos sapatos de couro no pêlo alto do tapete. O atrito produzia uma carga elétrica em seu corpo. Essa eletricidade estava **em repouso**, ou estática, porque não podia escapar do seu corpo, o qual funcionava como isolante.

Entretanto, quando estendia a mão para segurar a maçaneta da porta, sendo o metal um **condutor** de eletricidade, atraía a corrente dos seus dedos. Esta

saltava no espaço entre a mão e a porta e, naquele momento, tinha uma sensação de picada na ponta dos dedos e via a descarga elétrica, na forma de pequenas luzes azuladas.

Quando a mulher não realizava o ritual, isto é, não andava pela sala, o atrito era **insuficiente** para gerar corrente elétrica em seu corpo. Também, quando o tapete foi retirado da sala, não houve geração de eletricidade estática suficiente. Durante um período considerável, aquela mulher (e muitas outras que realizam experiências reais semelhantes) iludiu-se na crença de que estava vivendo um fenômeno psíquico, em lugar de uma demonstração de forças físicas ordinárias. As semanas e anos durante os quais essas pessoas contentaram-se em crer que esses efeitos tinham origem Divina, poderiam ter sido dedicados ao estudo daquilo que realmente se relaciona aos princípios mais profundos e infinitos do Cósmico. Não nos fixemos numa explicação de um efeito que sentimos, até que tenhamos, primeiramente, esgotado todos os canais de investigação e informações.

À guisa de orientação, apresentamos as seguintes definições de fenômenos místicos e psíquicos, pois os dois muitas vezes são confundidos. Quando compreendidos, não podem ser confundidos com fenômenos de natureza puramente objetiva.

MÍSTICOS:

- A. Qualquer fenômeno que seja a consequência da consciência que o homem tem do Cósmico, ou Mente Divina, através do eu; de igual forma, qualquer princípio pelo qual tal possa realizar-se.

B. No sentido mais estrito, uma experiência **mística** envolve uma união da consciência mortal com a Mente Divina, ou Cósmico, por um período de tempo variável. Relatados adiante efeitos que, em parte, ou como um todo, resultam dessa experiência:

NOÉTICO: Iluminação, isto é, um influxo de conhecimento que transcende o que o indivíduo tem normalmente. Tal conhecimento sempre favorece os mais elevados ideais morais que o indivíduo é capaz de ter.

FÍSICO: Experiência individual de grande exaltação ou êxtase. Sente-se como se estivesse na presença da sua concepção do Divino.

PSICOLÓGICO: O recipiendário da experiência fica permanentemente, ou por algum tempo após a experiência, livre de todos os temores habituais. Suas decisões morais e sua autoconfiança recebem valioso impulso.

C. Evidentemente, para a mente, a **iluminação** tem de tomar a forma de impressões visuais ou auditivas. Tais impressões são auto-suficientes. Não necessitam esclarecimentos maiores pois, de outra forma, não seriam iluminadoras. Quando o indivíduo esforça-se para obter interpretações ou quando sente medo ou conflito com seus valores morais, a sua experiência não é mística.

PSÍQUICAS:

- A. Qualquer fenômeno que não pode ser atribuído às faculdades físicas ou objetivas do homem e que, sensatamente, pode ser considerado como derivado do Cósmico ou do eu espiritual do homem; da mesma forma, quaisquer princípios pelos quais ele é realizado.
- B. É evidente que antes de se atribuir qualquer origem psíquica a um fenômeno, deve-se fazer uma busca minuciosa de todas as possíveis causas físicas ou, do contrário, o indivíduo pode iludir-se. Uma experiência psíquica se assemelha muito às experiências objetivas, no sentido de que suas sensações podem corresponder às sensações de uma experiência física. As experiências psíquicas podem ser divididas em dois tipos gerais:

PRIMEIRO: Aquelas nas quais se está consciente, em todos momentos, de que se é o recipiendário das impressões que chegam. Em tais casos, é como se o indivíduo se transformasse em espectador a observar uma seqüência ordenada de acontecimentos, isto é, uma coisa seguindo-se corretamente à outra, como causa e efeito.

SEGUNDO: Experiências nas quais se está consciente, em todos os momentos, de que se é o motivador ou agente motor; por exemplo, quando se está momentaneamente cômico de que o eu está distante de onde se encontra nosso corpo. Em tal caso, está-se consciente de que o eu é a causa do que está ocorrendo.

- C. Os verdadeiros fenômenos psíquicos têm os seguintes efeitos sobre quem os experimenta:

MENTAL: Aquilo que é sentido é bastante compreensível, na medida em que é perceptível. Como ficou dito mais atrás, as coisas que ocorrem têm uma ordem inteligível e, com freqüência, dão origem, subseqüentemente, a idéias inspiradoras. Entretanto, a razão para a experiência ou o meio pela qual ela é percebida, nem sempre é imediatamente evidente e pode exigir experiências pessoais ou estudos subseqüentes. **Por conseguinte, nenhuma interpretação por parte de outra pessoa, pode ser considerada válida.** Naturalmente, quando o indivíduo é o agente motor ou intencional — em outras palavras, provoca o fenômeno — ele conhece a razão da experiência.

PSICOLÓGICO: Quando se tem medo de uma experiência psíquica verdadeira, não é porque os elementos da manifestação ameaçam o bem-estar do indivíduo, mas somente porque o indivíduo teme a estranheza do acontecimento. Contudo, qualquer experiência que, pelos seus incidentes, induza temor no recipiendário por sua própria pessoa ou castidade, **não** é de origem psíquica, no sentido Cósmico ou espiritual.

FÍSICO: O indivíduo pode, imediatamente após, experimentar um estado altamente emocional durante alguns minutos, como ocorre, quando se presenciou, por exemplo, um acontecimento emocionante. A reação emocional não será desagradável e, muitas vezes, estimulará as faculdades intelectuais. Inversamente, com mais freqüência experimenta-se uma equanimidade e total relaxamento.

D. Experiências assustadoras que não têm origem aparentemente objetiva, e que são temíveis em seus elementos e parecem ameaçar o bem-estar **mental, moral e físico** do indivíduo, ou que o atribulam ou perturbam repetidamente, se devem a sonhos, desordens físicas ou aberrações mentais. De modo algum devem ser consideradas verdadeiras experiências psíquicas, no sentido oculto. Além disso, as pessoas que as têm, provavelmente, estão doentes e precisam dos cuidados de um médico.

Capítulo XVIII: SUPERSTIÇÃO

Deve-se compreender que a superstição jamais existe onde as causas reais de uma coisa ou condição são conhecidas, ou onde o fato pode suplantar a suposição. Logo, a superstição nasce da ignorância e floresce com o medo. Tomemos o exemplo da superstição comumente aceita, entre certos povos, de que um espelho quebrado traz sete anos de azar, para quem o quebrou. Na realidade, essa crença sobrevive há séculos. Remonta à época dos espelhos de bronze, delicadamente manufaturados e polidos, que também podiam quebrar, caso caíssem. Está, também, enraizada na velha crença religiosa de que a sombra ou reflexo de um rosto humano era a forma etérea da alma, e quebrar o que refletia um rosto humano, ou a forma da alma, era fazer recair sobre si mesmo o castigo de sete anos de infortúnio. É fácil compreender esse raciocínio porque, em primeiro lugar, não havia desejo de se duvidar do preceito religioso, em que a superstição se baseava — isto é, que a sombra ou reflexo do rosto era, na realidade, a alma. Sendo a alma Divina, seguia-se naturalmente que qualquer coisa que a maculasse redundaria em castigo para o culpado ou descuidado. Se tivesse sido possível provar que tais reflexos não estavam relacionados com a alma, a suposição e superstição não teriam surgido.

As superstições nascidas de interpretações de dogmas e credos religiosos são as mais difíceis de se extirpar. Qualquer tentativa de refutá-las se reflete sobre os preceitos religiosos do indivíduo e provoca uma reação hostil que, pelo menos para ele, justifica seu apoio continuado à superstição. As superstições religiosas só podem ser eliminadas pela evolução pessoal do indivíduo — isto é, no momento em que ele busca conceitos mais altos, devido a um impulso interior e, depois de compreendê-los e sendo convencido, vê as falhas de suas superstições

anteriores e, por sua própria decisão, tem coragem suficiente para abandoná-las. Porém, muitas superstições não têm quaisquer fundamentos na religião. Tomemos, como exemplo, os modernos costumes de se usar talismãs. É a crença aceita por milhões de que algum artigo, portado ou usado pela pessoa como amuleto, transmite determinadas de suas condições ao portador ou lhe trará boa sorte. O que faz com que alguns desses amuletos sejam tão venerados e tradicionalmente aceitou, ainda hoje — tal como o pé de coelho, por exemplo seria uma questão de especulação; contudo podemos compreender facilmente como surgiram, comparando-as com a origem das nossas crenças talismânicas mais modernas.

Por exemplo, um homem caminha por uma rua e sua atenção é atraída por algo brilhando ao sol, talvez na sarjeta. Ao pegá-lo, verifica ser um pequeno disco metálico, um tanto parecido com uma moeda. Por instantes, hesita e se interroga se deve ou não destruí-lo, pois não tem valor intrínseco — na realidade, é inútil. Mas o fato de que ele o fez parar e examiná-lo, e a percepção de que se assemelha a uma moeda, fá-lo eventualmente guardá-lo no bolso, sem maiores preocupações. Até aqui, essas ações são muito comuns e não indicam qualquer tendência para a superstição; são coisas que qualquer um de nós faria em iguais circunstâncias. Suponhamos, contudo, que durante o dia seguinte ao achado do disco, aquele indivíduo seja testemunha de vários acontecimentos favoráveis notáveis e inesperados; a inclinação natural seria tentar buscar a causa do acontecimento ou acontecimentos — o que os ocasionou — e se nenhuma razão lógica se tornasse aparente, uma pessoa crédula começaria, então, a buscar além do natural, ou, em outras palavras, algum motivo sobrenatural que causasse a boa sorte.

O fato de que o indivíduo não pode encontrar uma causa natural para sua boa sorte, naturalmente não determina, de modo algum, a existência de uma causa sobrenatural. Pode ser que ele não seja observador e nem capaz de perceber os fatores que lhe trouxeram a boa sorte; não obstante, sendo crédulo, atribui sua boa fortuna ao sobrenatural. Mas temos de lhe dar algum crédito, por procurar justificar sua crença no sobrenatural. Vasculha sua memória à procura de um incidente ou sinal que tenha ocorrido recentemente e pareça relacionado com a sua boa sorte. Recorda-se, por fim, do disco de metal brilhante encontrado no dia anterior e o fato de que ele atraiu sua atenção e se assemelhava a uma moeda parece-lhe estranho. Logo, a mente, agora, compreende tudo aquilo como de alguma importância. O raciocínio que se segue é de que, por certo, não foi coincidência o fato de haver encontrado o disco de metal — devia haver alguma intenção em tudo aquilo. Deve ter augurado alguma coisa e, naturalmente, concorda que aquela alguma coisa foi sua recente boa sorte. Daí por diante, aquele disco se transforma em seu talismã — sua moeda **da sorte**. Contará o incidente a outros, com toda sinceridade, e lhes dirá como o disco lhe trouxe a boa sorte.

Psicologicamente, essa superstição afeta de maneira estranha o raciocínio de uma pessoa. Toda vez que segura ou afaga, ou beija o talismã, e deseja que este lhe traga boa sorte, se recebe as coisas, materiais, ou nas circunstâncias que desejou, o talismã recebe o crédito, por tudo. Por conseguinte, a crença na superstição é fortalecida. Por outro lado, quando o amuleto falha, como freqüentemente acontece, desculpa o fracasso e dá a si mesmo alguma boa razão para a não realização do desejo. Em outras palavras, o devoto do talismã reluta em abandonar sua crença.

Quase todo piloto profissional de corridas de automóvel, quando numa competição, porta algum amuleto que, segundo espera, lhe trará **sorte** e o fará vencer. Na verdade, muito poucos dirigem sem esses amuletos. Já me disseram que numa corrida com doze carros participantes, dez dos motoristas portarão alguma peça de **sorte** ou amuleto, no qual têm a máxima confiança. Contudo, somente **um** dos doze pode vencer! Seria interessante saber como os demais explicam o fato de que o talismã parece ter mais eficácia quando perdem a corrida ou nela se acidentam.

Quase todo homem acredita que nada realmente **acontece por acaso** e que existe uma causa para todas as coisas, conhecida ou desconhecida do homem. Se o homem compreende a causa, ele tenta utilizá-la ao máximo ou procura evitar seus resultados, se os considera perigosos ou prejudiciais. Quando, contudo, não consegue perceber ou compreender a causa, ainda, assim, não declara que a ocorrência foi um acidente. Em vez disso, a atribui, com mais freqüência, a uma **causa desconhecida**. Porém, a menos que seja bastante inteligente, na maioria das vezes, atribui as causas desconhecidas a poderes sobrenaturais; isto é, se não pode perceber uma causa ou compreendê-la, em sua opinião, ela deve pertencer a outro mundo ou esfera de influência. Nisto vemos, também, o ego do homem. Este teme e respeita as coisas que não pode compreender ou dominar. Se acontecem eventos que lhe são favoráveis e estão relacionados com algum incidente que, por falta de compreensão, considera sobrenatural, esse incidente torna-se, então, um sinal ou augúrio de bem. Por outro lado, se as circunstâncias lhe foram desfavoráveis, então, o incidente é considerado como presságio do mal, e sempre que tornar a ocorrer, será considerado um sinal agouroso. Como vimos, algumas coisas, na mente dos homens, parecem assumir certos poderes sobrenaturais. Assim, contas, moedas,

selos, pedras de forma peculiar, e até mesmo costumes, como o de jogar sal pelo ombro esquerdo, ou acontecimentos como passar sob uma escada ou um gato preto cruzar o caminho, tornam-se superstições.

Muitas pessoas praticam suas superstições privadamente, porque nem mesmo em seu próprio raciocínio encontram lógica para corroborá-las, e ficariam constrangidas se outros soubessem que dão crédito a essas coisas. Mas tais pessoas são muito susceptíveis ao hábito e temem confiar em sua própria razão, porque acreditam que talvez a superstição tenha algo de verdadeiro e, preferem prestar-lhes homenagem a arriscar as conseqüências.

Não existe relação entre educação e ausência de superstição. Em outras palavras, aquele que é educado não está, de modo algum, livre de superstições. Pessoas muito cultas, das mais variadas profissões, são excessivamente supersticiosas, sobretudo porque não ponderam sobre o assunto e não analisam a origem dos seus efeitos sobre si e, por conseguinte, admitem os hábitos supersticiosos daqueles com os quais entram em contato. Por outro lado, o indivíduo realmente inteligente não pode aceitar a superstição. Sua base é por demais primitiva, por demais incoerente com o que hoje conhecemos como fato. Existem muitos profissionais que praticam pequenas superstições, mas que o fazem por hábito, não por crerem nos princípios em que a superstição se baseia. Se dedicassem algum tempo ao exame da origem dessas superstições, sem demora, as abandonariam.

O fetichismo é outra espécie de superstição. Em sua forma popular moderna, consiste em portar ou usar o pertence de um parente ou amigo querido que morreu, na crença de que esse artigo tem poderes que protegem quem o usa ou quem o possui. Todos nós temos sentimentos profundos, por coisas que nos foram

deixadas. Temos orgulho em usá-las, devido às lembranças que despertam. Esses pertences pessoais alheios, que decidimos usar ou portar, tornam-se um estímulo mental natural para nós, e não existe superstição nisso; mas muitas pessoas vão mais além. Acreditam que o objeto possui alguns dos atributos ou poderes do dono original, que agora são transmitidos ao seu usuário, e essa crença é, claramente, **fetichismo**. Passam a depender do objeto, que em si é uma coisa inanimada e material, para exercer alguma influência numa crise — realizar algo de algum modo misterioso que elas próprias não poderiam fazer. Para elas, o objeto que usam não é mais um símbolo ou uma bela sugestão e lembrança, mas, sim, uma coisa que realmente se tornou impregnada de um poder sobrenatural.

Portanto, temos de admitir que a superstição, ainda hoje, predomina e não há muita indicação de que esteja declinando. É bem verdade que alguma das formas mais antigas de superstição estão extintas, mas outras novas as substituíram, sendo a razão disso o fato de que as superstições nascem da mente humana. A mente que é susceptível a superstição criará seu próprio tipo, em qualquer época.

Para evitar sermos supersticiosos, o que temos de fazer, é, primeiramente, tentar compreender as causas das coisas; se não conseguirmos, não devemos presumir que conhecemos a causa. Tal presunção, sem base em fatos, é perigosa. Segundo, lembrar-nos de que não existe o chamado sobrenatural; há apenas as leis Cósmicas e naturais que existem por todo o universo. O sobrenatural é um termo inventado pelo homem, para explicar-se a si mesmo, ou tentar explicar o que não compreende. Lembremo-nos de que a música no rádio, saindo de uma pequena caixa quadrada, ou a voz humana que emana dessa caixa, para os aborígenes no interior da Austrália, é sobrenatural — por quê? Apenas porque

ignoram as leis naturais aí implicadas. Há tanta base para o sobrenaturalismo das nossas superstições existentes, hoje em dia, quando para a crença dos aborígenes de que a música, ou a voz, do rádio que ouvem é de origem sobrenatural.

Capítulo XIX: A NATUREZA DOS SONHOS

Os sonhos talvez sejam um dos mistérios mais antigos do homem. Talvez sejam, também, a primeira experiência que o homem teve da dualidade do seu próprio ser. Na verdade, alguns autores que escrevem sobre religião primitiva e psicologia da religião acreditam que o homem teve a idéia de alma e do eu interior através de suas experiências com os sonhos. Para a mente primitiva, os sonhos eram tão reais quanto o estado desperto. Os atos que ocorriam nos sonhos eram considerados como os de outro eu — um ser etéreo que se afastava do corpo para realizar os atos do sonho durante o sono. Portanto, não é estranho que surgissem superstições sobre sonhos, muitas das quais ainda persistem.

Nos tempos modernos, como resultado de experimentação psicológica, aprendemos muito sobre as causas dos sonhos. Sabemos que os sonhos não são de origem sobrenatural. Por outro lado, ainda não estamos certos quanto à causa exata de todos os tipos de sonhos. Sabemos que todos os objetos e ações apresentados num sonho são **simbólicos**; eles representam algo subliminar, algum pensamento ou vivência subconsciente. A dificuldade está em encontrar a relação entre os objetos de um sonho e o que os causou. Uma certa coisa ou conduta num sonho é um símbolo de algum pensamento ou experiência anterior, ou pelo menos associada a algum deles. Mas qual? Por que sonho que estou caindo? Qual é a causa de sonhar que estou voando apenas com o bater dos braços? O indivíduo supersticioso atribui augúrios aos elementos dos seus sonhos. Em outras palavras, ele os relaciona a algum incidente real, do qual tenta tirar um significado. Contudo, o psicólogo sabe que o estímulo real que causou o sonho pode ser muito diferente daquele que a mente pensante lhe atribui.

Muitos dos nossos sonhos são o resultado de estímulo sensorial — isto é, o estímulo dos nossos sentidos receptores, de tato, olfato e audição, enquanto estamos adormecidos. Tais sonhos são causados por agentes externos. O estímulo dos sentidos, durante o sono, não produzirá os mesmos resultados como quando se está desperto — apenas ideação fortuita pode ocorrer, causando sonhos. O corpo pode ser levemente tocado enquanto o indivíduo está dormindo. O estímulo não será suficiente para despertá-lo. A ideação ou as idéias que tem, como resultado dessa sensação, não serão exatamente as mesmas que teria caso estivesse desperto. Tais processos ideativos têm um baixo grau de integração, isto é, as idéias não são ligadas de um modo ordenado; elas são fortuitas, e isso explica a natureza peculiar do sonho. No estado desperto, se tivermos certas sensações das quais decorram idéias, seríamos governados pela lei da probabilidade; logicamente, rejeitaríamos certas idéias que nos viessem à mente por muito improváveis, como causa das sensações que tivemos. No estado de sonho, onde existe essa baixa integração, ou associação de idéias, a lei da probabilidade não existiria e quaisquer idéias resultantes do estímulo constituiriam nosso sonho. Citemos alguns exemplos. As sensações auditivas, enquanto a pessoa dorme, como o ruído de um caminhão distante, podem ser elaboradas num sonho de uma batalha ou de uma tempestade. Sensações cutâneas (da pele) às vezes dão origem a sonhos em que se vadeia água ou se está deitado ao sol. Algumas pessoas sofrem de ruídos na cabeça. Essas, ou sensações resultantes de mudanças circulatórias no ouvido, são interpretadas durante o sono como trovão, e a elaboração do sonho acrescenta relâmpagos e ventos.

Para a elaboração de um teste psicológico, analisaram-se setecentos e cinqüenta sonhos, em que se colocava papel gomado, de uma polegada quadrada

de superfície, sobre várias partes do corpo de um indivíduo adormecido. Vários sonhos foram o resultado das sensações recebidas dessa suave forma de estímulo. Uma fita gomada colocada na sola do pé provocou um sonho de dança. Por que ela causou um sonho de dança? Talvez devido a uma sensação anterior semelhante na sola do pé, depois de se dançar. Pelo menos alguma associação houve entre as idéias provocadas pelo estímulo do teste e outras oriundas de alguma experiência anterior.

O esfregar a mão de uma pessoa adormecida com algodão absorvente provocou o sonho de uma vaca lambendo a mão. Um frasco de assa-fétida, mantido nas narinas, provocou sonhos de um cavalo morto. Contudo, toda a excitação dos sonhos não se origina externamente. Muitos sonhos são causados diretamente por fortes estímulos subliminares, tais como aversão, medo e esperança. Esses, muitas vezes estão firmemente plantados em nossa mente subconsciente, muito embora deles não estejamos conscientes. Alguma experiência de infância, que nem é relembrada objetivamente, pode, anos mais tarde, com freqüência até, provocar sonhos temíveis. Certos elementos associados ao incidente original sempre aparecerão no sonho.

Um rapaz jovem e inocente, certa feita, quase se tornou culpado de ato de perversão sexual. Vários anos mais tarde, a plena compreensão daquele quase ato se lhe tornou clara. A lembrança lhe foi repugnante. Surgiu, também, o medo de que tais inclinações estivessem latentes dentro dele; embora, na verdade, não estivessem. Conscientemente, abominava e evitava qualquer conduta que pudesse conduzir ou se assemelhar a relações sexuais indecorosas. A aversão tornou-se anormalmente fixada em sua mente subconsciente. Acabou por transformar-se em medo arraigado. Daí por diante, freqüentemente tinha sonhos de atos sexuais

repugnantes, a própria conduta pela qual sentia tão forte aversão. Durante o sono, qualquer estímulo interno ou orgânico, capaz de despertar idéias sexuais, imediatamente lhe provocava sonhos relacionados com o seu complexo de medo.

Esses sonhos se repetiam, inevitavelmente, porque os elementos dos quais eles consistiam eram freqüentemente estimulados. A maioria dos pensamentos que temos é complexa; organizam-se consoante um composto de muitas idéias simples. Às vezes não percebemos todas as idéias que entram num pensamento que nos ocorre. Um pensamento pode consistir de idéias simples de cores, gostos e sons, ou de uma combinação dessas com outras idéias, como resultado de raciocínio e reflexão. Tomemos a idéia de uma **igreja**. Se a analisamos, verificamos que talvez consista não só das idéias visuais do próprio edifício, seu campanário e suas janelas góticas, mas também, do som de seus sinos, do perfume intenso das flores misturado com o cheiro de verniz e o bolor de um lugar mal ventilado. Por conseguinte, qualquer estímulo sensorial, que possa ser relacionado a uma dessas idéias associadas com a igreja, faria **toda** a imagem da igreja repetir-se no sonho. Numa das vezes, o estímulo pode ser apenas o som de sinos; noutra, uma fragrância, semelhante àquela da nossa associação.

Por que a maioria dos sonhos é desagradável? Este tem sido um dos problemas dos psiquiatras e psicólogos. Acho que podemos apresentar uma teoria lógica, mas é necessária, antes, a confirmação por meio de futuras experimentações. Na mente inconsciente, aquilo que produz a maior reação emocional causa a impressão mais duradoura. Este é um fato confirmado. Medos, aversões e esperanças profundas são acompanhadas por impulsos emocionais profundos, isto, em si, resultará, na maioria dos casos, em sonhos desagradáveis.

Quando os sonhos são provocados pelos desejos, freqüentemente são agradáveis, porque se referem à satisfação dos desejos.

Além disso, como dissemos antes, os sonhos consistem de uma ordem inferior de integração de idéias. Isto quer dizer que as idéias não são unidas de um modo racional consciente. Por conseguinte, os elementos dos sonhos muitas vezes são destorcidos, antinaturais e, portanto desagradavelmente perturbadores.

Capítulo XX: PREDIÇÃO

Perscrutar o futuro pessoal, em suas diversas formas, é uma armadilha perigosa, mas é, atualmente, um grande negócio. Anualmente, só nos Estados Unidos, milhões de dólares são gastos nessa busca. As despesas variam desde uma moeda de dez centavos, posta numa máquina automática para a obtenção de um horóscopo **pronto**, ao pagamento de cem dólares por uma **sessão especial**. Tais práticas não sugerem que as pessoas participantes são imbecis. Indicam, isto sim, o quanto os instintos estão profundamente arraigados. Fechemos os olhos de um indivíduo num lugar com o qual esteja bem familiarizado, e observemos sua hesitação em avançar corajosamente. Notaremos que, por precaução, ele estende os braços, às apalpadelas, como se quisesse evitar um possível obstáculo. O homem observador percebe que a sua situação na vida é semelhante a um estado de cegueira temporária ou permanente. Verifica que só tem consciência da sua existência presente. Onde está agora e os lugares onde esteve desde o nascimento, são as únicas realidades das quais pede depender. Onde ele, como entidade espiritual, existia antes do seu nascimento, de um ponto de vista religioso e místico, e onde ele, como um ser físico, estará no próximo mês ou no ano que vem, são fantasias no tocante às suas percepções e experiências atuais.

Milhões de pessoas hoje em dia, como em eras passadas, estão bem cômicas de como é inútil fazer planos. As realizações de hoje podem ser destruídas pelos acontecimentos imprevistos do amanhã. Portanto, assim como o indivíduo vendado estende as mãos para se proteger de um possível perigo desconhecido, também milhões tentam romper o véu do futuro, a fim de ter um vislumbre do que está à frente. Mesmo a revelação de apenas um ano, no futuro, seria, evidentemente, enorme vantagem para nos dar confiança e evitarmos possíveis

catástrofes. A adivinhação se apóia unicamente num só fator, quer seus seguidores o percebam ou não. O fator é o **determinismo** ou predestinação. É evidente que, a menos que um futuro tenha sido prescrito ou determinado antecipadamente para a Humanidade, seria absurdo procurá-lo. Por conseguinte, o sistema comum de adivinhação necessita da crença no fatalismo. Esse fatalismo consiste na crença de que o futuro do homem foi detalhadamente preparado para ele; em outras palavras, existe uma agenda para sua vida. Supõe-se que algum poder ou inteligência decretou o que lhe ocorrerá a cada hora, dia, ano, até que, no instante da morte, abandone sua consciência perecível.

Se o futuro nos fosse inteiramente favorável, seria realmente satisfatório e muito tranquilizador sabermos, com o passar de cada segundo, que nos estávamos aproximando dos nossos eventuais pontos culminantes. Contudo, o indivíduo só precisa olhar a própria vida, ou a de amigos e conhecidos, para ver que o destino nem sempre é um benfeitor. Portanto, um vislumbre do futuro, se possível, revelaria igualmente incontáveis sofrimentos, dores e tragédias. Melhor seria tal futuro permanecer oculto, pois a paz mental muitas vezes reside na ignorância do momento futuro.

O fato de que muitos procuram constantemente saber o que o amanhã revelará indica que, ou eles possuem espírito corajoso ou, possivelmente, acreditam que se pode evitar o que é desfavorável. Se o destino é absoluto e o curso da vida do homem, ou seu destino, lhe foi preparado de antemão e tem de segui-lo, assim como uma bola que rola pela pista de boliche, então, pouco lhe servirá sabê-lo antecipadamente. Tal conhecimento não possibilitaria uma fuga dos infortúnios, pois estes seriam o curso natural dos acontecimentos da sua vida. Por outro lado, se o homem pode exercer sua razão e poder mental, para corrigir e editar o futuro que ele

pode vislumbrar, então, o futuro não é absoluto e não lhe foi decretado em definitivo. Por analogia, se foi decretado que choverá na terça-feira e que eu me encharcarei no temporal, e que esse é meu destino, o seu conhecimento antecipado evidentemente não me será muito útil. Contudo, se foi decretado que possivelmente choverá na terça-feira e tal prognóstico não tem relação comigo, então eu sou um agente livre e, como tal, posso preparar-me, antecipadamente, para não ser surpreendido pela tempestade. Assim parece que os que recorrem aos diferentes sistemas de adivinhação acreditam que o futuro seja agente indireto. Em outras palavras, as coisas **podem** ocorrer, mas o indivíduo pode criar ou escolher um outro curso de acontecimentos.

Portanto, o indivíduo que é adepto dos métodos de adivinhação, baseados no sobrenaturalismo, e quase todos esses métodos o são, aceita, de antemão, que o plano da sua vida lhe foi preparado. Segundo, pode, se souber, ou submeter-se a ele ou mudá-lo à vontade. Não é preciso profundas elucubrações filosóficas para provar a falsidade de tal raciocínio. O homem ou cria seu próprio futuro através de seus próprios atos de participação ou omissão, ou o futuro é determinado para ele, e sua modificação está além do seu controle, quer o saiba ou não. Em questões de crença desse tipo, o homem não pode ficar em cima do muro. O próprio fato de que a maioria das pessoas que busca saber o que o amanhã lhes reserva, o fazem para se preparar para aceitá-lo ou evitá-lo, subentende imediatamente que, percebam-no ou não, julgam que boa parte do futuro está em suas próprias mãos — e na realidade está, inteiramente.

Alguns podem dizer que tudo o que se comentou acima pode muito bem ser um simples corolário, e que, contudo, há numerosos casos em que pessoas tiveram sua sorte prevista e as coisas preditas ocorreram. Se o futuro não existe

para o homem, exceto como obra sua, esses entusiastas e outros podem perguntar: "Como se explicam tais experiências?" Não vou tentar depreciar tais experiências, dizendo que todas são imaginárias e que as pessoas que as contaram costumam exagerar ao relatar os incidentes. Contudo, resta o fato de que, na maioria dos casos, dá-se precisamente isto, e atrevo-me a escrever com base em investigações pessoais sobre esses fenômenos.

Não é preciso dizer que muitos dos praticantes da **arte da adivinhação** são charlatões. Entretanto, mesmo em se tratando de clientes crédulos, é necessário usar-se certa técnica para assegurar o sucesso do empreendimento. Por conseguinte, muitos dos praticantes fazem uma representação dramática dos seus supostos poderes. Gestos e ambientes aparatosos contribuem para criar uma impressão psicológica no cliente. Objetos estranhos sugerem o sortilégio de forças sobrenaturais e, também, contribuem para o caráter dramático do ambiente. À parte tudo isto, muitos desses praticantes têm a capacidade inata de analisar seu cliente com rapidez e detalhes. Numa conversa de poucos minutos, o indivíduo, inadvertidamente, deixa escapar algumas palavras ou frases que se tornam pistas claras quanto ao seu caráter e revelam suas inclinações e mesmo os seus desejos. Baseado nisso, o praticante pode tecer uma história imaginosa e, muito provavelmente, cheia de generalidades. Quando o cliente vai embora, passa a ponderar sobre as generalidades, ruminando-as, e especula, por exemplo: *"Será que a mulher que ele mencionou, que tem cabelos ruivos e adora música é minha tia Genoveva?"* ou *"se o homem moreno com uma proposta comercial é o sujeito que apareceu no meu escritório com uma pasta ontem à minha procura?"*

Verificamos também que o indivíduo que é enfático, ao elogiar seu **prognosticador** favorito, muitas vezes é aquele que, em seu ardor, confunde

eventos similares com predições. Por exemplo, pode ter havido a declaração: "*Em breve haverá um casamento em sua família.*" E eis que um filho, filha, irmão, irmã, ou algum outro parente realmente se casa. Isto é considerado um sinal do mérito do praticante, mas o que há de notável nisto? Bastaria uma corriqueira investigação imparcial para logo descobrirmos que quando a declaração geral foi feita, "*Em breve haverá um casamento em sua família*", na verdade a pessoa já estava noiva ou **em namoro firme**, e qualquer pessoa que predissesse um casamento, mesmo ignorando fatos, teria, igualmente, acertado. Os detalhes das predições, conforme contados mais tarde pelo indivíduo, muitas vezes falseiam o que o praticante disse. Não é que as invente deliberadamente, mas tira conclusões apressadas; sua imaginação lhe fornece os dados.

Compareci, na companhia de um inteligente homem de negócios, a uma sessão realizada por um **eminente** adivinhador. Meu companheiro se maravilhara com o que afirmava ter sido uma precisa revelação de fatos feita anteriormente e queria que eu testemunhasse os espantosos poderes daquela pessoa. Esse homem de negócios, segundo ele próprio o dissera, tivera anteriormente uma revelação dos acontecimentos do ano seguinte da sua vida e, agora, retornava para ouvir a revelação dos acontecimentos de um segundo ano futuro. O praticante não me conhecia, mas me permitiu ficar com o cliente enquanto botava as cartas. No fim da reunião, meu companheiro estava entusiasmado, mas, francamente, os prognósticos consistiam das generalidades mais ocas que já ouvi. Meu companheiro **iria viajar. Fecharia alguns grandes negócios, nos próximos seis meses. Tinha um rival local, que estava tentando solapar seu negócio; tinha de evitar confiar num estranho, com personalidade agradável, que o visitaria dentro de quinze dias.** Poderiam essas coisas ocorrer? Certamente, e na vida de qualquer homem de

negócios, em quase toda parte do mundo. Não é preciso dizer que meu futuro, de um modo geral, também foi previsto. Meu companheiro chamou-me de cético.

Há muito perigo na predição quando se considera o efeito psicológico sobre a mente de muitos que a praticam. A segurança com que o médium ou oráculo, conforme o caso, afirma categoricamente que certas coisas vão acontecer, pode fazer o cliente cair num estado de fatalismo, sem que o perceba e sem uma compreensão do que significa fatalismo. Por exemplo, se determinado vidente, adivinho, ou algum tipo de astrólogo prediz um período de doença, afirmando que é inevitável, o cliente resigna-se à predição; submete sua consciência à imagem mental do que lhe foi dito. Aceita a sugestão como definitiva. Muitas pessoas, quando informadas pelos chamados adivinhos, que certo ano será extremamente ruim para empreendimentos comerciais de qualquer natureza, independente do que façam para impedi-lo, orientam seus negócios de acordo com essa idéia. De imediato restringem seus empreendimentos comerciais, quando se avizinha o período fatal. Nem, ao menos, pensam tentar se opor à predição, aceitam-na como absoluta e, naturalmente, a predição se **cumpre** — seus negócios, realmente, fracassam. São elas mesmas as responsáveis pelo fracasso; não as **predições**.

Uma mulher, na Austrália, escreveu-me dizendo que tinha de receber, de mim, certas publicações dentro de determinado prazo, pois só viveria até março do ano seguinte. Alegou que um astrólogo lhe dissera que, em março, passaria pela transição. E de tal forma aceitou aquela sugestão negativa e fatalista, que, realmente, se preparara para a transição como se, na realidade, tivesse recebido uma sentença de morte do Todo-Poderoso e Ele houvesse marcado sua execução para aquele período.

Contudo, para ser justo no que diz respeito a predições, não posso omitir uma explicação de alguns resultados que não podem ser postos na conta de fraude. Muitas pessoas contam-nos que, por terem dúvidas, tomaram todas as precauções possíveis, para não serem enganadas, e que, no entanto, o adivinho não só lhes havia dito imediatamente seu nome completo como também o nome de amigos, datas exatas de ocorrências, e descrições minuciosas dos lugares onde haviam estado ou de propriedades que possuíam. Além disso, haviam-lhes falado também de suas esperanças ou desejos mais íntimos. Tais experiências têm sido estudadas na forma de investigação conhecida como **pesquisa psíquica**, e comprovou-se que são claramente causadas pela hipertestesia — uma supersensibilidade.

Os próprios praticantes desconhecem por completo os meios pelos quais realizam tais descobertas. A maioria deles ignora as leis fundamentais dos fenômenos psíquicos, ou mesmo os princípios elementares da psicologia. Portanto, atribuem seus feitos à intervenção de poderes ou forças externas. Os meios que usam, tais como baralhos, bolas de cristal, folhas de chá, posições planetárias etc., provou-se serem desnecessários e que tais pessoas podem obter os mesmos surpreendentes resultados sem utilizá-los. Na verdade, a maioria não os usa e sabe disto, mas aquele instrumental faz parte de seu **cenário**, do clima necessário para impressionar o consulente. Essas pessoas realmente possuem poderes psíquicos altamente desenvolvidos, e a telestesia ou a **telepatia** lhes são inerentemente simples. Não empregam qualquer técnica, assim como tampouco empregamos nenhuma para ouvir sons que nos chegam naturalmente aos ouvidos. Em outras palavras, eles se harmonizam intuitivamente, e sem esforço algum, com a aura do cliente e com sua mente objetiva e subjetiva.

Um grande desejo, esperança ou vontade, firmemente implantado na mente subjetiva do indivíduo, é um poder sempre ativo, quer ele pense conscientemente nele ou não. O praticante psíquico **sente** essas emanções. Para ele, essas emanções são sensações que, sem dúvida, agitam ou provocam no seu cérebro idéias correspondentes àquelas presentes na mente da pessoa que está diante dele. Às vezes, observa-se que o praticante parece andar às apalpadelas, em busca de uma interpretação das sensações que o consulente tem. Assim, ele talvez comece dizendo alguma coisa errada, imediatamente perceba seu erro e diga: "*Não, não é isso — espere um pouco que já ficará claro*". Por fim, acaba formando, das sensações que recebe, a idéia certa que é, então, transmitida ao cliente. Naturalmente, esse procedimento não é incomum e não é, na realidade, predição do futuro. É, contudo, verdadeira leitura da mente. Uma esperança sincera, que a pessoa está decidida a tornar realidade, pode, assim, ser facilmente captada por um **psíquico natural**. Da mesma forma, um indivíduo pode, às vezes, em sua existência, concretizar suas esperanças ou sonhos. Quando isso acontece a tendência é crer que o psíquico previu o seu futuro.

Essas demonstrações são interessantes, do ponto de vista de pesquisa e estudo, mas não têm nenhum sentido prático porque, embora seja divertido alguém ler nossos pensamentos, nada lucramos com isso, pois já estamos cientes deles, antes de consultarmos qualquer outra pessoa. Isso me faz lembrar os testes, em casos de hiperestesia, que são feitos em laboratórios de psicologia. Uma pessoa dotada desses poderes e situada a certa distância é capaz, por meio de concentração, de dizer que linhas da página uma outra pessoa está lendo, apenas por olhar as costas do livro. É verdade que se trata de um feito extraordinário, mas

desnecessário do ponto de vista prático. Se temos o livro diante de nós não precisamos que outros nos digam o que ele contém.

Há tanta necessidade de emprego **útil** dos poderes psíquicos, que é deplorável que eles sejam desviados para a tentativa impossível — a predição do futuro — e, também para encorajar fraudes. A predição científica, baseada no estudo de casos reais e dos seus resultados possíveis e naturais, é o único tipo de predição do futuro racional e está muito longe de qualquer forma de sobrenaturalismo. Exemplos desse tipo de predição são encontrados nas fórmulas químicas, nos mapas dos serviços de meteorologia e nos gráficos baseados na periodicidade cíclica das leis naturais.

QUARTA PARTE: REALIZAÇÃO

Capítulo XXI: MAESTRIA E PERFEIÇÃO

Maestria não é apenas a capacidade de se defender um método ou procedimento pelo qual se pode fazer alguma coisa. Ela também consiste do poder pessoal de realização.

Por conseguinte, maestria inclui não só teoria ou abstração, como também, **prática ou aplicação**. Por certo não se chamaria um músico de mestre, muito embora soubesse a teoria da harmonia musical ou a ciência dos sons coordenados, se não conseguisse tocar um instrumento, compor uma peça ou fazer uma orquestração. Portanto, a maestria consiste em se ter um conhecimento completo de algo e de se desenvolver uma técnica para usar esse conhecimento visando a um resultado efetivo. Todo aprendiz de um ofício ou profissão, e todo estudante, seja de contabilidade ou engenharia, se seu estudo não for meramente superficial, busca a maestria.

É realmente lamentável que estudantes e professores de ocultismo e misticismo tenham dado a impressão de que se apropriaram do termo **maestria** para o uso exclusivo daqueles que buscam a perfeição nesses assuntos. Cada um de nós que aspira a uma vida plena e inteligente, está realmente se esforçando para alcançar a **maestria na vida**. Se existem quaisquer diferenças em maestria, elas se devem somente aos diferentes campos de conhecimento a que o homem possa se dedicar. A maestria é uma técnica que desenvolvemos e essa técnica pode consistir de uma coisa ou outra. É evidente que se uma pessoa se torna mestre no jogo de

cartas, possivelmente não servirá à Humanidade tão bem quando aquele que é um mestre nas leis da saúde, por exemplo.

Depois que se domina uma coisa, é-se capaz de dirigi-la à vontade. O que é, portanto, que se quer dirigir? Na resposta a esta pergunta verificar-se-á se sua maestria tem mais mérito do que a de outra pessoa. Um místico pode ter uma **série de maestrias**, como freqüentemente ocorreu. Leonardo da Vinci, reconhecido místico e filósofo, era um mestre nas artes, nas ciências, na mecânica e na música. Sir Francis Bacon era outro desses mestres místicos múltiplos. O Dr. H. Spencer Lewis, Imperator da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C., com seus muitos feitos e realizações, é mais um exemplo. Para eles, como para todos os místicos, a maestria pessoal — a maestria do eu objetivo e dos princípios Cósmicos da vida — era o mais alto estado de realização, superior a todas as outras maestrias.

Um homem que é fraco de caráter não é forte em coisa alguma. Nenhum homem pode subir muito se for possuído de paixões incontroláveis ou inibido por temores arraigados. Nenhuma possessão ou realização será sólida se for construída sobre as fundações falhas da superstição e da insegurança espiritual pessoal. O místico sabe disso. Sabe, também, que a mente objetiva do homem não é infalível, que está sujeita a estados de espírito, e que seu repertório de idéias se esgota facilmente. O místico deseja uma fonte inexaurível de energia, um poder seguro ao qual possa recorrer antes de tentar a maestria em coisas mundanas como as artes, ciências e profissões. Ele sabe que a inteligência, a mente do Cósmico é onipresente, que a tudo permeia. Todo místico, neste sentido, é um panteísta. Sabe que esse espírito Cósmico não está localizado num canto distante do universo, nem é inerente a algum objeto remoto aqui na Terra. Sabe que ele existe em seu ser como uma forma mais elevada de consciência, como uma inteligência que dirige e

que tudo abrange. Sabe que esse espírito Cósmico não tem respostas e fórmulas prontas para lhe dar, como se a recebesse de uma máquina na qual se depositou uma moeda. Em vez disso, o místico percebe essa Inteligência Cósmica infinita atuando como inspiradora influência nos seus processos de raciocínio silogístico, a fim de que os pensamentos, pontos ou princípios de vida necessários possam fluir de sua mente objetiva. Como o lugar onde mais próximo está da Inteligência Cósmica é **dentro de si mesmo** — nos recessos da sua consciência íntima — é para lá que se volta, em busca dessa inspiração, desse estímulo.

A maestria mística ou domínio do misticismo está, portanto, em encontrar o Poder de Deus dentro de si mesmo. Sua aplicação prática consiste em aprender a usar, na sua plenitude, esses poderes e forças com os quais o Cósmico nos dotou. O místico deseja assegurar sua posição no Cósmico; quer saber sua relação com ele e como pode recorrer à Consciência Universal e desenvolver e aplicar as faculdades que já possuía, antes de se dedicar à realização de qualquer coisa de natureza material. Contudo, ao longo de sua existência, a maioria dos homens funciona da maneira inversa; isto é, põe-se a buscar e a dominar alguma finalidade material, antes que tenha qualquer compreensão de si mesmo. Muitos têm êxito por esse meio — mas o caminho é doloroso. Acabam descobrindo muitos princípios Cósmicos à custa do sofrimento de que são vítimas como resultado de terem violado esses princípios. Não poderíamos considerar um trabalhador experiente, ou mesmo inteligente, se ele procurasse construir qualquer coisa, antes de conhecer as ferramentas necessárias e saber como usá-las. O místico, ao buscar, dentro de si, a sabedoria da Mente de Deus, aprende a usar essas ferramentas naturais, antes de aventurar-se a um empreendimento terreno.

O caminho para a maestria tem de ser pessoal, pois se abre dentro de si mesmo. Por conseguinte, não se pode ser conduzido nem impelido ao longo dele. A preparação para a maestria é uma série de experiências íntimas que tudo abrange, tais como as que nos esforçamos por apresentar nos capítulos anteriores. Essas experiências, das quais se pode, apenas, respigar os princípios, podem ser vividas na intimidade do próprio lar ou do escritório, no campo, na floresta ou no alto de uma montanha. O lugar não importa. Onde o eu está, e onde também existe um desejo sincero de tentar certos métodos, para, possivelmente, produzir as experiências necessárias, aí está o lugar ideal. Se um mestre lhe pode proporcionar métodos úteis, serviu à sua finalidade. Daí por diante, o problema se resume à aplicação pessoal.

Não é necessário sentar-se aos pés de um mestre no Tibete, no Egito ou em Los Angeles. Se o que ele lhe mostrou ou o que lhe pode contar não consegue estimular toda a consciência no nosso ser, de modo que possamos experimentar os princípios básicos da maestria desejada, a associação prolongada com o mestre de nada servirá. Pessoas que se associaram por muito tempo com mestres de uma arte, podem ter tanto sucesso quanto o mestre na aplicação de um determinado aspecto dessa arte. Mas se só podem expressar-se por aquele único meio, na verdade, não são mestres, pois dominaram apenas um único aspecto do conjunto e não são capazes de dirigir, à vontade, o poder que é necessário para a maestria.

O místico não tem de esperar até tornar-se mestre completo do eu para desfrutar das vantagens do seu estudo. À medida que aprende os princípios Cósmicos pode, gradualmente, aplicá-los às coisas do mundo. A expressão popular **mente superior** refere-se a alguém que é um gênio, ou demonstra habilidade excepcional em determinada capacidade intelectual. Aplicada aos místicos, a

expressão refere-se àquele que dominou ou está dominando as fontes e os poderes da Mente Cósmica existentes nele.

A principal preocupação do mestre espiritual é **ajudar a Humanidade a ajudar-se a si mesma**, através de um conhecimento do eu e das leis Cósmicas. A maneira como isto é feito não é um processo ou método que possa ser padronizado, de molde a ser por todos reconhecida imediatamente. Os homens de cada época são diferentes. Por mais que admiremos a conduta do Cristo, na literatura sagrada, podemos imaginar Jesus Cristo hoje, neste século XX, na Terra, comportando-se em público tal como está narrado na Bíblia? Isso seria inconcebível, pois os costumes de então são incompatíveis com os tempos de hoje. Seus motivos espirituais precisariam encontrar uma forma de ação e de expressão que fosse compreensível ao homem de hoje. Jesus não mais poderia falar ao povo em parábolas sobre a vida e os problemas de uma população de simples **pescadores** da Galiléia. Não poderia usar as analogias do camelo. Nem poderia demonstrar fenômenos como os que hoje poderiam ser igualmente realizados num hospital ou em laboratório. Ele não impressionaria o povo com a grandeza ou importância da Sua mensagem, a menos que usasse modos coerentes com a época atual.

O Grande Mestre, hoje, para ser aceito teria que assombrar nossos cientistas pelo Seu conhecimento magistral das leis físicas e das propriedades da matéria com as quais estão lidando. Teria de surpreender os psicólogos e psiquiatras com Sua profunda compreensão do funcionamento da mente humana. Precitaria mostrar que existem qualidades impalpáveis no sangue e em cada célula viva da matriz do sistema humano, que contribuem para as qualidades psíquicas do homem, e que não podem ser pesadas, dissecadas, contadas, aumentadas ou substituídas. Teria de revelar aos físicos que a solução dos princípios mecânicos do

transporte e comunicação mais rápidos não está em maiores motores a explosão ou em princípios revolucionários que afetem os existentes, ou em alguma frequência ou energia mais alta de natureza elétrica, e sim no mecanismo humano, nos processos de pensamento e na natureza da consciência. Teria de mostrar aos químicos de hoje que a vida pode ser criada quimicamente, mas que algo mais que a vida fez a maior de todas as manifestações — **o homem**. Ele teria de apresentar sistemas de alimentação e higiene que ainda não foram concebidos, para deixar claro que o direito de viver é muito mais essencial que o desenvolvimento de complicados sistemas de terapêutica para a cura das doenças resultantes de vida incorreta. Ele não se vestiria de modo conspícuo; não pareceria austero e nem andaria de sandálias ou falaria numa língua estranha. As classes inteligentes O proclamariam um **gênio fantástico** e supremo, mas Ele teria de conquistar seu respeito e admiração pelo Seu brilhantismo e pelas Suas **realizações reais**. Em contraste, Sua grandeza os tornaria humildes e eles procurariam ser Seus discípulos. Acorreriam para ouvi-Lo falar. Contudo, Ele não poderia proclamar-se o Filho de Deus; em vez disso proclamar-Se-ia um dos irmãos da Humanidade, os quais são todos filhos de Deus. Não exortaria a Humanidade à salvação, e sim a que ela deixasse de desperdiçar seus Divinos privilégios de viver e lhe permitisse mostrar o que Deus criara para seu uso e compreensão.

Um mestre menor do que o descrito não seria tão diversificado. Ele poderia dedicar-se a apenas um grande empreendimento humano para servir a Humanidade e elevá-la. Poderia, como Pasteur, Madame Curie, ou Edison e grande número de outros, proporcionar imensa felicidade pelos seus feitos — ou, mais importante ainda, o respeito pelas leis de Deus, conforme manifestas na Natureza. Ele poderia fazer milhares de pessoas **pensar**, voltar sua consciência para dentro,

meditar e cogitar, como o fizeram alguns dos grandes poetas, filósofos, místicos e rosacruzes. Poderia criar grandes obras de arte, cuja beleza faria a Humanidade sentir nas formas terrenas uma beleza transcendental e, por ser a elas atraída, ver-se-ia obrigada a buscar e aspirar uma compreensão da harmonia existente em todas as coisas.

Se quisermos saber onde podemos encontrar os mestres, percorramos o Hall da Fama. Veremos, nos grandes feitos realizados desinteressadamente para a Humanidade e a civilização, pelos homens e mulheres ali inscritos, a alma e a mente dos mestres, muito embora eles assim não fossem proclamados. Há mestres entre nós agora! Fazem coisas, em nosso meio, que estimulam nossa imaginação, agitam nosso coração e despertam e aceleram os poderes psíquicos dentro de nós. Fazem-nos aspirar à vida espiritual. Que mais um mestre poderia fazer?

Existe alguma relação entre a maestria e a perfeição mística? O que se quer dizer, de ordinário, por perfeição mística? Para o que tem o correto ponto de vista místico, não existe uma perfeição **absoluta**, com base na qual se possam considerar todas as outras coisas como proporcionalmente imperfeitas. Para o místico, todas as causas naturais são Divinas. Uma causa Divina não produz efeitos imperfeitos que, por uma série de desenvolvimentos e mudanças, acabam, por fim, atingindo um estado de perfeição. As coisas dependentes de causas Divinas não têm que . atingir nenhuma meta situada além dessas causas. As doutrinas místicas avançadas não mais proclamam que o universo consiste de uma série graduada de realidades, cada uma menos perfeita que a outra, dependendo da distância em que se encontrem do ponto de emanção que é Deus. Essa velha concepção remonta, através de Plotino, a Platão. Ela se originou da crença de que tudo fora, outrora, Divino e, à medida que as coisas emanavam ou se afastavam da natureza de Deus,

tornavam-se menos reais, menos perfeitas. Considerava-se que a solução seria o retorno gradual à fonte Divina.

O misticismo avançado afirma que como tudo tem sua natureza por causa Divina, coisa alguma é falsa. Tudo tem um valor relativo, em relação ao todo Cósmico. O antigo sofista dizia: "*O homem é a medida de todas as coisas*". Isto é um truísmo porque é o homem quem determina, em sua própria mente, o valor do todo e das suas partes. Se de uma árvore o que deseja é apenas a madeira, de pouca ou nenhuma importância lhe serão as folhas. Se o que quer é a sombra, então, aí, sim, considera a folha um fator importante da árvore. Ao cuidar de uma árvore destinada a dar sombra, a perfeição, para ele, são as folhas largas e a folhagem densa. Um macaco só é imperfeito quando o comparamos com o homem. Uma criança só é imperfeita se medida pelo que se espera de um adulto; em sua própria função, na Natureza, nenhum deles é imperfeito.

Misticamente, perfeição quer dizer **complexidade**, acréscimo de poderes e faculdades adicionais. Uma floresta é mais complexa do que uma árvore. Contudo, ela não é mais perfeita do que as árvores isoladas que a compõem, exceto pelo valor arbitrário que o homem confere à complexidade da floresta. Com bastante freqüência, o homem quer dizer quantidade e complexidade quando fala de **perfeição**. Por conseguinte, quando fala em desenvolvimento para a perfeição, está referindo-se à evolução no sentido de maior **expansibilidade**.

Uma pessoa espiritualmente esclarecida, a quem freqüentemente chamamos de mestre, não é mais perfeita que os demais no sentido místico. É, isto sim, uma pessoa de maior alcance, pois desenvolveu e sabe utilizar melhor aquelas qualidades latentes que todos nós possuímos. Por analogia, não podemos dizer que

um guarda-chuva aberto é mais perfeito que um fechado; tudo dependerá do uso que se lhe queira dar.

Capítulo XXII: ESPIRITUALIDADE

Um estado de espiritualidade denota conduta que indica a natureza espiritual do homem. Logo, viver uma vida espiritual é ser governado por aspirações, impulsos e inclinações que se originam do eu divino, e que se expressam conforme os ditames da consciência. É, também, usar esses poderes e faculdades mais elevados que o homem possui e dos quais tem consciência. Portanto, existem certas virtudes nobres que se caracterizam por sua natureza espiritual. Tais virtudes, se não são praticadas por todos os homens, pelo menos são deles conhecidas. Algumas destas são **verdade, justiça, modéstia e misericórdia** e podem, naturalmente, ser aplicadas na vida diária, no trabalho e em nossos hábitos. Se aceitamos o ponto de vista de que as virtudes nobres são a quintessência da espiritualidade — como o é a observância de mandamentos preconizados pelos vários livros sagrados e pelas diferentes religiões — então o homem que as possui deve ser considerado espiritual.

Não basta conhecer as virtudes, é preciso **vivê-las**. Um homem não pode afastar-se do mundo e ser justo para com seus semelhantes. Um homem não pode ser verdadeiramente modesto, somente na sua própria presença. O que vive como recluso, dificilmente tem meios para exercer a misericórdia. Por conseguinte, o homem tem de misturar-se com o mundo. Ele tem de pisar seu solo úmido, banhar-se em suas águas, compartilhar dos seus frutos, acotovelar-se com a Humanidade e compartilhar dos seus problemas sociais, econômicos e políticos. Ele tem de ser um humanista absoluto. Não pode evitar nenhuma das responsabilidades, esperanças e aspirações da Humanidade e, entretanto, tem de transcender às suas tentações, resistir aos seus contágios, pela força das suas virtudes. Tem, também, de satisfazer seus apetites e dar atenção aos seus desejos corporais, porém limitá-los com a

disciplina da sua mente. A menos que um homem participe da vida, suas virtudes não passarão de um aforismo, de uma teoria moral não comprovada. A bondade, disse Aristóteles, é a excelência de uma função. Não existe nenhuma qualidade na bondade no homem, a menos que ele use seus poderes espirituais à perfeição; isto é, não suprima sua existência somática mas, sim, a regule e controle. Um homem honesto não é aquele que está sempre cercado somente da sua propriedade, nem que está sob constante observação. A honestidade está na capacidade de ser desonesto e, no entanto, evitar, intencionalmente, de sê-lo. O homem misericordioso é aquele que tem a oportunidade de ser cruel e não o é.

Assim, a vida espiritual é também muito prática, pois requer participação em assuntos muito realistas. Um homem espiritual é aquele de quem as pessoas dizem: "Sua palavra é uma garantia; eu confiaria nele em qualquer lugar e em qualquer coisa. Podemos, sempre, esperar um tratamento justo da sua parte. O seu coração é do tamanho do seu corpo". Estas são expressões simples; elas se adaptam ao homem comum, ao trabalhador, ao pintor, ao carpinteiro, ao caixa do banco, ao mecânico, ao vendedor e ao caixeiro. Eles são verdadeiros testemunhos da espiritualidade, mas não proclamam, para o indivíduo, um conhecimento magistral de doutrinas espirituais, nem, tampouco, sabedoria astuta das leis Divinas, nem proficiência em exortar as pessoas a seguir certos caminhos na vida. Assim, a espiritualidade não é encontrada em interpretações grandiloquentes e definições de frases sacerdotais, mas, sim, naquela reação humana com base numa compreensão e convicção pessoais íntimas.

A vida espiritual é vivida por aquele que pára no caminho o tempo suficiente para prestar socorro a quem tombou à margem da estrada. Não é, apenas, a que é vivida por aqueles que dizem da necessidade de se fazer isto ou

aquilo, em palavras bem escritas em livros ou ditas de palanques ou púlpitos. Os feitos de cada um de nós se propagam mais longe, mais depressa e são mais duradouros do que nossas palavras. A alma é um agente motor do corpo; este último nunca perturba a primeira. Mãos calejadas são uma barreira muito menor às virtudes espirituais do que mãos macias acompanhadas de um caráter grosseiro. O mascar fumo jamais pode conspurcar o caráter interior, como as mentiras, o logro e a crueldade, por mais bem polidas que sejam. Mostrem-me qualquer homem que exerça uma profissão ou trabalho honroso, qualquer que seja a sua natureza, que **viva** as virtudes, e lhes mostrarei um santo terrestre, apesar do seu macacão e dos seus tamancos. Não existe nenhuma relação definida entre a sensibilidade da vida interior e a rudeza dos modos exteriores. Muita criatura vil oculta-se atrás de maneiras suaves e um exterior culto. Não é preciso ser um esteta, conhecer a técnica do drama, as complexidades das grandes composições musicais, e ser sensível às nuances das cores para ter inclinação espiritual. Os que são espiritualmente ativados não precisam sacrificar sua agudeza mental, a precisão da sua razão, o intenso prazer em consumir uma venda, a alegria de participar em competições mundanas ou no comércio legítimo de alimentos, minérios e mesmo de ouro e prata. Nada do que fazem será profano ou uma violação do espiritual, se é sempre medido pelas virtudes às quais se atêm. Nada que é da terra pode macular a vida, se a alma é o senhor todo o tempo. Aquele que considera que a eficiência comercial, o bom julgamento e administração nos assuntos materiais, e um sentido prático, são sinais de uma natureza baixa ou profana, é um hipócrita ou está vivendo uma ilusão lamentável.

A espiritualidade é assexuada, não há nada de afeminado nela. É um estado de ajuste da Consciência Divina com o mundo em que vivemos e não é

encontrado em um tipo único de indivíduo, nem consiste de uma função física. A pessoa pode ser masculina, viril, cônica da força e da vitalidade do seu corpo, e, entretanto, possuir a ternura da compreensão espiritual.

Tenho conhecido pessoas que se desculparam pela sua falta de eficiência nos negócios, seus baixos poderes de concentração, sua deficiência em capacidade criadora e executiva, sob pretexto de possuírem espiritualidade e um austero alheamento das comodidades da vida. Eu as tenho ouvido dizer sardonicamente: *"Ele é um bom administrador e, por isso, sua mente carece daquelas qualidades espirituais e esotéricas mais refinadas"*. Aquele que desculpa as fraquezas mental e de caráter e a indolência, com reivindicações à espiritualidade, é mais do que um hipócrita santarrão. É um profanador do Divino, porque tenta relacioná-lo com sua própria inépcia mortal.

Capítulo XXIII: CONSCIÊNCIA CÓSMICA

Um estado místico normal é aquele no qual um indivíduo recebe o incentivo, o estímulo e a determinação de fortalecer seu caráter, seguir o curso da retidão e desenvolver as virtudes comumente aceitas. Esses estados místicos de consciência são encorajados pela sociedade. A civilização e a sociedade em geral precisam de todas as religiões e sistemas filosóficos que levam o homem a morar mais próximo do seu Deus ou do Deus que ele concebe, e que fortalecerão seu caráter e o farão seguir o que compreende serem os aspectos espirituais do seu eu interior.

Uma dessas verdadeiras experiências místicas é a da inspiração, o esclarecimento repentino e total do homem, de um modo intuitivo, e não através dos laboriosos processos da razão ou estudo. Contudo, toda inspiração, o resultado do estado místico ou extático de consciência, não é um influxo repentino de novo conhecimento ou nova verdade, ou uma revelação de fatos e circunstâncias. Na maioria das vezes, é uma consagração, é um incentivo para que dediquemos a própria vida a certo ideal, a sermos leais, sinceros, ou a alcançar um objetivo digno. Existem certos testes para se determinar as verdadeiras experiências místicas. Que se diga aqui que as experiências místicas não são isentas daqueles testes aos quais qualquer outra experiência tida por um observador racional estaria sujeita. Quando se acredita que a incoerência e a obscuridade são sinais de consciência mística, está-se cometendo um erro sério, pois a experiência mística tem de ser coerente, ela tem de ser racional e tem de ser ampla.

Existem **quatro pontos** que, como os místicos e muitos psicólogos eminentes concordam, determinam se a pessoa teve ou não uma experiência mística e se, verdadeiramente, atingiu e penetrou no estado de consciência mística.

O primeiro ponto é conhecido como **inefabilidade**. O místico verifica que, ao retornar ao seu estado normal de consciência, é incapaz de expressar em palavras o que experimentou, e que não pode transmitir suas revelações adequadamente a outrem que não tenha passado por experiências semelhantes. Isto porque a consciência mística é mais um fenômeno de **sensação** do que uma vivência intelectual. Cada um de nós sabe como é difícil descrever para outros, verdadeiramente, o valor ou o crescimento de certos sentimentos que temos lido. O ouvido do músico pode captar tons sutis que só ele pode perceber e apreciar, mas não pode fazer que outros os compreendam ou os sintam, a menos que também tenham um ouvido como o seu. O grande artista pode discernir certas simetrias nas formas e tonalidades de cor que escapam aos olhos da pessoa comum, mas não pode fazer que outros participem de sua percepção.

O segundo ponto de determinação é conhecido como a qualidade **noética**, isto é, a qualidade intelectual da consciência mística. A pessoa tem a compreensão de que o que lhe foi transmitido vem de uma Inteligência Suprema ou Superior, que é um conhecimento ou uma sabedoria que ultrapassa qualquer coisa que lhe possa ser transmitida de viva voz por um homem mortal, ou que já foi escrita para o olho físico ler. E mais que isso, ele experimenta uma percepção, isto é, uma compreensão completa, uma iluminação. Não é apenas uma questão de se receber certas sensações ou impressões. É uma questão de compreendê-las, total e completamente. É um vislumbre da natureza de Deus e da profundidade da própria alma. Além disso, o conhecimento adquirido é sempre acompanhado pelo peso da

autoridade. O que é experimentado, jamais é anuviado ou depreciado por qualquer questão ou qualquer dúvida quanto à sua autenticidade. Há sempre uma convicção íntima.

O terceiro ponto é conhecido como **transitoriedade**. Isto se refere à duração ou período de tempo do estado de consciência mística. Em geral se reconhece, por uma questão de registro, que aquele estado não pode ser mantido por períodos superiores a meia ou uma hora. Além disso, os detalhes da experiência sempre são lembrados imperfeitamente. Tem-se plena compreensão do resultado da experiência, da coisa na sua inteireza, mas o que contribuiu, em detalhes, para a mesma, não pode ser lembrado objetivamente. Podemos compará-la a uma bebida que o homem sedento toma. Quando a sede é saciada, ele experimenta grande satisfação, mas teria extrema dificuldade em descrever a bebida. Por certo, admitiria, pelo menos para si mesmo, que o frescor e a umidade da água eram adjetivos inteiramente inadequados para descrever aquelas qualidades que produziram a satisfação por ele sentida. Também, sempre que um estado de consciência mística se repete, a repetição resulta num progresso contínuo. Cada experiência começa onde a última parou. Não há intervalos inexplicados, sempre um desenvolvimento progressivo. É. como se se estivesse vendo uma história a desenrolar-se numa tela cinematográfica e, de repente, em dado momento, o projetor se desligasse, a luz se apagasse e as imagens desaparecessem. Talvez minutos, horas ou dias mais tarde, se o projetor fosse novamente ligado, as impressões visuais na tela começariam exatamente onde a história terminara. Nada ficaria inexplicado ou incompleto. Nunca se andou para trás não há retrogressão no estado de consciência mística.

O quarto ponto de teste e determinação do que constitui a experiência mística da Consciência Cósmica é denominada **passividade**. Independentemente

do procedimento usado para provocar ou induzir o estado de consciência mística, quer ele consista de concentração em uma idéia fixa ou um princípio, uma palavra, ou um lugar, ou se é gerado por algum exercício físico, uma vez iniciado aquele tipo de consciência, o indivíduo se sente como se estivesse na presença de um poder superior, de uma onisciência. Invade-o uma sensação de modéstia, de humildade que o avassala. Ego, vaidade, arrogância, individualidade, tudo dele se desprende e sua alma ergue-se em toda sua pura nudez perante a Autoridade Suprema. Não se sente necessidade de ditar, exigir ou comandar. A pessoa sente apenas desejo de ser apenas receptiva, aguardar uma revelação, como espectadora, com grande esperança, mas sempre com humildade.

O misticismo rosacruz, conforme exposto nas monografias e ensinamentos oficiais **modernos** da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C., é uma síntese daquelas leis e princípios Cósmicos importantes e profundos, já comprovados pelo tempo, que conduzem à Consciência Cósmica. Os ensinamentos rosacruzes incluem muitos dos princípios místicos orientais com as modificações que os tornaram aplicáveis à mente ocidental.

Examinemos o sufismo, como um desses exemplos. O sufismo é uma fôrma de misticismo maometano. Foi desenvolvido no segundo século depois que Maomé, ou Kutam, como era comumente conhecido, tivera sua grande experiência teofânica numa caverna nas encostas do monte Hira, na Arábia. A origem ou etimologia da palavra sufi não foi ainda definitivamente determinada. Algumas autoridades afirmam que provém da palavra safa, que indica pureza moral e espiritual, isenta da contaminação das coisas mundanas e mortais. Outros dizem ser ela derivada da palavra **suf**, que significa lã, porquanto os primeiros ascetas da Arábia, muitos dos quais também eram maometanos, usavam a lã como símbolo do

seu posto ou vocação espiritual. Seja como for, certos devotos maometanos, talvez mais profundos que seus semelhantes e mais espiritualmente propensos, começaram a abominar a ostentação religiosa do crente comum, a pompa e a cerimônia de alguns dos rituais e a recitação roufenha do Corão. Tais demonstrações lhes sugeriam hipocrisia. Além disso, para os maometanos mais devotos, a religião significava mais uma vida interior do que uma exibição exterior. Convenceram-se, por fim, que o Corão, a Bíblia maometana, continha certo texto secreto que não se destinava ao crente casual. Muito diligentemente, examinaram-no e escolheram certas frases sobre as quais meditaram demoradamente, em busca de uma experiência interna ou iluminação.

Jalal-ud-din Rumi é comumente aceito como o pai do sufismo porque, graças às suas pregações e ao seu trabalho missionário, essa doutrina tomou uma forma organizada e um sistema definido de misticismo. Jalal-ud-din Rumi nasceu no ano 1207 no Afeganistão. Seu pai, um homem abastado, era asceta e devoto de renome. Desde tenra idade, o jovem Rumi passou a exibir qualidades de devoção e discernimento espiritual. Algum tempo antes de partir para dar cumprimento à sua grande missão, conta-se que erguera, no pátio junto à sua casa, uma coluna de mármore, um pouco mais alta que ele próprio, em torno da qual podia envolver os braços como num abraço, e juntar as mãos. Então, inclinando-se para trás, de modo que seu peso estivesse sobre suas mãos, rodeava lentamente a coluna, girando, por assim dizer, até que, por fim, sua consciência, como ele declarava, se perdesse num "*oceano de amor*". Isso quer dizer, no nosso entender, que ele era absorvido, durante aquele período, no Cósmico, no absoluto, e experimentava a **consciência mística**. Após retornar de sua imersão no "*oceano do amor*", ficava grandemente iluminado e expunha suas revelações aos que, atentos, o escutavam; e aquelas

revelações acabaram tornando-se algumas das doutrinas do sufismo. Práticas físicas como aquelas, no entanto, foram abandonadas pelos místicos modernos.

Será bom examinarmos, pelo menos até certo ponto algumas dessas doutrinas principais do misticismo sufi. Todo ser, toda realidade, independentemente da sua natureza ou espécie, sua forma ou experiência, compreende uma unidade. Deus é **incognoscível** em Sua essência pura e absoluta. Nenhuma consciência humana pode abranger a Deus. Contudo, Suas manifestações podem ser conhecidas e, assim, até certo ponto, os homens também podem compreender Deus. Os sufis reconhecem substância ou matéria como uma realidade. É o seu mundo material externo ou físico. É um atributo da grande unidade. Não é, como algumas escolas de misticismo e de filosofia afirmam, uma ilusão — meramente um produto dos sentidos receptores do homem. Ela é e inclui substâncias reais. As coisas são como parecem ser. Toda matéria é um aspecto negativo dessa grande unidade. O aspecto ou atributo positivo é invisível. É um mundo superior, um mundo que o homem sente dentro de si mesmo, o mundo da alma ou da inclinação espiritual. Nós, a Humanidade, dizem os sufis, somos uma concretização de Deus, a forma material de Deus, Sua consciência revestida de substância. Deus nos é necessário; ninguém discutirá esta premissa, mas o sufi vai mais longe. Ele declara que somos necessários a Deus, porque o próprio Deus ou a Sua consciência se manifestam em nossa forma física, e sem nós, Deus não teria expressão em substância.

O método para se alcançar a consciência mística, segundo os ensinamentos sufis, é realmente uma **trilogia**; isto é, consiste de três experiências:

- A. A percepção do eu; o homem tem de realmente estar cômscio da individualidade da consciência, que ele é, e, também, que todas as outras coisas **são**; que ele não tem uma existência independente, e sim uma expressão independente, e esta é o eu.
- B. A percepção de **Deus**; não um conhecimento absoluto de Deus, não que a consciência do homem possa abrangê-Lo a ponto de compreender Deus e, assim, conhecer a todas as coisas e, dessa forma, ser Deus. É, antes, uma convicção pessoal íntima, quando está sozinho consigo mesmo, e sem tributos superficiais a religiões, dogmas ou credos, que um Deus realmente existe.
- C. A percepção do **Absoluto**, isto é, saber que Ele realmente existe, que existe uma unidade, que Deus, o eu e a substância existem, um fluindo no outro, e que, entretanto, cada um tem seu propósito e seu lugar e que o homem tem de ser capaz de perceber uma distinção entre eles.

Esta concepção é alcançada quando o discípulo segue uma determinada senda. Essa senda é chamada **Toriqua**, e consiste de vários estágios ou etapas. Não há nada de estranho que insista em que temos de seguir um caminho ou um sistema para obtermos resultados, pois mesmo as nossas várias seitas cristãs nos indicam um caminho que se tem de seguir a fim de alcançarmos a **salvação ou para entrarmos no Reino de Deus**. Contudo, o sufi não é obrigado a esperar uma recompensa eventual pelos trabalhos e esforços exercidos, ao trilhar o caminho indicado. Existem recompensas progressivas que vai recebendo, ao atingir cada estágio. Algumas dessas são caridade, paciência resignada, confiança em Deus, humildade e Paz Profunda.

Para muitos dos outros místicos orientais, a soma final de toda experiência mística era o **êxtase**, um prazer sublime, uma harmonia de todas as sensações de que a consciência humana é capaz. Esse êxtase era uma absorção momentânea do eu no Cósmico, uma inspiração divina da alma. Todo sentido de tempo e espaço desaparecia. Na verdade, o êxtase supremo significava não estar nem sequer cômico do eu corno de ordinário o consideramos. Não havia consciência da própria personalidade, do próprio caráter, da própria identidade, ou de coisas finitas como nome, peso ou raça. Por conseguinte, era com relutância que os místicos orientais retornavam ao mundo. Psiquicamente se integravam no Ser, isto é, tornavam-se parte de todas as coisas, e todas as coisas eram suas e estavam neles e, no entanto, eles nada eram em particular nem coisa alguma existia separadamente.

Contudo, para o verdadeiro místico, nem a existência física nem a existência mortal deve ser posta de lado, em favor de uma absorção permanente no Cósmico. Na verdade, o místico genuíno compreende que a alma jamais pode ser tão livre que possa ser absorvida permanentemente no Cósmico, antes da morte. Portanto, durante a vida, o místico tem que se contentar com a esperança e a felicidade de vislumbrar, de vez em quando, o Cósmico.

Meister Eckhart, grande místico medieval, declarou que um objeto e uma imagem estão ligados numa unidade. Não podemos pensar em fogo sem igualmente pensarmos em calor, e concluiu que, portanto, não podemos separar uma imagem do seu objeto. Além disso, o Cósmico é o **objeto**; ele é real. Inversamente, o mundo físico ou material é a **imagem**; é um reflexo do objeto ou do Cósmico. Sabemos que um espelho ruim distorce a imagem e, assim, também nossa consciência muitas

vezes reflete uma imagem ou um quadro inexato de todo o Cósmico. Essa imagem pode ser muito incompleta, muito imperfeita.

Contudo, a consciência mística, à qual deveríamos recorrer periodicamente, revela uma imagem verdadeira da existência. Logo, o verdadeiro místico usa sua **iluminação**, resultado das suas experiências místicas, para moldar sua vida, sua existência mortal, de acordo com o Cósmico. O verdadeiro místico assemelha-se a um artista que pintasse a paisagem de dentro de uma cela, onde estivesse preso. Pela janela da cela há uma sombra, e brisas ocasionais, agitando-a, permitem-lhe vislumbres da grande beleza ensolarada da paisagem, lá fora. Depois de cada vislumbre, o artista transmite a sensação do que viu para a tela diante de si, na cela, e depois de muitos vislumbres e de muito trabalho, a tela gradualmente participa do realismo e do esplendor da Natureza. Finalmente, ao olhar a tela, sente aquele mesmo enlevo que teve ao olhar pela janela quando as sombras o permitiram. Portanto, o místico rosacruz, o místico moderno, faz seu mundo incluir todas as virtudes e valores Cósmicos, que pode colher na compreensão da sua experiência mística. O Cósmico é o objeto, o mundo é a imagem e o místico faz a imagem conformar com o objeto com a máxima precisão possível. Ele interpreta suas experiências da Consciência Cósmica em termos de obras construtivas, criativas e humanitárias, aqui na Terra.

Portanto, a consciência mística, em ação deveria resultar numa integração dos chamados mundos espiritual e material. Deveria possibilitar ao homem criar mais plenamente em seu limitado mundo objetivo. O homem se expande espiritualmente, não apenas sentindo a majestade maior do Cósmico, mas **imitando-o**, convertendo sua consciência iluminada em realizações mundanas, criativas e desinteressadas. Portanto, o místico não precisa perder seu contato com

outros mortais do mundo material, como parte da sua técnica. Tem de treinar-se objetivamente. Tem de tornar-se proficiente em alguma profissão, arte ou ciência. Essas são as ferramentas pelas quais molda seu domínio da vida, quando a iluminação Cósmica lhe indica um determinado objetivo.

Um místico pode e deve ser capaz de executar trabalhos nos mundos do comércio, da ciência ou da arte, que lhe angariem o respeito dos seus colegas de trabalho e associados, com a mesma facilidade com que volta sua consciência para dentro e experimenta a majestade do Cósmico. Somente a ignorância é que faz com que se imagine que um místico seja incapaz de confrontar as realidades terrenas da época. É um insulto aos poderes que o místico desenvolveu dentro de si acreditá-lo indefeso, despreparado em ambientes mundanos, e que, por conseguinte, deveria ocultar-se em algum retiro nas montanhas e fugir às realidades da vida. Essa concepção falsa, bastante aceita, no entanto, pretende fazer do místico um fracassado onde outros homens são bem sucedidos.

Se quisermos conhecer um místico, não limitemos nossa procura aos mosteiros e templos, mas procuremos, também, nas estradas, nos desvios, nas cidades e aldeias e na azáfama dos grandes centros cosmopolitas do mundo. Quando encontrarmos um homem que é laborioso, estudioso, compassivo, amado por seus amigos e vizinhos, tolerante nas suas opiniões religiosas e que pode mostrar-nos a magnificência e poder de Deus nas coisas mais simples, teremos encontrado um místico. Dotado dessas qualidades, esteja ele em trajes sacerdotais ou em macacão de mecânico, é, não obstante, um místico.

Pelo que ficou dito, não pretendemos insinuar que exista apenas uma técnica específica e fixa que todos têm de usar a fim de atingir a consciência mística. Entre os que lêem estas páginas há alguns que já terão encontrado métodos

mais efetivos. Evidentemente, cada indivíduo adquire meios íntimos e pessoais que lhe dão maior facilidade para alcançar o estado sublime de harmonização. Contudo, como acontece nos ofícios e profissões, primeiro é preciso aprender certos fundamentos e o que se disse é apresentado à guisa de princípios rudimentares que, se seguidos fiel e inteligentemente, e com verdadeiro propósito em mente, conduzirão à obtenção de uma técnica de misticismo e à vida plena que ele propicia.

Esta obra é distribuída **Gratuitamente** pela Equipe Digital Source e Viciados em Livros para proporcionar o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>